



**MARIA ELENA DIAS  
ORTIZ**

**Entre a casa e o mundo: a experiência e/imigrante  
em três romances portugueses contemporâneos**





**MARIA ELENA DIAS  
ORTIZ**

**Entre a casa e o mundo: a experiência e/imigrante  
em três romances portugueses contemporâneos**

dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, na variante de Estudos Portugueses, realizada sob a orientação científica da Dra. Isabel Cristina Saraiva de Assunção Rodrigues Salak, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e do Dr. Paulo Alexandre Cardoso Pereira, Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.



Às minhas meninas, pela companhia e os sorrisos que iluminam os meus dias.



## **o júri**

presidente

Prof. Doutora Ana Margarida Corujo Ferreira Lima Ramos  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

vogais

Prof. Doutor José Cândido de Oliveira Martins  
Professor Associado da Universidade Católica Portuguesa - Braga (arguente)

Prof. Doutora Isabel Cristina Saraiva de Assunção Rodrigues Salak  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora)





## **agradecimentos**

No final deste percurso gostaria de agradecer àqueles que, de uma forma ou outra, contribuíram para tornar a minha experiência mais interessante e enriquecedora:

Aos meus colegas do Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas, que me ensinaram tanto sobre os seus mundos e me permitiram alargar o meu.

À Professora Isabel Cristina e ao Professor Paulo, pela orientação ao longo deste percurso, pelos conselhos honestos, pelos conhecimentos transmitidos e por serem tão autênticos e partilharem connosco a sua paixão pela literatura.

Às Book Geeks, pelo apoio em todo momento, pelas suas palavras de alento, pela companhia apesar da distância geográfica que nos separa e por acreditarem que tudo isto faz sentido.

Ao Andrei, pelo apoio incondicional, por tentar compreender um mundo diferente do seu e por entender as ausências.

Ao Rubén, pelas conversas, por tentar encontrar algum sentido nas minhas ideias e palavras e por acreditar no impossível.

Aos meus pais, por acreditarem em mim e nos meus sonhos, por me terem ensinado a lutar incansavelmente para alcançá-los e por me incentivarem sempre a ser mais e melhor.



**palavras-chave**

alteridade, imagologia literária, e/imigração, inter-identidade, diáspora

**resumo**

No presente estudo procedemos a uma análise da representação do estrangeiro nas obras *Uma Aventura Inquietante* (1958), de José Rodrigues Miguéis; *A Floresta em Bremerhaven* (1975), de Olga Gonçalves; e *O Apocalipse dos Trabalhadores* (2008), de Valter Hugo Mãe, com recurso às ferramentas de análise e à terminologia provenientes do campo da Imagologia Literária. Desta forma, procuramos compreender a experiência migratória das personagens pertencentes às obras analisadas, bem como as dificuldades que estas encontram no seu caminho, através do estudo das suas relações com o trabalho, do modo como se integram, ou não, na sociedade de acolhimento e interação com os «outros», e das interidentidades que são produto da sua interação com a cultura circundante.



**keywords**

alterity, literary imagology, emigration, immigration, inter identity, diaspora

**abstract**

In this study we analyzed the representation of foreigners in the literary works *Uma Aventura Inquietante* (1958), by José Rodrigues Miguéis; *A Floresta em Bremerhaven* (1975), by Olga Gonçalves; and *O Apocalipse dos Trabalhadores* (2008), by Valter Hugo Mãe, using the analysis tools and terminology from the field of Literary Imagology. With this analysis, we sought to understand the migratory experience of the migrant characters through their relationship with work, how they are integrated, or not, in the host society, how they interact with the «others», and the inter identities that are the product of their interaction with the surrounding culture.



# Índice

Introdução .....	17
<b>I Parte – Migração e Estereotipia .....</b>	<b>19</b>
1.1 Tendências migratórias em Portugal no século XX: demandas e destinos.....	19
1.2 Uma emigração com rosto: para um retrato do emigrante português .....	23
1.3 O <i>El Dorado</i> : entre luz e sombra .....	26
1.4 Diáspora e hospitalidade: Portugal, de «país de emigrantes» a «país de imigrantes».....	28
1.5 A des-romantização da migração.....	31
<b>II Parte – Retratos Ficcionalis do Estrangeiro.....</b>	<b>39</b>
2.1 Dar voz à alteridade .....	39
2.2 Ficções da outridade .....	46
2.3 Imagens, autoimagens, heteroimagens .....	48
2.3.1 O «eu» e o «outro» — cruzamentos e especularidades .....	49
2.3.2 O Outro poliédrico.....	57
2.3.3 O Outro e o trabalho .....	65
2.3.4 Na Terra Prometida .....	76
2.3.5 Entre dois mundos: a inter-identidade migrante.....	95
Conclusão .....	103
Bibliografia.....	107





## Introdução

Portugal foi, durante muitos anos, um país de emigrantes. Ao longo do século XX, milhares de portugueses deixaram o país para fugir da fome, da pobreza e da guerra e muitos deles decidiram ir atrás do mito do enriquecimento fácil em terras estrangeiras, principalmente nos continentes americano e africano. Todavia, no final do século passado, mas sobretudo em inícios do século XXI, pode dizer-se que ocorreu uma mudança nas dinâmicas migratórias e Portugal deixou de ser um país (só) de emigrantes, para transformar-se (também) num país de imigrantes, recebendo indivíduos oriundos de todos os cantos do mundo.

Neste contexto, a literatura, que, muitas vezes, serve como registo dos percursos históricos dos povos, cumpre um papel crucial no estudo e na compreensão das vivências daqueles que um dia decidiram abandonar a sua terra natal em busca de melhores oportunidades. Por este motivo, alguns autores da literatura portuguesa têm procurado retratar, nas suas obras, a experiência dos seus emigrantes e, mais recentemente, também dos imigrantes que chegam a Portugal, muitas vezes procurando contar, pelo viés da ficção, aquilo que nem sempre é dito sobre a experiência migratória: que ela é difícil e dolorosa.

Deste modo, seleccionámos para a nossa dissertação um *corpus* diversificado que permita compreender as experiências dos estrangeiros, bem como a forma como eles foram representados em diferentes épocas e em distintos contextos geográficos e socioeconómicos. O romance do nosso *corpus* publicado em data mais distante é *Uma Aventura Inquietante* (1958), da autoria de José Rodrigues Miguéis, que conta a aventura de um português pequeno-burguês na Bélgica dos anos 1930. A seguir, temos o romance *A Floresta em Bremerhaven* (1975), de Olga Gonçalves, em que encontramos o relato, em primeira mão, de dois ex-emigrantes portugueses que decidiram voltar ao Alentejo, a sua terra mãe, após três anos de intenso trabalho na Alemanha. Por último, temos *O Apocalipse dos Trabalhadores* (2008), de Valter Hugo Mãe, que explora de forma transversal a história de um jovem imigrante ucraniano, radicado em Bragança, que veio para Portugal com o sonho de poder juntar riqueza e salvar a sua família da fome. Apesar de parecerem, à primeira vista, muito diferentes, pelas suas características estilísticas e genológicas, estas obras têm muito em comum, sendo o principal fator coesivo a representação da íntima relação existente entre a migração e a estereotipia.

De forma a contextualizar as obras e a construir uma base teórica que nos permita compreender melhor o contexto histórico-social em que são chamadas a agir as personagens dos romances, optaremos por construir um primeiro capítulo, intitulado «Migração e Estereotipia», no qual faremos uma revisão bibliográfica destes dois temas, conferindo especial atenção às diferentes vagas da emigração portuguesa durante o século XX, à transformação do perfil do emigrante português ao longo do tempo, às consequências da emigração no plano social (tanto da sociedade portuguesa, como das comunidades que acolheram os seus emigrantes), às mudanças trazidas pela transformação de Portugal num país de imigrantes (e não já de emigrantes) e, por último, à estereotipia ligada à migração e ao efeito desta no encontro (ou conflito) entre culturas.

No segundo capítulo, intitulado «Retratos Ficcionais do Estrangeiro», ocupamo-nos sobre as obras literárias selecionadas para o nosso estudo. Na primeira parte, procuraremos fazer uma breve apresentação das obras, contextualizando-as nos períodos histórico-literários em que elas se inscrevem e destacando as suas principais características estéticas, procurando igualmente evidenciar os aspetos em que se distinguem. Na segunda parte, será nosso objetivo mostrar o modo como todas elas procuram dar voz ao «outro», isto é, ao estrangeiro, apesar de o fazerem através de processos diferentes e acionando temáticas distintas. Na terceira parte, é nosso intento proceder ao estudo das representações do estrangeiro inscritas nas obras, com recurso aos instrumentos de análise e à terminologia facultados pela Imagologia Literária. Para conseguir uma melhor compreensão dessas imagens de carácter representativo, dividiremos a terceira parte em cinco subpontos, procurando mostrar as representações do estrangeiro em diferentes contextos, de modo a podermos compreender o mosaico constituído pela imagem do estrangeiro.

Assim, através do estudo de três textos literários tão distintos, tanto de um ponto de vista genológico como periodológico, ser-nos-á possível reconstituir a experiência de muitos migrantes quer em território estrangeiro, quer na própria pátria após o seu regresso.

## **I Parte – Migração e Estereotipia**

A história do povo português tem sido, desde cedo, marcada pelo fenómeno da migração. Num primeiro momento, os movimentos migratórios foram definidos pelas viagens de exploração de territórios e de colonização e, mais tarde, foram incentivados pelo desejo de fugir à miséria, à guerra e à tirania e de cumprir objetivos de vida que a situação de Portugal não permitia atingir. Neste capítulo, iremos fazer uma breve introdução ao tema da migração e da estereotipia criada à volta dos migrantes. Assim, começaremos por apresentar uma descrição das diferentes vagas migratórias do século XX, através da qual podemos entender a dinâmica das migrações portuguesas ao longo do século, continuaremos com o perfil do emigrante português, seguido das consequências da emigração portuguesa ao nível social (relativamente aos que ficaram em Portugal e aos que partiram). Mostraremos, em seguida, a mudança de estatuto de Portugal de «país de emigrantes» para «país de imigrantes», na viragem para o século XXI, e a vida do imigrante em Portugal; por último, abordaremos a questão da estereotipia e procuraremos mostrar o modo como este tópico se encontra interligado com o tema da migração e as consequências desta relação cúmplice nas relações entre as sociedades de acolhimento e os imigrantes.

### **1.1 Tendências migratórias em Portugal no século XX: demandas e destinos**

Por tratar-se de um processo constante ao longo dos últimos séculos, a emigração pode ser dividida em diferentes ondas, de acordo com a variação dos destinos preferidos pelos portugueses nas diferentes épocas e pelo tipo de emigração por eles escolhida. Neste ponto, procuraremos descrever os principais movimentos de emigração portuguesa durante o século XX<sup>1</sup>. Assim, encontramos o movimento de emigração transoceânica, que se estendeu até finais do século XX, o movimento de emigração intraeuropeia, que ganhou força com a reconstrução europeia do pós-guerra e que continua até aos dias atuais, e o

---

<sup>1</sup>A descrição dos principais movimentos de emigração portuguesa durante o século XX, apresentada de seguida, é largamente baseada nos estudos incluídos em *Portuguese Migration in Global Perspective* (1990), editado por David Higgs, e em *Portugal Migrante – Emigrantes e Imigrantes, Dois Estudos Introdutórios* (2000), organizado por José Luís Garcia.

movimento de emigração portuguesa em finais do século XX, caracterizado pela emigração sazonal dentro do território europeu.

A emigração transoceânica foi a mais importante durante a primeira metade do século XX, uma vez que a maior parte dos emigrantes portugueses eram acolhidos pelo continente americano, principalmente pelo Brasil. De acordo com o estudo realizado por Helena Mateus Jerónimo *et al.* (2000), o último quartel do século XIX foi o período mais importante da emigração portuguesa para o Brasil, que recebeu cerca de 93% dos emigrantes, segundo os registos da emigração legal. Ao mesmo tempo, existia a emigração clandestina, incentivada principalmente pela vontade de escapar ao serviço militar, sobre a qual não se têm dados concretos, pelo que é provável que a percentagem fosse ainda maior. O número de emigrantes que escolheram o Brasil como destino continuou a aumentar durante as primeiras décadas do século XX, só diminuindo após a crise económica e financeira de 1929 que obrigou o país a tomar medidas restritivas (cf. Jerónimo *et al.*, 2000: 20).

A par da emigração para o Brasil, começou a surgir o interesse por outros países do continente americano (como a Argentina e os Estados Unidos) e alguns países do continente europeu (a partir de 1915), mas o Brasil continuava a receber mais de 50% dos emigrantes portugueses. Destes novos destinos, os Estados Unidos era o preferido, sendo que, «desde o início do século até ao começo da Primeira Guerra Mundial, o número de portugueses que partiram para os EUA representa[va] cerca de 16,7% do total da emigração oficial nacional nesse período» (*Ibidem*: 23). No entanto, entre as décadas de 30 e 40, o número de emigrantes que escolheram os Estados Unidos como destino decresceu e só tornou a atingir proporções elevadas a partir dos anos 60 (cf. *Ibidem*: 24)<sup>2</sup>.

Por outro lado, a emigração portuguesa para a Venezuela, que foi quase inexistente até aos anos 40, acentuou-se drasticamente na década de 50, surgindo em segundo lugar no quadro das preferências da emigração portuguesa (cf. *Ibidem.*, 2000: 31). Os primeiros emigrantes que se radicaram na Venezuela geralmente possuíam estatuto social e económico baixo e concentraram-se principalmente em atividades agrícolas e no

---

<sup>2</sup>A emigração para o Brasil também foi menos significativa a partir dos anos 40 por variados motivos; entre eles, encontram-se as restrições impostas pelo governo brasileiro aos emigrantes, as limitações colocadas pelo governo português e as dificuldades de transporte transatlântico durante a Segunda Guerra Mundial (cf. Jerónimo *et al.*, 2000: 20).

trabalho não qualificado pesado (cf. *Ibidem*: 33), como a maior parte dos emigrantes que abandonou o país nessa altura.

A década de 1950 deu início ao fluxo migratório para a África do Sul, «constituído basicamente por madeirenses e portugueses do continente que tinham deixado Moçambique» (*Ibidem*: 29). Também a emigração portuguesa para o Canadá começou em meados do século e, embora nunca tenha atingido os valores da corrente emigratória para os Estados Unidos, constituiu um dos capítulos mais relevantes da emigração transoceânica (cf. *Ibidem*: 27). De acordo com Jerónimo *et al.*, «o período fundamental da emigração portuguesa para este país ocorreu nos anos 60 e 70», tendo registado os valores máximos entre 1971 e 1974 (*Ibidem*: 27). Apesar de as saídas de emigrantes portugueses terem sofrido uma redução geral na década de 1970 (cf. *Ibidem*: 30), tanto o Canadá como os Estados Unidos receberam nesse período o maior número de emigrantes portugueses registado ao longo do século (cf. *Ibidem*: 24).

Na década de 1980, com o declínio do fluxo emigratório europeu, os Estados Unidos da América retomaram o primeiro lugar como destino preferido para a emigração portuguesa, seguidos pela Venezuela, em segundo lugar, principalmente entre 1980 e 1984 (cf. *Ibidem*: 32). A emigração para o Canadá, que também tinha vindo a diminuir desde 1974, viu-se alterada e teve um aumento no final dos anos 80. No entanto, a emigração para a África do Sul, que já decrescia paulatinamente desde 1967, atingiu valores praticamente residuais no final da década (cf. *Ibidem*: 29).

O interesse dos emigrantes portugueses por destinos europeus surgiu em parte devido às políticas restritivas impostas pelo governo brasileiro. Por outro lado, a explosão económica do período pós-guerra, causada pela reconstrução europeia impulsionada sob a égide do plano Marshall, que trouxe o desenvolvimento técnico e industrial, «provocou um défice de mão-de-obra que foi compensado pelo recrutamento em grande escala de trabalhadores estrangeiros» (cf. *Ibidem*: 35). No início, a população portuguesa emigrante escolheu a França e a Alemanha como destinos principais, mas progressivamente estendeu-se a outros países como a Bélgica, a Suíça, a Holanda, a Inglaterra, os países nórdicos e o Luxemburgo (cf. *Ibidem*: 35, 37). Depois de ter ultrapassado os valores de emigração para o Brasil, em 1963, a França tornou-se no principal destino europeu, tendo recebido um crescente número de portugueses até 1974 (cf. *Ibidem*: 37). A preferência por este destino estava relacionada com a circunstância de não serem exigidas qualificações ou experiência

por parte dos empregadores e com a facilidade de entrada no país e de legalização de situações de trabalho e alojamento por parte das autoridades. Desta forma, era na França que muitos portugueses viam as possibilidades de concretizar os seus projetos de sucesso económico e social, mesmo que para isso tivessem que desempenhar trabalhos como assalariados desqualificados (cf. *Ibidem*: 44-45).

O Luxemburgo e a Suíça foram destinos menos frequentes e mais tardios na emigração portuguesa, mas ambos acolheram um número significativo de portugueses que emigraram de forma ilegal, sendo que o segundo chegou a ultrapassar o primeiro em grande medida. Assim, é importante notar que, tanto num caso como no outro, «as fontes estatísticas do destino dão sempre conta de valores superiores aos registados internamente» (*Ibidem*: 49), porque as saídas que não eram contabilizadas em Portugal eram registadas como entradas nos países de acolhimento. Em ambos casos, a presença dos portugueses era irrelevante antes da década de 1970, mas, a partir dessa data, houve um crescimento exponencial na população de emigrantes lusitanos nesses países, tendo-se registado o maior número de entradas até 1974 (cf. *Ibidem*: 49-51). No caso do Luxemburgo, podemos salientar que a reunião familiar foi «permitida e estimulada pela política vigente no país de acolhimento, por razões de natureza económica e para colmatar o crescimento demográfico negativo da população luxemburguesa» (*Ibidem*: 50). Na emigração para a Suíça, o reagrupamento familiar constituiu uma das principais formas de entrada no país, especialmente a partir de 1982 (Marques *apud Ibidem*: 52).

Após o 25 de Abril de 1974, uma boa parte dos portugueses que se encontravam espalhados pela Europa apressaram o seu regresso, na esperança de que em Portugal acontecesse uma mudança das estruturas socioeconómicas, a curto prazo (Pelotte *apud Ibidem*: 48). Este acontecimento praticamente coincidiu com a promulgação do fecho das fronteiras alemãs a quem não fosse cônjuge ou filho de algum emigrante anteriormente legalizado, o que precipitou ainda mais o regresso dos emigrantes que se encontravam na Alemanha (cf. *Ibidem*: 50). A partir de 1983, o governo alemão começou a incentivar o regresso dos emigrantes às suas terras de origem, através da Lei de Apoio ao Regresso dos Imigrantes, que previa a atribuição de um prémio aos trabalhadores estrangeiros que abandonassem o país definitivamente, desde que cumprissem com as condições estipuladas pela lei, e o direito de levantar os descontos que tinham sido feitos para o seguro das pensões (Pelotte *apud Ibidem*: 48).

Face ao quadro de recessão enfrentado pelo Luxemburgo, em 1975, foi registada uma estabilização do movimento migratório e um intenso movimento de reagrupamento familiar, o que deu lugar ao aumento da população portuguesa no país, que, desde 1976, constitui a comunidade estrangeira mais numerosa nele residente (Arroteia *apud Ibidem*: 49).

A partir de meados da década de 1980, houve uma redução na quantidade de portugueses que abandonaram o país com intenção de residir no estrangeiro por um período superior a um ano, mas aumentou a quantidade de emigrantes sazonais (cf. *Ibidem*: 53). Em ambos casos, estes emigrantes dirigiam-se preferencialmente para destinos europeus, entre os quais se destacavam a Alemanha, a França e a Suíça (cf. *Ibidem*: 55). Esta preferência encontrava-se relacionada, principalmente, com a facilidade que os países integrantes da União Europeia apresentavam, no que respeitava à liberdade de circulação e instalação em outros territórios (cf. *Ibidem*: 55). Embora a Suíça não fosse um dos países integrantes da União Europeia, foi um dos destinos que recebeu mais emigrantes sazonais de nacionalidade portuguesa nas últimas décadas do século XX, devido à carência de mão-de-obra durante a época alta do turismo de neve (nos meses de inverno) e de construção civil, durante o verão (cf. *Ibidem*: 55).

Os destinos tradicionais da emigração portuguesa tornaram-se menos relevantes à medida que foram instaurando controlos estritos da entrada de imigrantes (como o Canadá, a África do Sul e os Estados Unidos) ou que sofreram uma degradação do seu atrativo, graças à instabilidade política e à insegurança económica (como a Venezuela, a África do Sul, Angola e Moçambique) (cf. *Ibidem*: 55).

## **1.2 Uma emigração com rosto: para um retrato do emigrante português**

Durante o século XIX, a emigração para o Brasil foi principalmente masculina, sendo, na maioria dos casos, jovens que acompanhavam os pais ou outro familiar (cf. *Ibidem*: 21). Já no início do século XX, «a tradicional emigração individual e essencialmente masculina é engrossada por um crescente expatriamento de tipo familiar» (*Ibidem*: 21). No início do século, a maior parte dos portugueses que chegava ao Brasil ocupava postos de trabalho no setor primário, dado que se tratava de «indivíduos ligados às tarefas agrícolas; em segundo lugar, surge o sector terciário que contribui com

proprietários, empregados de comércio, alfaiates, barbeiros, etc.; segue-se, finalmente, o sector secundário, especialmente com a emigração de artífices» (*Ibidem*: 23).

De acordo com Jerónimo *et al.*, é difícil traçar o perfil socioprofissional do emigrante português nos Estados Unidos de América, devido à falta de dados históricos; no entanto, as informações disponíveis sugerem que, até aos anos 30, ele era geralmente do sexo masculino, solteiro, jovem (entre os 16 e os 29 anos) e não possuía qualificações específicas, tendo-se adaptado às condições disponíveis na região onde se instalava (Baganha *apud Ibidem*: 27). Por outro lado, os poucos emigrantes que se instalaram no Havai «eram, em regra, mais velhos, casados, acompanhados da família e na sua maioria tornaram-se assalariados agrícolas nas plantações de açúcar» (Baganha *apud Ibidem*: 27).

Os primeiros portugueses que emigraram para a Venezuela também tinham, geralmente, baixo estatuto social e económico, pelo que se concentraram em atividades do setor agrícola e em outros trabalhos pesados (cf. *Ibidem*: 33); no entanto, os emigrantes que chegaram mais recentemente a este país «evidencia[va]m níveis de qualificação mais elevados, correspondendo a uma mão-de-obra mais especializada» (*Ibidem*: 33).

Os emigrantes que escolheram França como destino foram «ocupar os postos de trabalho abandonados ou não preenchidos [por outros emigrantes], como assalariados desqualificados em indústrias intensivas em mão-de-obra» (Baganha *apud Ibidem*: 44-45). Na atualidade, os emigrantes portugueses fixados em França têm melhores condições de vida a todos os níveis (habitação, orçamentos familiares, posse de automóveis, bens duráveis, propriedade de uma segunda casa em Portugal) (cf. *Ibidem*: 44).

De acordo com Anderson e Davis, «the history of the Portuguese in Canada up to 1952 is almost exclusively the history of men. Initially explorers, later on they came as fisherman or adventurers» (Anderson & Davis, 1990:136). Esta situação continuou a repetir-se durante a década de 1950, pois muitos eram solteiros e aqueles que eram casados «eram obrigados a partir sozinhos até reunirem as condições que permitissem levar a esposa e a família» (Jerónimo *et al.*, 2000: 27-28). Os emigrantes portugueses geralmente ocupavam postos de trabalho em áreas pouco qualificadas, devido à fraca escolaridade e escasso conhecimento das línguas oficiais do país (*Ibidem*: 28-29). Embora menos frequentes, também existiam emigrantes de classe média que geriam os seus próprios negócios (principalmente agências de viagens, drogarias e *stands* de venda de automóveis), nos quais também trabalhavam as suas esposas (cf. *Ibidem*: 29).



No caso dos emigrantes portugueses que se radicaram no Luxemburgo, estes ocuparam inicialmente os postos de trabalho que tinham sido deixados por outros emigrantes devido à promoção profissional (cf. *Ibidem*: 49-50). Assim, os portugueses encontravam-se principalmente repartidos pelo setor da construção civil, da indústria transformadora, da agricultura, dos transportes e dos serviços domésticos (Arroteia *apud Ibidem*: 50). No que respeita aos seus dados demográficos, tinham as mesmas características que a maior parte dos cidadãos que abandonaram o país, sendo a maior parte jovens do sexo masculino, os quais emigravam sós e posteriormente levavam a família (cf. *Ibidem*: 50). Na Suíça, a situação não foi muito diferente: os emigrantes portugueses, principalmente jovens do sexo masculino, concentraram-se, mais uma vez, em postos de trabalho menos qualificados (cf. Jerónimo *et al.*, 2000: 52), ligados à procura sazonal.

Até 1975, a população portuguesa instalada na África do Sul tinha sido composta principalmente por emigrantes madeirenses de origens humildes e baixo nível de escolarização (cf. Rosa & Trigo, 1990: 183), com reputação de trabalhadores honestos e empenhados, mas em posição de evidente subalternidade no que respeita aos planos político, social e económico (cf. Jerónimo *et al.*, 2000: 30). Com a declaração da independência de Moçambique em 1975, os portugueses que chegaram à África do Sul trouxeram mudanças significativas na estrutura social e económica, já que «muitos eram profissionais liberais com um elevado nível de escolaridade, o que permitiu um aumento da credibilidade e da influência política, social e económica da comunidade portuguesa» (*Ibidem*: 30). Na atualidade, a maior parte dos emigrantes portugueses está concentrada em trabalhos que requerem níveis de qualificação elevados (cf. *Ibidem*: 31).

Desde finais do século XX, a emigração transoceânica perdeu importância e os principais destinos de emigração passaram a ser países europeus, principalmente aqueles que integram a União Europeia (cf. *Ibidem*: 55). É importante sublinhar que, desde meados da década de 1980, se tem verificado uma tendência decrescente na quantidade de cidadãos que abandonam o território português com intenções de residir fora do país por um período superior a um ano (cf. *Ibidem*: 53). Assim, a maior parte dos emigrantes tem o objetivo de cobrir necessidades de funcionários sazonais em países como a França, a Alemanha e a Suíça, que oferecem salários muito mais elevados e condições favoráveis para a emigração temporária (cf. *Ibidem*: 55). De acordo com os autores, embora a Suíça não seja um dos países integrantes da União Europeia, é uma das principais sociedades de acolhimento da

emigração portuguesa na atualidade, uma vez que facilita os trâmites para autorizações de residência e trabalho temporários, para fazer face às necessidades de mão-de-obra na época alta do turismo de neve e da construção civil durante o Verão (cf. *Ibidem*: 55). No que respeita às características demográficas dos emigrantes portugueses da atualidade, não foram registadas grandes mudanças, uma vez que a maioria continua a ser constituída por jovens do sexo masculino (cf. *Ibidem*: 55).

### **1.3 O *El Dorado*: entre luz e sombra**

A emigração é um fenómeno que acontece, principalmente, quando as condições económicas, políticas ou sociais (ou ambas) do país de origem são desfavoráveis para os seus habitantes. Muitos são incentivados pela esperança de um futuro melhor, quer no país de acolhimento, quer depois na própria terra natal, no regresso após uma vida de trabalho. Os estudos mencionados sobre a emigração portuguesa mostram claramente que foram esses os motivos que levaram os portugueses a emigrar ao longo do tempo. A emigração é frequentemente vista e contada como uma odisséia, uma aventura heróica, mas a verdade é que esta tem consequências bastante profundas nas sociedades, tanto na de origem, com na de acolhimento.

José Luís Garcia afirma que «para o Estado, o imigrante “sem papéis” não tem existência — eis uma expressão que aponta para a presença, se não permanente, pelo menos latente, na política e o agir contemporâneos, de uma conceção de homem reduzida a um simples corpo» (Garcia, 2000: 1). Foi nesta situação que muitos emigrantes portugueses se encontraram no estrangeiro durante o século XX, condenados ao estatuto de simples corpos de trabalho, cuja presença era instrumentalmente reduzida à sua força laboral. As condições miseráveis do «transporte colectivo para Espanha e depois para a França e a Alemanha, às mãos de redes mafiosas que cobravam caro e corrompiam as polícias, de portugueses escondidos em grupos no interior de camiões» (*Ibidem*: 5) eram só o início da experiência que os esperava. O mito do enriquecimento fácil que, muitas vezes, se desenvolvia à volta dos destinos de emigração fazia com que parte das pessoas que ficavam no território português fantasiasse sobre as suas vidas e as riquezas que os rodeavam, mas a situação vivida por grande parte dos emigrantes (tanto legais como ilegais) não era essa. Quase todos tinham que lidar com a ausência de processos de integração institucionais, a barreira da língua, a falta de direitos e proteção social,

habitações degradadas em bairros e a separação familiar, entre outras situações (cf. *Ibidem*: 5). A verdade é que «aceitavam desempenhar trabalhos desqualificados, suportavam penosas situações laborais, [e] viviam em habitações precárias [...], a troco de um salário que era muito superior ao que recebiam em Portugal e que lhes permitia concretizar os seus objectivos» (Jerónimo *et al.*, 2000: 38), que se podiam resumir em «ostentar, no regresso episódico, automóveis e radiocassetes, e no fim de uma vida de trabalho permitir a aquisição de uma casa em Portugal» (Garcia, 2000: 5). O preço que pagavam, contudo, era bastante elevado.

Como foi mencionado anteriormente, muito frequentemente os homens emigravam primeiro, deixando as esposas e/ou famílias em Portugal, enquanto conseguiam reunir os recursos necessários para que todos se pudessem instalar no país de acolhimento, o que poderia demorar vários anos. No caso dos emigrantes que iam para o Canadá, por exemplo, poderiam passar dez ou doze anos até que o emigrante conseguisse levar a sua família (cf. Anderson & Davis, 1990: 136), muitas vezes optando por mudar-se «para o leste quando as famílias se lhes juntavam, por não poderem suportar as despesas das viagens da mulher e dos filhos na travessia do continente» (Jerónimo *et al.*, 2000: 28). A emigração dos homens sem a família implicava que muitas crianças cresciam sem figuras paternas e que os filhos mais velhos, ainda jovens, tinham que tomar conta dos trabalhos e das tarefas diárias dos pais ausentes para ajudar as mães e assegurar que os restantes membros da família contavam com os recursos necessários para o seu sustento. Por outro lado, este quadro circunstancial também se refletia em casamentos tardios na vida das mulheres, no aumento da quantidade de mulheres que ficavam solteiras, no aumento dos casos de infidelidade, em padrões de residência matrilocal,<sup>3</sup> no aumento de mulheres herdeiras e em intervalos muito alargados entre os nascimentos dos filhos (cf. Brettel, 1990: 69-70).

De acordo Jerónimo *et al.*, «da integração do emigrante na sociedade de acolhimento resulta a fusão de dois universos culturais: uma cultura local desse universo mais amplo que se pode, eventualmente, designar por “cultura portuguesa” e a cultura do novo “espaço” que o acolhe» (Jerónimo *et al.*, 2000: 60). São exemplos desta fusão as comunidades, grupos e associações que foram criados por luso-descendentes em diversos países e que, «de alguma forma, recriam eventos, costumes e festividades características

---

<sup>3</sup>Relativo a **Matrilocidade**: *s.f.* (1981) ANTRPOL costume institucionalizado segundo o qual, após o matrimónio, os conjugues vão morar com a mãe da mulher, ou na mesma povoação (Houaiss, 2001: 2423).

[...] das suas regiões de origem» (*Ibidem*: 45), porque assim como «há um pouco de Portugal espalhado pelo mundo, [...] há um pouco de outros “mundos” nesse Portugal das comunidades luso-descendentes» (*Ibidem*: 60). Graças a estas iniciativas, algumas tradições culturais portuguesas acabaram por ser integradas nas sociedades de acolhimento, como é o caso da gastronomia portuguesa que, em diversos países (entre eles a África do Sul), deixou de ser restrita ao mundo dos emigrantes portugueses e se tornou disponível em grandes cadeias de supermercados (cf. *Ibidem*: 31) e restaurantes.

#### **1.4 Diáspora e hospitalidade: Portugal, de «país de emigrantes» a «país de imigrantes»**

Ao longo dos anos 80, uma mudança nas dinâmicas migratórias fez com que os países do Sul da Europa deixassem de ser os principais fornecedores de mão-de-obra para os países industrializados do Centro e do Norte da Europa (cf. Rovisco, 2000: 69). Desde então, os países do Sul da Europa (principalmente Portugal, Grécia e Espanha) têm atraído grandes massas de imigrantes dos países da Europa de Leste e da África (cf. Baganha & Góis, *apud* Rovisco, 2000: 67). Assim, nas últimas duas décadas do século XX,

Portugal torna-se [...] palco de um modelo imigratório que se desenvolve num espaço social triangular: “(...) o dominante, onde se cruzam os fluxos da União Europeia e dos PALOP, o das contracorrentes, onde se assiste à emergência de uma nova imigração brasileira e, por fim, o emergente, constituído sobretudo pela imigração asiática dos pequenos negócios”. (cf. Baganha & Góis *apud* Rovisco, 2000: 69).

O fluxo de imigrantes africanos que se instalaram em Portugal teve origem na necessidade de mão-de-obra, inicialmente para as obras do metro de Lisboa e, mais tarde, para a construção de edifícios na área metropolitana, que não podia ser coberta pelos cidadãos portugueses, uma vez que muitos deles tinham emigrado (cf. Garcia, 2000: 5). A elite política (anterior ao 25 de Abril de 1974)

abriu as portas a esses imigrantes, “instalou-os” na miséria e em bairros de lata onde ainda permanecem; as elites políticas atuais, a par de medidas muito tímidas de promoção da integração na cidadania portuguesa, da dignidade habitacional e da escolarização dos imigrantes, emparceiram com o fechamento ditado pela orientação da União Europeia. (*Ibidem*: 5)

Assim, dando provas de uma flagrante amnésia coletiva, Portugal paga aos seus imigrantes recebendo-os da mesma forma que outros países receberam os seus emigrantes anos atrás. E, mesmo precisando que os seus emigrantes voltem, dificilmente procura meios de incentivo ao regresso ou disponibiliza meios que ajudem a sua (re)integração e a integração dos seus filhos na sociedade portuguesa (cf. *Ibidem*: 5). O Estado português não só negligenciou as despesas com a imigração, não se tendo preocupado com a integração cultural, o ensino da língua e a melhoria das condições habitacionais (cf. *Ibidem*: 111), como também restringiu os orçamentos e apoios para os filhos dos emigrantes portugueses (que ainda se encontravam fora do país) aprenderem a língua portuguesa e prosseguirem a sua escolarização (cf. *Ibidem*: 110).

Nos primeiros anos do século XXI, o número de imigrantes legais em Portugal teve um aumento significativo<sup>4</sup> com a chegada de uma elevada quantidade de imigrantes provenientes da Europa de Leste (cf. Costa, 2010: 97). De acordo com os dados apontados por Alexandre Costa, estes imigrantes dificilmente encontravam empregos de acordo com as suas habilitações, pelo que se viam tendencialmente confinados a profissões inferiores àquelas que exerciam nos seus países de origem (cf. *Ibidem*: 53).

No documentário *Lisboetas* (2004), de Sérgio Tréfaut, que convocaremos aqui como fonte complementar, é retratado o quotidiano de milhares de estrangeiros que, tal como muitos portugueses que emigraram para outros países, decidiram tentar a sua sorte em território português, com o objetivo de melhorar as suas condições e qualidade de vida. Tréfaut mostra a experiência de imigrantes oriundos de diferentes cantos do mundo — da Europa de Leste, do Brasil, da Índia, da China e do continente africano — em Lisboa. A necessidade de falar uma língua completamente diferente da sua língua materna (exceto no caso dos imigrantes brasileiros), sem tempo e recursos suficientes para a aprenderem de forma adequada, representa uma das principais dificuldades destes imigrantes, tal como aconteceu com os portugueses que emigraram há décadas atrás para países como o Canadá, os Estados Unidos, a França ou a Alemanha. Assim, vemos como a falta de fluência na comunicação torna mais problemáticos os processos de legalização dos indivíduos, visto terem dificuldades em entender o que lhes é pedido e, quando o entendem, não conseguem exprimir-se tão claramente como desejam. Esta barreira comunicacional dificulta a procura de trabalho e é frequente a ocorrência de situações em que terceiros se tentam aproveitar

---

<sup>4</sup>Entre 2000 e 2001, foi registado um crescimento de 68% no número de imigrantes legais em Portugal, dos quais a maioria era oriunda dos países da Europa de Leste (cf. Costa, 2010: 97).

destas fragilidades, oferecendo-lhes piores condições. Por último, esta situação torna mais difícil a sua vida quotidiana, pois ao não conseguirem comunicar por si mesmos, estão sempre dependentes da ajuda de outro imigrante que consiga fazê-lo melhor do que eles.

Estes problemas são retratados por Tréfaut, que mostra vários imigrantes a tentar arranjar emprego numa paragem de autocarros, à qual vão chegando alguns portugueses que oferecem trabalho na área da construção civil. À medida que a conversa e a negociação entre os portugueses e os estrangeiros vai avançando, o valor oferecido vai descendo: por exemplo, vemos uma oferta de €4,25 por hora que desce para €3,25 em questão de segundos, depois de o estrangeiro ter aceitado o trabalho. Enquanto os imigrantes esperam, vão conversando sobre as suas experiências em Portugal e um africano conta a um estónio e a um moldavo que numa oportunidade foi trabalhar 12 horas e, em vez de receber os €35 combinados, apenas recebeu €25; «será que ele não sabe que está em Lisboa? Ainda bem que recebeu alguma coisa», comenta o estónio ao moldavo em resposta ao relato, sugerindo que se trata de uma situação comum.

Também vemos casos de homens — e algumas mulheres — que vieram sós e experienciam as mesmas situações que teriam vivido os emigrantes portugueses: encontram-se afastados da família e dedicam-se ao trabalho para conseguir ajudar os que ficaram — é este o caso do imigrante indiano que fala ao telefone com a família e assegura que poderá enviar o dinheiro poupado em breve —, vivem em condições precárias — como acontece com Alexandre Navrenov, um ex-militar russo, desempregado, que vive praticamente na rua — e são frequentemente vítimas do ostracismo e da xenofobia da sociedade de acolhimento — como se verifica com o paquistanês que tenta vender flores nas esplanadas dos restaurantes, mas é completamente ignorado, ou da russa que tenta pedir um livro de cheques no banco onde tem a sua conta, mas este lhe é negado por ser estrangeira.

Por outro lado, algumas comunidades de estrangeiros procuram conservar as suas tradições e costumes, tal como fizeram os portugueses em terras estranhas. No documentário de Tréfaut, assistimos a uma festa brasileira, reuniões de culto de diferentes religiões e nacionalidades — uma missa ortodoxa a que assistem imigrantes de países da Europa de Leste, uma reunião de culto islâmico e uma missa de imigrantes africanos — e a

procura de «escolas de Sábado»<sup>5</sup> pelos imigrantes russos que desejam que os seus filhos não percam o contacto com a língua e a cultura maternas. Estas preocupações surgem tanto para os imigrantes singulares como para aqueles que conseguem trazer a família, numa tentativa de integrar-se, se não na sociedade portuguesa, numa sociedade composta por outros imigrantes com quem partilhem afinidades.

Como vemos, a experiência dos imigrantes em Portugal é muito similar àquela que viveram os portugueses em países estrangeiros durante o século XX, mas existe uma diferença relevante em alguns casos: enquanto os portugueses que emigraram não possuíam níveis de escolaridade elevados e acabavam por desempenhar funções em trabalhos que estavam, de certa forma, relacionados com a atividade que realizavam em Portugal, alguns dos imigrantes que chegaram a Portugal — principalmente os oriundos do Leste europeu — possuíam estudos superiores e exerciam as suas profissões no seu país de origem, mas acabaram por aceitar trabalhos não qualificados em Portugal, devido à falta de outras opções. Assim, enquanto emigrar significou a oportunidade de ascender na hierarquia social e melhorar a qualidade de vida para grande parte dos portugueses, para muitos dos imigrantes que decidiram estabelecer-se em Portugal significou precisamente o contrário.

## 1.5 A des-romantização da migração

Os estereótipos são imagens estáveis apresentadas dentro de um contexto específico (cf. Roussinova, 2010: 106), que incluem «percepções socialmente partilhadas de sujeitos pertencentes a grupos diferentes, as quais adquirem um carácter de rigidez e alto grau de generalização» (Yim & Bond *apud* Baptista, 2004: 106). Frequentemente utilizamos os estereótipos para identificar e/ou julgar o outro e podermos dele diferenciar-nos; assim, o estereótipo opera como um «ritual de exorcismos sociais na manutenção das fronteiras» (Costa, 2010: 62), porque «constrói a diferença, em termos de divergência para com o que é central, seguro, normal e convencional» (*Ibidem*: 63). No entanto, devemos ter em conta que os estereótipos não são aplicáveis a todos, já que, como apontado por Olga Roussinova (2010), «os preconceitos e os estereótipos encontram o seu significado num

---

<sup>5</sup>As «escolas de Sábado» são instituições, frequentemente organizadas pela Associação de Imigrantes do Leste, às quais assistem os filhos dos imigrantes oriundos dessa zona, com o objetivo de aprender e preservar a língua e a cultura dos seus países de origem.

contexto específico [...] [uma vez que] duas imagens semelhantes podem ter interpretações diferentes se inseridas em contextos diferentes» (Roussinova, 2010: 106). Por exemplo, como veremos nos pontos seguintes, o estereótipo relativo à seriedade dos imigrantes do Leste europeu é positivo no contexto laboral, porque são bons trabalhadores e pontuais, mas é negativo no contexto de partilha e convivência cultural.

De acordo com Alexandre Costa, «os estereótipos são normalmente considerados inadequados por causa do modo como retratam um grupo social ou categoria como homogêneos» (Costa, 2010: 61), não permitindo, com frequência, a aproximação do «outro» para a formação de uma opinião sobre ele, baseada em factos reais, porque, quando julgamos o «outro» rapidamente, fazêmo-lo de acordo com os estereótipos disponíveis (cf. *Ibidem*: 62). No entanto, a estereotipia desempenha um papel fundamental na forma como as sociedades de acolhimento lidam com os imigrantes e vice-versa. Num primeiro momento, na ausência de informações que só a convivência conjunta pode fornecer, valemo-nos dos estereótipos para procurar entender o desconhecido, o «outro», imigrante ou nativo. Assim, avaliamos o que esse «outro» significa para nós e decidimos, rapidamente, como será a nossa relação com ele.

Enquanto Portugal era apenas um país de emigrantes, «os portugueses sabiam que os emigrantes não se deslocavam para outras terras para roubar nem mendigar» (Garcia, 2000: 109). Pensavam que os seus emigrantes iam ser úteis no país de acolhimento, onde tinham empregos — difíceis, mas empregos, no fim de contas — à espera; sabiam como era difícil para o emigrante estar separado da família, aprender uma língua estranha e viver sem estatuto em terras estrangeiras; sabiam que era essa a aventura e o preço a pagar por aqueles que decidiam ir atrás de oportunidades fora do seu país, para fugir da pobreza e/ou da guerra colonial, e davam valor — quase heroico — àqueles que tinham a coragem de se aventurar (cf. *Ibidem*: 109). Após o fim do império colonial, com o regresso de parte dos ex-colonos, os portugueses começaram a aperceber-se de que algumas coisas mudavam na sociedade de acolhimento. Contudo, foi só com a chegada do fluxo de imigrantes dos anos 80 que realmente sentiram as mudanças que implicava receber imigrantes e procuraram formas de restringir a entrada de estrangeiros no país (cf. *Ibidem*: 110). Com a passagem do tempo, os portugueses aperceberam-se de que a imigração podia ser vista como um fenómeno negativo por parte dos habitantes da nação recetora, pois viram-se obrigados a lidar com pessoas de culturas completamente desconhecidas para eles e, não



compreendendo essas diferenças, assumiram comportamentos de nítidos contornos xenófobos, especialmente dirigidos aos imigrantes que provinham das camadas sociais mais baixas, como veremos de seguida.

De acordo com Alexandre Costa, «até meados da década de 1990, os fluxos migratórios para Portugal permitiam que a classificação [dos imigrantes] se restringisse à normalidade lusófona» (Costa, 2010: 52) e que estes fossem tratados como uma minoria étnica, respondendo a uma lógica pós-colonial. Contudo, com a chegada dos imigrantes da Europa de Leste, esta dinâmica foi profundamente alterada, pois surgiam, pela primeira vez, brancos pobres (cf. Costa, 2010: 52). Para conseguir manter funcional a lógica comumente aceite até então, de acordo com a qual os brancos eram só portugueses, estes indivíduos de variadas nacionalidades (russa, ucraniana, moldava, romena, entre outras) foram agrupados numa única etnia: «os de Leste» (*Ibidem*: 52-53). Desta maneira, os imigrantes provenientes dos países da Europa de Leste perdiam a qualidade de brancos e, na pirâmide hierárquica de classificação dos imigrantes, eram colocados em segundo lugar, a seguir aos brasileiros, que eram vistos como mais próximos dos portugueses (cf. *Ibidem*: 53), por partilharem elementos culturais e históricos.

O estudo «Imigração, “minorias étnicas” e comunidade cigana — Demoscopia descritiva dos modos de percepção dos portugueses», realizado por Pedro Alcântara da Silva, em finais do século XX, procura entender a percepção que os portugueses têm do contributo dos imigrantes em diferentes contextos de trabalho, de convivência plural, de intercâmbio cultural, entre outros. De acordo com os dados recolhidos pelo investigador, três conclusões axiais podem ser deduzidas do «diferencialismo ideológico» dos portugueses face aos imigrantes. A primeira, resumida na frase «quanto mais pobres, mais estrangeiros são os estrangeiros» (Silva, 2000: 103), está relacionada com o facto de os portugueses terem uma percepção geral negativa do contributo dos imigrantes pobres, exceto no que respeita ao trabalho. O autor explica que eles «são apenas valorizados pelo trabalho e desvalorizados no seu contributo para a riqueza, cultura e convivência plural da sociedade portuguesa» (*Ibidem*: 103). Em contraposição, «o grupo mais rico — o do Reino Unido — é geralmente colocado num eixo de avaliação positivo, embora se manifestem, ainda assim, reservas ao nível da convivência plural» (*Ibidem*: 103), pelas suas diferenças culturais. O grupo dos imigrantes brasileiros é o segundo grupo mais valorizado, uma vez que a sua «distância cultural perante os portugueses surge decerto reduzida» (*Ibidem*: 103).

Tendo isto em conta, a primeira conclusão de Alcântara da Silva é a de que todos os imigrantes são vistos de forma positiva no que respeita à sua contribuição como mão-de-obra, sendo que algumas comunidades (entre elas, a africana) são vistas unicamente como grupos integrados por corpos de trabalho (cf. *Ibidem*: 103). A segunda conclusão deriva da afirmação seguinte: «os estrangeiros são tanto mais estrangeiros quanto mais pobres forem os estrangeiros para os pobres que não são estrangeiros» (*Ibidem*: 104). Esta conclusão é deduzida pelo autor, tendo em atenção que as variações de idade e grau de formação dos inquiridos apontam para perceções ligeiramente diferentes sobre os imigrantes. Enquanto as pontuações mais baixas, no que respeita à sua contribuição para a riqueza do país, são dadas pelos cidadãos mais velhos, com menor grau de escolarização e das camadas socioeconómicas mais baixas, as pontuações mais altas são atribuídas por aqueles que têm um nível de escolarização mais elevado (cf. *Ibidem*: 104-105). Desta forma, os portugueses pobres rejeitam especialmente os estrangeiros que reconhecem numa situação económica menos favorável do que a deles, sendo, deste modo, os ciganos, os cabo-verdianos e os angolanos os mais afetados por esta perceção, pois são unicamente valorizados pelo seu trabalho (cf. *Ibidem*: 87-98). A terceira conclusão acentuada pelo autor é a de que «a disposição para a abertura cultural aos estrangeiros é tanto menor quanto menores forem os recursos culturais dos que não são estrangeiros» (*Ibidem*: 106). Os dados demográficos dos inquiridos sugerem que os indivíduos que mostram mais disponibilidade para a abertura cultural aos imigrantes são os mais jovens e com maior grau de escolarização, sendo esses os que atribuíram pontuações mais elevadas às diferentes comunidades de imigrantes, no que respeita à contribuição para a cultura e para a convivência plural (cf. *Ibidem*: 106-107). Um dos exemplos que mais chamam a atenção é o da comunidade cigana que, apesar de ser avaliada de forma negativa no seu conjunto, recebe alguns pontos positivos no âmbito da sua contribuição para a convivência plural, mas estes indicadores positivos são apenas atribuídos por jovens (até aos 35 anos de idade) que frequentaram cursos médios ou superiores, enquanto os inquiridos mais velhos e com menor grau de escolarização os qualificam de forma negativa em todos os aspetos (cf. *Ibidem*: 107). Este padrão repete-se, com menor ênfase — porque a sua presença é geralmente vista de forma menos negativa —, na avaliação feita ao contributo dos imigrantes das outras nacionalidades.

Num estudo mais recente, publicado pelo Centro de Estudos e Sondagens de Opiniões da Universidade Católica Portuguesa, em 2006, são confirmadas as conclusões

apresentadas por Alcântara da Silva, sobretudo no que respeita à percepção do empenho dos imigrantes no trabalho, que é claramente positiva, maioritariamente no que concerne os imigrantes provenientes do Leste europeu, que são vistos como os mais empenhados (cf. Costa, 2010: 53). Neste estudo, também os brasileiros são aqueles com quem os portugueses mais se identificam e, portanto, aos quais atribuem características mais positivas na maior parte dos casos, exceto no campo do trabalho, pois são vistos como piores profissionais (cf. *Ibidem*: 53). Assim,

as principais características esperadas dos trabalhadores brasileiros são a alegria, simpatia e cordialidade o que, embora os mantenha na condição de subalternos, lhes confere uma posição privilegiada na hierarquia das diferenças, acabando por ser capitalizada pelos próprios, que procuram inserir-se nesses estereótipos num processo de auto-subordinação que lhes permite uma mais fácil inserção no mercado de trabalho. (Costa, 2010: 54)

Tal como apontaram os dados recolhidos por Alcântara da Silva, os resultados dos inquéritos apresentados no estudo de Alexandre Costa mostram que os antigos emigrantes e as pessoas com maior grau de instrução têm uma atitude mais favorável à vinda de imigrantes para Portugal e associam menos frequentemente os imigrantes ao crime (cf. *Ibidem*: 55). No entanto, «mais de um terço dos inquiridos não aceitaria ter como chefe um imigrante e não colocaria os seus filhos numa escola com muitos imigrantes [...] [e] mostrou-se de alguma forma incomodado no caso de um familiar directo (filho ou irmão) casar com um imigrante» (*Ibidem*: 55). Como vemos, apesar de existir um grupo de indivíduos que se apresenta mais recetivo à chegada de imigrantes ao país, ainda há dificuldades em aceitar a sua total integração na sociedade, sobretudo quando se trata da criação de laços que os coloquem ao mesmo nível ou num nível superior àquele que é ocupado pelos portugueses na hierarquia social.

Assim como os portugueses têm criado estereótipos sobre os imigrantes de culturas distantes, também essas outras culturas têm difundido estereótipos relativos a Portugal e aos portugueses. Neste ponto, focar-nos-emos no modo como os portugueses e o país são vistos pelos habitantes da Europa de Leste, uma vez que o grupo de imigrantes retratado no romance de Valter Hugo Mãe, analisado na segunda parte do nosso trabalho, é precisamente o de imigrantes provenientes do Leste europeu.

Durante anos, as interações culturais entre Portugal e os países situados no Leste da Europa (como a Bulgária, a Hungria, a Polónia e a Roménia, entre outros) foram bastante escassas, devido à distância geográfica existente entre eles e à falta de interesses

comuns que pudessem aproximar as nações. Por isso, «a distância permitiu uma petrificação fácil e duradoura dos estereótipos, dado que a insuficiente experiência directa traduz-se em menos ocasiões para aferir no concreto as representações» (Cieszyńska, 2010: 52). No entanto, com a entrada de alguns países da Europa de Leste na União Europeia, a partir de 2004, aumentou o interesse em estabelecer relações de intercâmbio cultural entre estes países e Portugal, que já integrava a União Europeia desde 1986. Até esse momento, Portugal e Espanha eram frequentemente entendidos como um só, sob o conceito da Península Ibérica ou dos «países do Sul da Europa» (cf. *Ibidem*: 53), o que deu origem a estereótipos conjuntos. De acordo com Beata Cieszyńska, «a criação dos mitos na Europa de Leste espelhou o processo de automitificação ibérica» (*Ibidem*: 53), tendo dado origem a um conjunto de estereótipos positivos e negativos sobre os «povos peninsulares» que podem ser encontrados no pensamento literário e cultural dos «países pós-soviéticos» (cf. *Ibidem*: 62-63). Entre as qualidades positivas, podemos encontrar a menção à existência de

cavaleiros românticos, heróicos e dignos que “lutam até ao fim”; optimistas felizes; representantes da “própria” Europa como colonizadores e evangelizadores dos “bárbaros”; baluartes do Cristianismo; por fim, construtores pacíficos do sucesso democrático e económico. (*Ibidem*: 63)

Opostamente, são assinalados os seguintes aspetos negativos:

dependentes dos paradoxos de um código de honra arcaico; imperialistas, agressivos e destruidores; mal sucedidos e decadentes; preguiçosos e gananciosos, enlouquecidos pela vaidade; católicos fanáticos; melancólicos; anarquistas divisivos [...]; representantes do novo capitalismo agressivo. (*Ibidem*: 63)

Como podemos observar, alguns destes estereótipos são, ao mesmo tempo, categorizados como caraterísticas positivas e negativas, como, por exemplo, a religiosidade atribuída ao povo português. Por outro lado, também encontramos uma caraterística positiva («optimistas felizes») e o seu contrário nas negativas («melancólicos»), o que nos faz pensar que o desenvolvimento destes estereótipos pode ser determinado por contextos indisfarçavelmente ambivalentes.

No que respeita aos estereótipos individuais, na literatura dos países pós-soviéticos, «aparecem frequentemente referências à melancolia e à nostalgia portuguesa pelo passado imperial em detrimento de um real interesse na actualidade europeia» (*Ibidem*: 53). Uma das obras responsáveis pelos estereótipos ligados a Portugal e à forma

de ser dos portugueses é a peça de teatro *Portugál*, de Zoltán Egressy, na qual Portugal é apresentado como «o último país da Europa onde “as pessoas ainda perseguem o seu sonho” e vivem felizes no seu estado natural de tristeza e melancolia afastadas das inconveniências capitalistas» (*Ibidem*: 63). Para os protagonistas da peça, Portugal representa «um *topos* de uma vida perdida, autêntica, rural, livre da civilização e — o que é ainda mais significativo — uma vida permanentemente ligada aos sonhos» (*Ibidem*: 64), uma espécie de terra prometida, onde «as horas se medem de uma forma diferente, passando mais devagar do que no resto da Europa, com os portugueses sendo alegres, sorridentes, lentos e não pontuais, o que é normalmente entendido como um sinal de familiaridade lusitana» (Kalewska, 2010: 88).

O estereótipo de Portugal como Terra Prometida tem sido perpetuado na Polónia através de um *slogan* turístico utilizado em cartazes, que mostravam o torrão lusitano como um lugar «pacífico, quase paradisíaco, a promessa de umas férias de sonho, e seguro mesmo numa época de terrorismo mundial» (*Ibidem*: 88) em 2001. Na *RuNet*, Internet Russa, «Portugal é representado principalmente como o país do lazer e das vistas panorâmicas» (Roussinova, 2010: 106), o que reflete a forma como o país é visto a partir da Rússia. De acordo com Olga Roussinova, nos textos sobre Portugal, «é-nos apresentado o país dos nossos sonhos, onde — do ponto de vista do turista — podemos encontrar todos os aspectos positivos da Europa antiga (história, arquitectura, cultura e civilização) mas não os negativos (como a civilização industrial ou pós-industrial)» (*Ibidem*: 108).

Outra das características comumente apontadas nos textos sobre Portugal é a preguiça dos portugueses, embora este estereótipo não seja visto como totalmente negativo, pois «Portugal é apresentado como um lugar onde *é impossível agir de outra maneira*» (*Ibidem*: 108-109), porque se trata de um espaço relaxante, onde o tempo passa de forma diferente. Assim, o estereótipo da preguiça portuguesa contribui para a cristalização da imagem de Portugal como um espaço paradisíaco.



## II Parte – Retratos Ficcionais do Estrangeiro

### 2.1 Dar voz à alteridade

O romance *Uma Aventura Inquietante*, da autoria de José Rodrigues Miguéis, nasceu como uma novela policial publicada em folhetins n' *O Diabo*,<sup>6</sup> em 1934, que o autor optou por publicar sob o pseudónimo de Ch. Vander Bosch, um hipotético autor belga de quem ele seria, apenas, «o exímio intérprete» (Miguéis, 1989: 275), a fim de preservar a sua reputação. Miguéis tinha consciência de que, se publicasse a história com o seu nome, seria mal visto pelo meio intelectual e pela crítica literária, correndo o risco de

oxidar uma tão bela reputação de homem grave e responsável, com planos de reforma e salvação nos bolsos, voluntário da auto-imolação indispensável à tranquilidade geral das consciências — rebaixando-me a escrever uma novela de imaginação sem qualquer «mensagem» visível, sem programa nem panfleto, e ainda por cima com um Fim Feliz. (*Ibidem*: 275)

Isto porque o género policial ainda não tinha despertado o interesse dos autores nacionais devido a diversos fatores, entre os quais «a actuação da Censura do regime (ou a interdição que pesava sobre relatos de crime); a censura literária dos intelectuais [...]; o estatuto (dito ou pensado) de menoridade do género (“subliteratura”) e a ideia generalizada de que o género é “estrangeiro”» (Kayman & Sampaio, 2001: 314). Aliás, apesar de nos anos 20 já terem surgido algumas reflexões e estudos sobre o género policial, só «nos finais dos anos 50, no meio literário português, deixava de ser considerado como uma forma de subliteratura ou de “literatura popular”» (Silva, 2010: 72). Por estes motivos, a receção do romance não foi homogénea: «houve quem gostasse, aplaudisse e pedisse mais. Mas houve quem torcesse o nariz delicado, como se um hebdomadário sisudo não tivesse,

---

<sup>6</sup>O Diabo: «*Semanário de crítica literária e artística*, publicado em Lisboa de 2 de Junho de 1934 — data do número espécime — a 21 de Dezembro de 1940, num total de 326 números. [...] [Esta] revista multifacetada, abrangendo vários âmbitos, contou com uma colaboração valiosa, muito especialmente a partir do 2.º ano de existência. [...] No domínio da literatura, congregou correntes literárias várias: presencistas como João Gaspar Simões, Adolfo Casais Monteiro, António de Sousa, Miguel Torga, Edmundo Bettencourt, António Navarro e neo-realistas como, por exemplo, Fernando Namora, Alves Redol, Manuel da Fonseca, Soeiro Pereira Gomes, etc. [...] Com o advento do neo-realismo, vem a tornar-se um dos porta-vozes desta corrente literária. Textos programáticos, manifestos, toda uma laboriosa teorização deste movimento, estão patentes nas suas páginas. [...] O ascenso do nazismo, a segunda guerra mundial, a derrota das forças republicanas em Espanha e a repressão severa a que o povo português estava sujeito, fizeram com que esta publicação adquirisse um cunho de contestação ao regime ditatorial, o que teve como consequência o seu fecho pela censura» (Pires, 1986: 129-131).

entre outros, o dever de ministrar um pouco de distração aos raros compradores» (Miguéis, 1989: 275).

Assim, construído de forma aparentemente tradicional, o romance é dividido em três partes, que demarcam os momentos chave da diegese: início, clímax e desenlace. No entanto, a sua sintaxe compositiva também apresenta elementos que o afastam da tradição romanescas e da construção convencional do romance policial. Em primeiro lugar, encontramos marcadores temporais (datas e momentos do dia) no início de cada capítulo, essenciais para compreendermos o lapso temporal em que se desenvolve a ação. Inicialmente, poderíamos pensar que se trata da datação de um diário ou de um documento relacionado com a investigação criminal que é levada a cabo pela polícia — como um relatório, por exemplo —, mas uma leitura atenta permite compreender que as datas funcionam como uma espécie de «contagem decrescente até à descoberta ou decifração da verdade» (Silva, 2010: 108).

Em segundo lugar, encontramos uma alternância de narradores e tempos verbais por eles empregados ao longo do romance. No prólogo, encontramos um narrador homodiegético, que utiliza os tempos no pretérito, ao longo do seu relato sobre o evento que lhe teria dado a ideia para a história que encontramos nos capítulos seguintes. Na primeira parte do romance, temos um narrador heterodiegético, que faz uso do presente para relatar o início da história. De acordo com David Mourão-Ferreira, «o presente [...] não se cinge apenas à expressão *actual*, mas também do que é incessantemente *actualizado* pela memória» (Mourão-Ferreira, 2001: 75), como é o caso dos acontecimentos que têm lugar após o aparecimento do corpo da vítima, encontrado no lago de Woluwe. Na segunda parte, continuamos a ter um narrador heterodiegético, mas este passa a empregar o pretérito perfeito como tempo verbal predominante, frequentemente intercalado com o pretérito imperfeito, dando a impressão de um um fluxo de acontecimentos menos vertiginoso. Importa destacar que, na segunda parte do romance, o narrador acompanha principalmente as ações de Zacarias e, por vezes, utiliza um procedimento de focalização interna, radicado na consciência desta personagem. Na terceira parte, o narrador apresenta as mesmas características que na segunda, com a diferença de que cede o seu lugar, nas últimas páginas, ao discurso de Zacarias, cujas palavras, escritas num diário, concluem o romance.



Para além disso, *Uma Aventura Inquietante* mostra-se «ligeiramente diferente das novelas/folhetins da época [...] [porque] glosando os temas do inocente acusado e da falibilidade das provas empíricas, faz depender a solução do caso do raciocínio lógico-dedutivo da vítima, transformado em detective (na cadeia)» (Kayman & Sampaio, 2001: 312-313). Esta estratégia ajuda na construção da denúncia, feita pelo autor, das arbitrariedades da justiça (obedecendo à preocupação social imposta pela sua herança neo-realista), através da presença de uma força judicial fortemente influenciada pelas questões políticas, às quais se atribui uma mais determinante relevância do que aquela de que se revestem a justiça e a verdade. Desta forma, o autor dá «a maior importância à componente social na sua relação com a perspectiva do sujeito, o que desde logo o distingue dos autores presencistas» (Filipe, 2001: 166). Mas, como argumenta Margarida Barahona,

as posições de Miguéis, apesar de coincidências momentâneas e conjunturais, nunca se identificam totalmente com os neo-realistas. [...] [Porque] enquanto para estes a compreensão das leis da evolução social (contribuição do materialismo histórico) era a matéria fundamental da ficção, para o autor de *Uma Aventura Inquietante*, só através da compreensão do individual é possível chegar ao conhecimento da totalidade social. (*apud Ibidem*: 167)

Neste sentido, a obra do autor também se aproxima da corrente presencista, uma vez que tematiza o problema

da integração do eu individual tanto a nível da unidade subjectiva pessoal e interpessoal (a esquizofrenia de Renato Lima, protagonista de *Páscoa Feliz*, como, por exemplo, noutra contexto, o da integração humana de Zacarias de Almeida de *Uma Aventura Inquietante*, graças à recuperação do bom nome, do amor-próprio e ao happy-end pequeno-burguês — o casamento como desfecho. (*Ibidem*: 170)

De forma distinta, Olga Gonçalves iniciou a sua incursão no universo da criação ficcional em 1975, com a obra *A Floresta em Bremerhaven*, à qual foi atribuído, no ano seguinte,<sup>7</sup> o Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa.<sup>8</sup> De composição experimental e completamente diferente dos romances tradicionais, o romance apresenta-se, através de uma narradora silenciada, «sob a forma de roteiro [...]. No entanto, não se trata de um diário íntimo, [...] uma vez que o objectivo da obra não é a

---

<sup>7</sup> Este romance ainda foi «saudado por Jacinto do Prado Coelho como “um dos raros exemplos (...) de uma ficção renovada pela comunhão revolucionária com o nosso povo, e nem por isso diminuída literatura” (“Os escritores portugueses numa encruzilhada”, in *Ao contrário de Penélope*, 1976)» (Santos, 1996: 228).

<sup>8</sup> Prémio Literário atribuído anualmente pela Academia das Ciências de Lisboa a um autor português pela criação de uma obra original (romance, novela ou conto), em língua portuguesa, com o objectivo de incentivar a cultura e a criação literárias em Portugal.

análise da intimidade da narradora, mas antes uma hábil construção das mundividências dos emigrantes regressados há pouco tempo da Alemanha» (Besse, 2000: 17). As datas, acompanhadas pelos indicadores espaciais, ajudam o leitor a entender o itinerário da viagem da narradora, que ocorre entre os dias 1 e 16 de junho de 1975. Este romance, tal como as outras obras da autora,

obedece a uma única estratégia narrativa que é o deslocamento para a Alteridade, [...] da[ndo] a possibilidade de ver, não só a palavra do Outro, mas também uma palavra outra, que se apresenta como dialógica, como dialéctica, como movimento que tenta apreender a organização da Diferença. (*Ibidem*: 15)

Esta estratégia pós-modernista, utilizada em todos os seus universos ficcionais, permite à autora dar «voz a camadas sociais portuguesas em geral silenciosas [e silenciadas]: o povo, os trabalhadores, que em directo contam as suas vidas» (Magalhães, 1986: 581), em *A Floresta em Bremerhaven*.<sup>9</sup> Por outro lado, Maria Graciete Besse salienta ainda que «a dissolução da figura da narradora pretende apenas dar lugar à crueza factual, à massividade abrupta de um discurso que se oferece em catadupas, num falar diferente daquele que seria certamente pronunciado pela narradora» (Besse, 2000: 18). Assim, encontramos um texto unicamente construído pelas falas das personagens,<sup>10</sup> das quais são excluídas as da narradora, mesmo na qualidade de personagem, o que obriga o leitor a participar de forma ativa na reconstrução da história, para deduzir as palavras que teriam sido proferidas por ela, que obviamente conduzem o diálogo. Desta forma, *A Floresta em Bremerhaven* «instala-nos, desde a epígrafe, constituída pela transcrição do falar das duas personagens principais (a quem aliás é dedicado o livro), no espaço da Diferença» (Besse, 2000: 17).

Apesar de a diegese se desenvolver em dezasseis dias, esta «envolve um espaço de tempo muito mais amplo. Abrange praticamente a vida toda das personagens centrais: Manuel e a sua mulher, assim como momentos da vida das outras personagens, que vão

---

<sup>9</sup>De acordo com Linda Hutcheon, «o que mais caracteriza o pós-modernismo na ficção seria aquilo que aqui chamo de “metaficção historiográfica”» (Hutcheon, 1991: 11), a qual «actua sobre as convenções [históricas] com o objectivo de as subverter, reelaborando formas e conteúdos do passado. [...] Daí que sejam postos em relevo aspectos marginais da história, ou seja, aqueles que eram omitidos pela História oficial, [...] deslocando o protagonismo para a gente anónima, aquela que não consta dos relatos oficiais» (*apud* Marques, 2009: 27-28).

<sup>10</sup> Não só presente neste romance, «o uso constante do discurso directo dá a marca de oralidade à obra da autora, permitindo o registo directo da linguagem popular e dialectal das camadas sociais menos favorecidas que povoam o seu universo ficcional. Outra marca estilística é a constante contaminação da sua escrita com o discurso cronístico ou jornalístico (reprodução de notícias de jornal, “slogans” revolucionários, etc.) e com o discurso quotidiano» (Santos, 1996: 228).

contando também “passagens” da sua história» (Magalhães, 1986: 582). Desta forma, através do discurso das personagens, conhecemos o quotidiano da sua vida atual (após o regresso da Alemanha), do seu passado recente como emigrantes (em Bremerhaven) e do passado mais afastado (antes da emigração e durante a juventude em Porto Covo). O tempo da narrativa surge, assim, cindido em função de dois marcos fundamentais: o da emigração para a Alemanha, como acontecimento individual, e o 25 de Abril de 1974, como data coletiva (cf. *Ibidem*: 582), que possibilita o regresso das personagens à sua terra natal. O tempo atual (1975) é um tempo pós-revolucionário, no qual se encontra ainda latente o espírito da revolução,<sup>11</sup> tanto no universo ficcional criado pela autora, como no mundo real em que a obra foi publicada. Este facto revela-se importante a dois níveis: o primeiro é o que diz respeito à existência do romance, pois este só pôde ser criado, publicado e recebido da forma que foi, por se enquadrar nesse contexto específico;<sup>12</sup> o segundo está relacionado com o ambiente sociológico de que participam as personagens, que parecem ainda estar animadas pela conquista da liberdade. Aliás, a própria construção dialógica do romance mostra-se sintomática de um tempo de mudanças, em que se torna possível e necessário ouvir o «outro», aquele que sempre foi silenciado e marginalizado pela sociedade e em relação ao qual não queria saber-se o seu lado da história.

Publicado mais recentemente, *O Apocalipse dos Trabalhadores* (2008), terceira obra narrativa de Valter Hugo Mãe, foi inspirado por uma «pulsão que teve que ver com xenofobia» (*apud* Coutinho, 2008: s/p) e ditado pela frustração do autor de que «não sejamos já maduros o suficiente para ultrapassar essas coisas tão antigas» (*apud* Lucas, 2008: s/p). Publicado dois anos depois de *O Remorso de Baltazar Serapião* (2006),<sup>13</sup> o romance foi recebido com grandes expectativas por parte do público-leitor e da crítica literária. A narrativa dá continuidade aos elementos retórico-estilísticos que caracterizaram os primeiros dois romances do autor: a ausência de maiúsculas e uma utilização peculiar dos sinais de pontuação, duas estratégias que fazem parte dos meios para a libertação

---

<sup>11</sup> O espírito revolucionário mostra-se no discurso do Manuel em vários momentos, por exemplo quando fala sobre a manifestação à que assistiu em Sines no dia das eleições, na qual o povo pedia «Mocracia! Mocracia!» (Gonçalves, 1991: 70) ou quando profere: «— [...] toda a gente pode ouvir! Não tenho medo! Agora já se pode falar alto!» (*Ibidem*: 58); neste excerto, o *agora* refere-se ao momento atual, sem o jugo da ditadura.

<sup>12</sup> Por um lado, a autora confessa ter-se interessado pelos ex-emigrantes quando ouviu, numa estação de rádio, que «muitos portugueses, com o 25 de Abril, regressavam a Portugal» (Besse, 2000: 113). Por outro lado, é claro que, se este romance tivesse surgido numa época diferente (pré-revolucionária), teria sido censurado, por denunciar a opressão da sociedade e as necessidades passadas pelo povo no tempo da ditadura.

<sup>13</sup> Obra galardoada pela Fundação Círculo de Leitores com o Prémio Literário José Saramago, em 2007.

formal do texto utilizados pelos autores pós-modernistas.<sup>14</sup> O primeiro traduz a convicção do autor de que «as minúsculas ligam o texto, aceleram-no, precipitam o leitor. As vírgulas ficam menos virguladas e os pontos menos pontuados. Então as pausas tendem a ser mais breves. Há uma aceleração que se junta a uma certa urgência da história. O leitor fica sem travões» (*apud* Coutinho, 2008: s/p). O segundo encontra-se ligado à necessidade que o autor sente de possibilitar uma leitura sem paragens, que permita aos leitores conhecer o fim da história mais rapidamente:

Ao que sei, no início, a primeira reacção é um choque. As pessoas ficam aflitas, não sabem onde parar, não percebem onde a frase acabou. Mas o leitor menos preguiçoso habitua-se ao fim de quatro páginas e consegue deslizar. Consegue seguir naquela leitura com menos travões com alguma destreza. Fico contente quando percebem que este tipo de pontuação os leva mais rápido ao fim da história. (*apud Ibidem*: s/p)

Esta estratégia atribui claramente ao leitor um papel que vai para além da mera fruição passiva da criação autoral, pois «a interpretação do romance é largamente imputada ao leitor, e o escritor apenas fornece possibilidades de o fazer» (Marques, 2009: 26). Assim, apesar de ter criado um narrador onisciente, Valter Hugo Mãe impõe algumas tarefas ao leitor, especialmente no que respeita à decifração do início e do final das falas que não são explicitamente diferenciadas do resto do texto. Torna-se, assim necessário compreender a quem pertencem, assim como preencher os vazios sobre a descrição dos cenários, as inflexões tonais utilizadas pelas personagens, os seus gestos, entre outros. Neste sentido, a narrativa pós-modernista de Valter Hugo Mãe aproxima-se daquela que encontramos em *A Floresta em Bremerhaven*, uma vez que a autora desta obra, ao suprimir a voz da narradora, também outorga um papel fundamental ao leitor, que «é convidado a jogar com a parte visual e a articulá-la com aquilo que a sua sensibilidade lhe faz retirar do texto» (*Ibidem*: 24).

Ainda no tocante à construção do romance de Valter Hugo Mãe, é importante sublinhar o papel fundamental das analepses, através das quais o leitor consegue alcançar

---

<sup>14</sup>De acordo com Carlos Marques (2009), o romance pós modernista «liberta-se de constrangimentos e abre-se a uma pluralidade de géneros literários e paraliterários. O romance anula fronteiras e incorpora traços específicos de diversas práticas textuais, géneros e estilos, emancipando-se também de entraves sintáticos e semânticos, de forma a produzir um discurso de multiplicidade e estranhamento. [...] Esta libertação do texto expressa-se também pelo incumprimento de normativos gramaticais, de que são exemplos as marcas tipográficas que lhe conferem um carácter mais visualista. [...] Tais mecanismos relevam o carácter material do signifiante, possibilitando um trabalho de construção que se socorre das mais diversas estratégias linguísticas, propiciadoras lúdicas de interpretações lúdicas. Com todos estes recursos há o perigo da incomunicabilidade, o que mais acentua a importância do leitor» (*Ibidem*: 24-25).

uma mais profunda compreensão do universo experiencial e psicológico que subjaz às personagens, tanto principais como secundárias, uma vez que estas fornecem informações importantes sobre os seus passados próximos e distantes. Assim, a linha cronológica da narrativa é constantemente interrompida por outros eixos temporais que, de certa forma, vão funcionando em paralelo e nos ajudam a ter uma vista panorâmica dos acontecimentos. Esta estrutura exige que o leitor participe ativamente na reconstrução das histórias que são contadas pelo narrador, uma vez que a sua organização é da sua responsabilidade. Igualmente importante é que o leitor distinga as linhas temporais, apesar de não existir nenhum marcador que assinale o seu início e o seu fim, tal como acontece com as falas das personagens. Ou seja, frequentemente encontramos capítulos que integram mais do que um plano temporal, unicamente marcados pelo início e o final do(s) parágrafo(s) em que se inscrevem. Contudo, há também capítulos compostos por um único vetor temporal, pelo que a destreza do leitor é constantemente posta à prova e é de vital importância para decifrar a obra.

Por último, cabe referir que o final dos romances de Valter Hugo Mãe e de Olga Gonçalves são exemplo do paradigma epilodal apontado por Linda Hutcheon como característico do romance pós-modernista, onde «as estruturas de fechamento narrativo do século XIX (morte, casamento; conclusões ordenadas) são minadas por esses epílogos pós-modernos que colocam em evidência a maneira como, enquanto autores e leitores, nós *produzimos* o fechamento» (Hutcheon, 1991: 86). No caso do romance da Olga Gonçalves, encontramos um capítulo final

no qual a indicação das cidades — PORTO COVO/SINES/TRÓIA/SETÚBAL/LISBOA — sugere a volta para casa, [e] frases e palavras soltas recolhem restos de memória que, em um caminho inverso e potencializados, serviriam como ponto de partida para a construção do texto. (Jorge, 2009: 53)

*O Apocalipse dos Trabalhadores* apresenta um final aparentemente mais próximo do tradicional, com a morte da Maria da Gaça. Porém, como não chegamos a ver concretizada a viagem do Andriy e da Quitéria para a Ucrânia, cabe ao leitor deduzir o que terá acontecido aos pais dele, o que pode ser conseguido através de pistas que o autor disseminou no texto e que apontam para vários destinos possíveis, todos eles disfóricos.

## 2.2 Ficções da outridade

Contrariamente ao pensado pelos críticos literários dos anos 30, Rodrigues Miguéis aborda, na obra que nos ocupa, temas inquietantes, como «o da sua nova condição de *estrangeiro*, antes da autêntica expatriação e exílio» (Lourenço, 2001: 48), para além de outros que ele próprio identificou no posfácio da obra, comparando-a com *Páscoa Feliz*:

Revedo agora este romance, encontro que ele versa, de certo modo ao invés, o tema de *Páscoa Feliz*, publicado dois anos antes. [...] Estaria eu retomando, sem o saber, um problema inerente à condição e existência do homem? O da responsabilidade na liberdade? O dever de compartilhar, atacar e lutar? Depois de tudo, talvez haja aqui mais ideologia do que seria de esperar num passatempo. Mas estava-se em Portugal, e em 1934. (Miguéis, 1989: 277)

De entre estas questões, aquela que servirá como eixo principal para a nossa indagação será a da condição de estrangeiro em solo belga de Zacarias, pois, como afirma Eduardo Lourenço, «*Uma Aventura Inquietante* é um exemplo típico de literatura de exílio» (Lourenço, 2001: 52) e «a mais explícita tematização da sua vida como *estrangeiro*» (*Ibidem*: 48). Contudo, apesar de a emigração ser o tema principal do romance, todas essas questões estão, de uma forma ou de outra, correlacionadas com ela, pelo que se tornam incontornáveis para o estudo das imagens que representam o estrangeiro.

A emigração portuguesa também é o tema principal do romance da Olga Gonçalves, da qual a autora delineia um retrato exaustivo, mas nele são abordados temas adjacentes relacionados com outras questões, como a do espaço da mulher e dos trabalhadores rurais ou das camadas sociais mais baixas do Alentejo. Estes temas, através dos quais a autora pretende interrogar a portugalidade, são frequentemente os pontos de partida para os seus romances, mas

não os apresenta como modelos fixos ou completos a partir dos quais se possa construir uma imagem “acabada” da existência portuguesa. Pelo contrário, a busca de dar visibilidade a estes personagens tradicionalmente marginalizados pela cultura literária portuguesa [...] objetiva ampliar o quadro em que o próprio conceito de identidade se insere [...] [numa] tentativa de insinuar que a identidade de um povo se constrói a partir de uma base flexível, que deve levar em consideração fatores específicos constituintes de cada grupo social. (Jorge, 2009: 40)

Por estes motivos, a autora desloca a sua atenção ficcional para as margens e procura deixar que as suas vozes sejam ouvidas, por forma a mostrar aos leitores uma multiplicidade de vidas e pontos de vista.

A imigração também é um dos temas abordados por Valter Hugo Mãe, que dirige a nossa atenção para os trabalhadores das camadas sociais mais baixas de Bragança, entre as quais se encontra uma microcomunidade de imigrantes do Leste. Ao escolher esta cidade, o autor pretendia «que fosse perceptível, por exemplo, que a chegada dos ucranianos a Portugal já acontece em Bragança. Não é uma questão das grandes cidades, mas portuguesa e implica uma postura ética» (*apud* Lucas, 2008: s/d). Desta forma, no romance é abordada a alteridade em dois níveis complementares: em primeiro lugar, encontramos o «outro» português, representado pelas personagens principais, Maria da Graça e Quitéria, duas mulheres-a-dias e carpideiras, que se encontram implicadas numa constante luta para sobreviver à precariedade económica da qual não parecem conseguir escapar; em segundo lugar, encontramos o «outro» estrangeiro, representado pelos imigrantes oriundos do Leste europeu, que o autor criou de forma a conceder visibilidade ficcional aos ucranianos que «trabalham em Vila do Conde nas obras e fazem limpezas, [apesar de que] muitos têm cursos superiores» (*apud* Coutinho, 2008: s/d). Ao mostrar-nos a história de personagens das classes operárias normalmente marginalizadas, «o que em grande parte valter hugo mãe nos traça é um determinado ângulo de visão de uma sociedade que sabemos multicultural, mas cujos problemas não queremos ver» (Simões, 2011b: 233). Estes problemas englobam um conjunto de questões relacionadas com a marginalização dos indivíduos, quer por serem de estratos sociais mais baixos, quer por desempenharem trabalhos não qualificados, quer por serem estrangeiros, quer por serem mulheres e com a ausência da capacidade de aceitação e do respeito pela diferença na sociedade atual. Desta forma, o autor mostra a realidade de muitos portugueses e estrangeiros que não gozam de vantagens económicas e que são constantemente alvo do desprezo da sociedade, através de um discurso realista e cru, misturado com elementos fantásticos que nos ajudam a reconhecer que esses indivíduos têm sonhos, desejos e ilusões como todos nós.

## 2.3 Imagens, autoimagens, heteroimagens

O *corpus* de obras selecionadas para este trabalho é, pois, plurifacetado, no que diz respeito às representações da alteridade, documentando diferentes tipos de relações entre diversos «eus» e «outros». Neste ponto, procuraremos analisar essas representações, projetadas pelos autores e narradores dos romances, e a forma como funcionam e evoluem as relações dos estrangeiros com os autóctones, com recurso aos instrumentos de análise e terminologia facultados pela Imagologia Literária.

Em *Uma Aventura Inquietante* (1959), José Rodrigues Miguéis mostra variadas imagens dos diversos «outros» que configuram a intriga deste romance de matriz semipolicial. A história começa com o aparecimento de um corpo em Woluwee. A vítima, Ida Rutterman — conhecida como Madame Piorkowska, após o seu casamento com o conde polaco Jan Piorkowski — é natural de Cracóvia e teria sido dada como desaparecida no dia do crime. No entanto, como veremos de seguida, apesar de a vítima e o seu marido serem estrangeiros, nenhum deles é visto dessa forma pela população belga, devido ao seu *status* socioeconómico e à simpatia que ambos despertam — inicialmente por ele e, mais tarde, por ela — por serem vitimizados. Depois, conhecemos o protagonista da história, Zacarias de Almeida, um emigrante português que vive em Bruxelas e que, por levar uma vida isolada, se torna no sujeito perfeito para ser inculcado do crime. Ao contrário dos Piorkowski, Zacarias é percebido como um estrangeiro, um *métèque*, por grande parte da população belga, que o culpabiliza a ele pela morte de Madame Piorkowska e aos outros estrangeiros pelo aumento do crime no país. Neste romance, José Rodrigues Miguéis explora a ligação estereotípica dos imigrantes ao crime e as falhas do sistema judiciário, que muitas vezes funciona mais de forma política do que judicial.

No romance *A Floresta em Bremerhaven* (1975), Olga Gonçalves dá voz aos «outros», silenciando a narradora — supostamente produtora de discurso, mas, na sintagmática narrativa, privada de palavra — para permitir que sejam as suas vozes, e não a dela, a dominar a enunciação. Nesta narrativa de composição experimental, também encontramos uma variedade de representações dos «outros», marcada pela pluralidade de perspetivas que a sintaxe polifónica da narrativa nos permite reconstituir. As personagens principais, Manuel e a sua mulher — uma mulher sem nome, com nítido estatuto arquetípico e alcance transindividual — contam a história da sua emigração para a Alemanha e do seu recente regresso a Portugal à narradora, sua hóspede. Através das vozes



dos ex-emigrantes, e de outras personagens que vão desfilando ao longo do romance, conhecemos uma ampla variedade de relações entre os «eus» e os «outros», que se vão interpolando com o passar do tempo. Manuel e a sua mulher foram considerados como estrangeiros na Alemanha, tanto pelos alemães, como pelos outros imigrantes com quem interagem no espaço laboral, e são vistos como estrangeirados em Portugal, pelos portugueses que permaneceram no país, enquanto eles viviam a sua aventura de emigração. Por outro lado, para eles, os «outros» eram os alemães, os seus companheiros imigrantes e, após o regresso, torna-se ostensiva uma fratura cultural que já não lhes permite ver os portugueses como o «mesmo».

No terceiro romance, *O Apocalipse dos Trabalhadores* (2008), Valter Hugo Mãe dá voz à alteridade, através das personagens que integram a microcomunidade de imigrantes do Leste Europeu, mas o papel principal não é o dos imigrantes, mas antes o dos trabalhadores das camadas sociais mais desfavorecidas em Portugal. No entanto, as representações dos imigrantes oriundos dos países do Leste Europeu e a forma como estes se relacionam com os portugueses constituem uma questão central para este estudo. Neste romance, encontramos a história de Maria da Graça, uma mulher-a-dias que decide morrer por amor, e da sua amiga e vizinha, Quitéria, num primeiro plano narrativo. Contudo, a nossa análise incidirá mais assiduamente na personagem de Andriy — um jovem imigrante ucraniano que conhece e se apaixona por Quitéria —, a comunidade de imigrantes na qual ele vive e o jogo complexo de representações urdido em torno destes, marcado pela alternância de papéis de «eus» e «outros», que podemos deduzir graças à diversidade de mundividências devolvidas pelo discurso do narrador onisciente.

### **2.3.1 O «eu» e o «outro» — cruzamentos e especularidades**

Como todas as relações, aquela que implica o «eu» e o «outro» pode ser perspectivada a partir de um ângulo dúplice. Se, para os emigrantes portugueses que decidiram procurar um futuro melhor noutros países, os «outros» eram os autóctones, para esses «nativos», os «outros» eram os portugueses. Situação análoga é a dos imigrantes que chegam a Portugal: para eles, os «outros» são os cidadãos portugueses, enquanto que, para os portugueses, são eles os «outros». Assim, a instanciamento geocultural do «eu» determina a representação do «outro», seja ele estrangeiro ou não. Para estudarmos as representações imagológicas presentes nos romances analisados, é indispensável termos em conta a presença de diferentes «eus», a sua relação multipolar com os diferentes «outros» e a

influência que cada um deles exerce na construção dessas representações. O primeiro «eu» é constituído pelo autor da obra, que pode, ou não, posicionar-se do lado do estrangeiro, considerando-o o «outro» ou o «mesmo»; em qualquer caso, será importante perceber o tipo de relação e a proximidade existentes, sempre que elas forem visíveis. O segundo «eu» é constituído pelo narrador da história que, tal como o autor, pode posicionar-se, ou não, do lado do estrangeiro e mostrar ou ocultar o tipo de relacionamento que mantém com ele. O narrador, tal como o autor, influencia profundamente as representações do estrangeiro. O terceiro e último «eu» é constituído pelas personagens; este é o «eu» que mais pode variar, sendo que o «outro» variará consoante cada personagem; no entanto, será importante perceber como as personagens se relacionam com os seus «outros», a forma como os percebem e as representações que deles projetam através do seu discurso.

O ponto de vista do «eu» autoral é aquele que, de certa forma, é mais difícil de situar, pois, embora seja ele o criador do universo ficcional onde ocorre a história, é também uma instância cuja voz não se faz ouvir explicitamente no romance. No caso de *Uma Aventura Inquietante*, José Rodrigues Miguéis ajuda-nos a desvelar esta informação com a inclusão de um posfácio intitulado «Começo e Fim de uma Aventura», no qual explica a génese do romance, o contexto histórico-literário em que este foi originalmente publicado, sob a forma de folhetim, n' *O Diabo* (1934), e as alterações que nele foram introduzidas, por ocasião da sua publicação em forma de romance, anos mais tarde. Neste posfácio, o autor tanto se aproxima como se distancia, numa relação de ambígua complicação, da personagem principal, Zacarias. Por um lado, afirma que a história surgiu quando ele próprio encontrou uma carteira perdida em Bruxelas:

Um dia em Bruxelas [...] ao dobrar uma esquina, achei uma carteira num resto de neve lamacenta. Era perto da uma, e eu ia a caminho do almoço. Tudo, desde então, se passou como vai narrado neste romancinho. Três dias depois entreguei-a na esquadra policial do meu bairro, e o olhar de legítima deformação profissional que me atirou o agente de serviço deu-me o primeiro rebate da ficção. (Miguéis, 1989: 273)

Por outro, contudo, sublinha que, com este romance, pretendia «fazer a sátira do burguês solitário, comodista e misógino (que dormita no fundo de tantos homens), procurando levá-lo a tirar-se das dificuldades e contradições do seu carácter específico, sem o aniquilar» (*Ibidem*: 274). O autor não escolhe configurar Zacarias como um «outro» por ser estrangeiro — pelo contrário, coloca-se do seu lado, ao admitir que ele próprio sentiu o desconforto do olhar do agente policial, que ecoa na forma como a polícia trata

Zacarias —, sentindo-o antes como um «outro» no que respeita à sua classe social, estilo de vida e misoginia, traços distintivos com os quais manifestamente não se identifica.

Olga Gonçalves confunde-se com a narradora silenciosa de *A Floresta em Bremerhaven*, uma vez que ambas compartilham coincidências biográficas e o silêncio no romance. Numa conversa com Maria Graciete Besse, reproduzida no ensaio *Os Limites da Alteridade na Ficção de Olga Gonçalves* (2000), a autora explica a origem do seu interesse pelo tema da emigração portuguesa:

Ouvi numa estação de rádio que muitos portugueses, com o 25 de Abril, regressavam a Portugal. Isto fez-me desejar conhecê-los, saber da sua aventura num país, países desconhecidos e retratá-los até ao âmago. Convivi com os meus hospedeiros (aluguei um quarto numa família) e, por intermédio deles, conheci mais em Albufeira, sempre pela mão dos primeiros. (*apud* Besse, 2000: 113)

Como podemos confirmar pelas palavras da autora, a experiência da narradora em Albufeira foi inspirada na sua própria aventura. Por outro lado, este interesse pelos ex-emigrantes faz-nos pensar que, apesar de nem a autora nem a narradora os verem completamente como um «outro», lhes atribuem características diferenciadoras ligadas à aventura migratória que nenhuma delas viveu. Ou seja, não sendo percebidos como os «outros», não são igualmente vistos como os «mesmos». Os ex-emigrantes situam-se num limbo entre o «eu» e o «outro», pelo que ambas as instâncias sentem fascínio, ao ponto de decidir calar a sua própria voz para que as deles sejam ouvidas, num *continuum* discursivo sem qualquer intermediação.

Encontramos um interesse similar em Valter Hugo Mãe que afirmou, em entrevista à revista *Ípsilon*, que, embora não seja essa a personagem principal, foi Andriy, «que vem para Portugal para voltar mais tarde para a Ucrânia rico» (*apud* Coutinho, 2008: s/p), quem deu origem a *O Apocalipse dos Trabalhadores*. Na mesma entrevista, explica o autor que o seu interesse pelos imigrantes ucranianos surgiu quando se apercebeu de que o círculo social em que se movia era de uma homogeneidade enganadora, porquanto todos os seus conhecidos eram

aborrecidamente convencionais: todos brancos, com uma família portuguesa normalíssima, sem nenhuma mega-desgraça e nenhum brilho especial; não temos nenhum amigo africano, nem transexual, somos chatos de tão normais. Nessa altura entraram uns ucranianos no café e decidimos incluir no nosso grupo alguém que viesse de fora. (*apud* *Ibidem*: s/p)

Foram estes indivíduos que lhe explicaram o que era a «Grande Fome da Ucrânia» e, sem o saberem, convenceram o autor de que «precisava de ter uma personagem ucraniana no livro e de combater a nossa pequena xenofobia de estarmos todos os dias sentados com as mesmas pessoas e não nos disponibilizarmos a um esforço mínimo de chegar ao espaço do outro» (*Ibidem*). Para o autor, Andriy é — tal como os outros imigrantes do Leste Europeu que transitam pelo romance e aqueles que conhece pessoalmente — um «outro» que desperta a sua curiosidade, que o atrai e que precisa de conhecer, para aprender a ver as coisas de uma forma diferente. É alguém que, de facto, lhe permite conhecer e dar a conhecer situações e vivências que os portugueses ignoram e nem imaginam possíveis.

Os romances analisados neste trabalho apresentam características bastante diversas, no que respeita à forma e modalidades do discurso dos narradores — e a qualquer tipo de intervenção neles delegada —, pelo que resulta interessante percebermos o posicionamento judicativo de cada um relativamente às personagens (ex)migrantes, a partir da análise das impressões valorativas que a propósito delas apresentam. No romance de José Rodrigues Miguéis, coexistem dois narradores principais. O primeiro dá voz ao autor fictício da obra que, no prólogo intitulado «À Laia de Introdução», explica as circunstâncias que teriam dado origem ao romance — nele classificado como novela —, atestando a autenticidade da história que nele é relatada: «A minha fantasia, aqui, interveio só no arranjo dos factos e da paisagem, no indispensável disfarce da onomástica e da toponímia, e num outro pormenor da culinária romanesca» (Miguéis, 1989: 16). Neste breve capítulo de perspectiva autodiegética, o narrador esclarece as felizes circunstâncias em que conhecera «o Personagem», como refere a Zacarias — o protagonista do romance —, e como teve conhecimento da história que contaria a seguir. Dele se deduz também a simpatia que o narrador sente por Zacarias de Almeida, porque ambos partilham a nacionalidade e o amor pela boa comida tradicional portuguesa. A coincidência da nacionalidade é um traço importante, já que, para os portugueses, encontrar um «mesmo» em território estrangeiro, ou melhor ainda, encontrar algum reflexo da sua «influência civilizadora» — que é o papel simbólico que aqui desempenha a presença da culinária tradicional — em qualquer parte do mundo é uma experiência exaltante (cf. *ibidem*: 12). Tanto o narrador/protagonista deste pequeno capítulo, como Zacarias são estrangeiros na Bélgica; não há nenhuma diferença entre eles, ambos são o «eu», o «mesmo». Os outros, para eles, são os belgas, aqueles que

não apreciam a sopa de nabos com feijão branco à portuguesa, por ser uma sopa pesada (cf. *ibidem*: 14).

O segundo narrador faz uso da «perspectiva narrativa de onisciência limitada utilizada em toda a obra de Miguéis» (Duarte, 2001: 130), que permite aos leitores conhecer as ações de diferentes personagens em simultâneo. Este narrador parece ter uma visão neutra quanto à personagem de Zacarias, embora pontualmente se coloque do seu lado, através do discurso irónico que emite sobre a intervenção da opinião pública e os meios de comunicação, o trabalho desempenhado pelos empregados públicos e as condições em que o preso é mantido:

Provavelmente graças ao advogado, no dia seguinte foi transferido para uma cela com mais luz. Mais luz, que exagero: um respiradouro gradeado ao rés do tecto, por onde ele podia adivinhar a monotonia dum céu sempre cinzento e molhado. (Miguéis, 1989: 134)

A Justiça riu-se. O álibi caía pela base. Não o reconheciam, era inútil insistir. Os jornais tinham dado volta ao miolo daquela gente: era um vampiro, um falido, um debochado, um *métèque*. Estava tudo contra ele. (*Ibidem*: 148)

Este narrador heterodiegético, apesar de acompanhar principalmente a consciência de Zacarias, não parece sentir-se tão próximo dele como o narrador do capítulo introdutório, mas também não se afasta completamente da personagem nem mostra indiferença relativamente a ela. Talvez exista empatia, porque ambos entendem que o sistema não funciona bem e que a situação só é possível graças a um conjunto de acasos e à falta de interesse da polícia em encontrar evidências que possam comprovar os acontecimentos. Aliás, a cadeia de críticas irónicas ao sistema judiciário que encontramos no romance — e que será referida em diferentes momentos desta análise — é introduzida no início, com o comentário do cabo, ao receber informações sobre o achado de um corpo no lago de Woluwee: «— [...] O lago não está gelado? É pena. Não podiam ter descoberto isso mais cedo? Ou esperar até amanhã? Lindas horas para andar à pesca! Eu previno a Judiciária... Boa noite!» (*Ibidem*: 21).

Ainda que privada de voz própria, a narradora homodiegética da Olga Gonçalves tem uma elocução pressuposta no romance que nos permite deduzir as suas palavras, tanto narrativas como dialogais, através do discurso das outras personagens, como pode verificar-se nos seguintes excertos:

— [...] Os alemães chegam a abordar com os navios russos só para ter assistência. Confiavam neles. E a respeito da comida? Ah! Melhor não se pode dizer! E acarinham-nos muito, gostam do português. A senhora quer saber porquê! Porquê! Ora! Porque não guerreamos, porque somos honestos, porque somos humildes. Que diz a senhora? Não gostam de nós por a gente ser humildes? A senhora não gostou que eu dissesse que somos humildes? Pois olhe que foi o que me ensinaram toda a vida, [...] E então a senhora diz que — como diz a senhora? Que a gente não deve aceitar ser assim humildes? Essa é boa! (Gonçalves, 1975: 91-92)

— Boa tarde! Também sei fazer vénias ao abrir a porteira, também já fiz disto na pousada em Santiago! Também sei muitas histórias das boas do que por lá vi! Deixe que eu ponho-lhe o chapéu no cabide. Agarre o saco. Como é que estava hoje a água? A senhora tomou banho? Ah! Toma sempre banho! A senhora gosta da água, já vi. Já, já tenho ouvido dizer isso, que lá no Norte é mais fria. A senhora ia sempre para o Norte? Acha mais bonito ou mais feio que o Porto Covo? Ah! Ah! Ah! Gosta de ambos. [...] (*Ibidem*: 109)

No primeiro excerto, o discurso da personagem permite-nos inferir, por conjectura, os comentários e perguntas que a narradora terá feito e que provavelmente se assemelhariam a: «Porque é que os alemães gostam dos portugueses?», «Não deve ser por sermos humildes!», «Não devemos dizer que somos humildes». No segundo excerto, o discurso da mulher de Manuel permite-nos deduzir tanto as falas da narradora, como as informações que encontraríamos na narração do momento, como a descrição da vénia e o relato do instante em que a mulher de Manuel pendura o chapéu da narradora no cabide, ou os seus comentários sobre a água da praia em Porto Covo.

Esta narradora partilha o interesse da autora pelas experiências dos ex-emigrantes portugueses no estrangeiro; um interesse sociológico que estimula a necessidade de entender esse «outro» que é também o «mesmo», em função do qual a narradora opta por não mediatizar as falas das personagens, deixando que o leitor as «oiça» e possa, ele próprio, extrair as suas conclusões. Existe, com certeza, uma empatia entre a narradora/personagem e os seus hospedeiros, mesmo se ela não partilha a experiência migratória com eles, que pode ser observada nos laços afetivos que vão consolidando ao longo do romance e no interesse que ela demonstra em saber mais sobre a sua história:

— Vámos, sim senhora. Eram os outros emigrantes. Iam as carruagens cheias de emigrantes. O que diz a senhora? Quer saber como comíamos? Bem, nos comíamos, levámos um farnel aqui de casa. (*Ibidem*: 18)

— [...] Quando me lembro! Levantava-me às quatro e meia da manhã, era de noite, depois de me arranjar andava a pé perto de meia hora até à fábrica. [...] O que é que eu lá fazia? Cortava peixe limpo, quer dizer, já sem escamas e sem tripa. (*Ibidem*: 42)

É esta curiosidade, que não parece ser de índole puramente sociológica, que a fará procurar «retratá-los até ao âmag» (Besse, 2000: 113), preocupando-se em indagar pormenores da sua experiência migratória: o que faziam, como viviam, como foi a viagem, etc. À medida que o romance vai avançando, a narradora vai encontrando resposta para as suas interrogações, através dos relatos de Manuel, da sua mulher e dos outros ex-emigrantes que conhece através deles.

Em *O Apocalipse dos Trabalhadores*, encontramos um narrador heterodiegético que assume uma posição de aparente neutralidade. A sua onisciência permite-lhe mostrar-nos as experiências presentes e passadas de diferentes personagens, incluindo Andriy e os seus pais, sem mostrar evidência da sua posição subjetiva perante o imigrante. A objetividade do narrador permite os leitores avaliar de uma forma mais direta e menos intermediada a posição das personagens perante os «outros» e desenvolver o seu próprio ponto de vista com respeito a elas, tanto as estrangeiras como as portuguesas, mas sem chegar ao grau mínimo de intermediação pelo qual estrategicamente tinha optado a narradora de *A Floresta em Bremerhaven*. Há momentos em que parece insinuar-se um tom de benevolência ou compreensão no discurso do narrador quando fala acerca de Andriy, mas parece apenas refletir a simpatia que as outras personagens — nomeadamente Quitéria — sentem por ele:

por outro lado, o rosto pesado do jovem rapaz, as poucas palavras e as frases tão dificilmente construídas mostraram-lhe que ele estaria como um peixe fora de água, ali tão reduzido à sobrevivência, apenas um animal a precisar de respirar. [...] era certo que o andriy vinha de longe e, incapaz de falar bom português, acabava por lhes parecer mais inapto do que seria, como se fosse sempre cómico, mesmo quando necessitado de ser sério, perdendo tanto a possibilidade de convencer os outros sobre a seriedade dos seus assuntos como, sobretudo, da inteligência do seu pensamento. (Mãe, 2013: 48-49)

Embora isso possa dever-se ao facto de se tratar de uma narradora homodiegética, a narradora silenciada de Olga Gonçalves parece ser a que exprime o seu ponto de vista em relação às personagens deslocadas e às suas experiências de forma mais clara, enquanto os outros narradores, embora eloquentes, não formulam a sua opinião de forma tão nítida, atenuando-a ou disfarçando-a numa indiferença aparente, que é quebrada pelas expressões de ironia de um — o de José Rodrigues Miguéis — e a preocupação humanista do outro — o de Valter Hugo Mãe.

No que se refere ao terceiro conjunto de «eus» e «outros», a cadeia de relações entre as personagens é bastante complexa, porquanto estas vão evoluindo ao longo dos romances, impondo alterações aos modos como surgem figuradas. Nas obras analisadas, encontramos elementos que nos ajudam a iluminar o jogo de espelhos e as imagens que são criadas pelos reflexos de cada um, assim como a interpretação que deles fazem. Por exemplo, no romance de José Rodrigues Miguéis, temos um herói estrangeiro (um português em terras belgas), cuja relação com a sociedade de acolhimento não tem sido suficiente para permitir que ele nela se integre plenamente. Deste modo, Zacarias é um «outro» para toda a sociedade belga — que inclui Madame Heymans, com quem mais tarde mantém laços românticos, os polícias, o juiz e o conjunto de cidadãos não identificados que constituem a prefiguração metonímica da sociedade —, para todos os outros imigrantes que circulam pelo romance — o Senhor Piorkowski, Madame Piorkowska e a filha de ambos, que também são vistos como um «outro» pela sociedade belga, embora a um outro nível — e para os meios de comunicação. No entanto, se nos posicionarmos do lado de Zacarias, os «outros» passam a ser eles. No romance de Olga Gonçalves, encontramos um jogo igualmente interessante: enquanto Manuel e sua mulher são vistos como os «outros» pelos alemães, pelos outros imigrantes que encontraram na Alemanha e pelos portugueses que não entendem o seu estatuto após o regresso a Portugal, para eles aqueles são os «outros», sendo que as relações com a alteridade oscilam, consoante nos referirmos a Manuel ou a sua mulher. No romance de Valter Hugo Mãe, a situação é análoga, mas introduz uma pequena variante: se nos focarmos na personagem de Andriy, ele vê os portugueses como os «outros», mas reconhece como uma espécie de «mesmos» os integrantes da comunidade de imigrantes do Leste europeu que convivem com ele — apesar de os ver como «outros» em alguns momentos. Ao considerarmos a sociedade portuguesa em geral, os papéis surgem invertidos, pois tanto Andriy como os outros imigrantes são vistos como «outros». Se, inversamente, analisarmos a relação de cada personagem com a alteridade, observa-se que o marido de Maria da Graça, Augusto, se sente como um estrangeiro na sua terra quando volta do mar, encarando o facto de forma positiva, apesar de sentir repúdio pelos imigrantes. É este o esboço do jogo de representações que encontramos nos romances. Para compreender melhor este jogo, dividiremos a análise em quatro momentos: no primeiro, colocaremos a ênfase nos modos de representação, tanto das personagens migrantes como das personagens que integram as



sociedades de acolhimento; no segundo, procuraremos entender a representação do estrangeiro através da sua ligação com o trabalho; no terceiro, analisaremos a representação através do modo como o migrante se integra, ou não, na sociedade; e no quarto, focaremos a nossa atenção nas inter-identidades que as personagens desenvolvem.

### 2.3.2 O Outro poliédrico

As figurações esboçadas para as personagens individuais e coletivas traduzem-se em imagens que pretendem, de certa forma, representar culturas, grupos sociais ou, mais amplamente, sociedades. Assim, encontramos uma personagem portuguesa em terra estrangeira — no romance de Rodrigues Miguéis —, que constitui uma sinédoque da pequena burguesia portuguesa que foi para outros países em busca de aventuras e condições mais favoráveis de vida; dois ex-emigrantes no Alentejo — no romance da Olga Gonçalves —, que representam os milhares de portugueses que abandonaram a sua terra natal e foram em demanda de oportunidades que lhes permitissem melhorar a sua situação económica; e um jovem ucraniano — no romance de Valter Hugo Mãe —, que emblematisa todos os imigrantes do Leste europeu que chegaram e continuam a chegar a Portugal, à procura de uma salvação económica para as suas famílias.

Em *Uma Aventura Inquietante*, encontramos imagens de estrangeiros — representados pelas figuras de Zacarias, de Madame Piorkowska e do Conde Piorkowski — que ilustram os dois polos antagónicos da relação entre o «eu» e o «outro»: a fobia<sup>15</sup> e a filia.<sup>16</sup> O emigrante português Zacarias de Almeida é representado como um homem solitário, que vive há vários anos em Bruxelas, mas sem se integrar completamente na sociedade, já que unicamente procurou conforto material, sem intenções de desenvolver nenhum relacionamento que o vinculasse a outra pessoa ou ao país onde mora. Para ele, o retiro plácido que constitui a sua existência, no início do romance, é o ideal:

---

<sup>15</sup> A *fobia* é uma das quatro atitudes fundamentais para com o estrangeiro, propostas por Daniel-Henri Pageaux, que implica uma relação na qual o estrangeiro é sempre visto como inferior (cf. Pageaux, Daniel-Henri *apud* Mendes, 2000: 98)

<sup>16</sup> A *filia* é uma das quatro atitudes fundamentais para com o estrangeiro, propostas por Daniel-Henri Pageaux, que permite uma relação na qual «tanto a cultura receptora como a realidade estrangeira são consideradas positivas e complementares entre si» (cf. Pageaux, Daniel-Henri *apud* Mendes, 2000: 98)

Zacarias d'Almeida era português, e lisboeta, coisa assaz rara entre os portugueses soltos no mundo (e até mesmo em Lisboa). Homem equilibrado, senhor de si, de poucas falas, sério, metido consigo, com os seus livros, o seu cachimbo, odiando a agitação, o bulício, o nacional chinfrim, e fazendo a barba todos os dias. Deitava-se cedo, erguia-se cedo, gostava de Schumann, de Beethoven, de Bach e Debussy, de Mozart e Monteverdi, Palestrina e Vivaldi, de tudo que inspirasse ordem, método, razão, interioridade e quietação. Tivera sempre horror à vida de família como à vida gregária — esses dois pólos da existência nacional — e adorava o silêncio, a reflexão, o *chez-soi*. (Miguéis, 1989: 99-100)

Nessa vida meticulosamente organizada, sossegada e solitária não havia espaço para acomodar outras pessoas:

Pensar que alguém podia chegar um belo dia e, com duas palavras ou dois gestos, desarrumar-lhe a vida — tanto bastava para afugentar dele qualquer veleidade matrimonial. Mulher, filhos, parentes, eram coisas que sempre se figurava com receio: não a Mulher em geral, nenhuma em particular — mas a que se mete na vida e na cama dum sujeito, e ali fica para todo o sempre, como uma carraça, a sugar-lhe o tempo, a paciência e a receita. A vida parecia-lhe demasiado curta para ser malbaratada dessa forma. (*Ibidem*: 100)

Zacarias não procurou aproximar-se mais da sociedade de acolhimento nem deixou que ela se aproximasse dele. No entanto, não se trata de uma rejeição liminar da sociedade belga, pois ele não deixa de sobre ela se manifestar apreciativamente:

A Bélgica pareceu-lhe, de logo, o país em que teria escolhido viver e morrer: um misto de provinciano e civilizado, de latino e de nórdico, de culto e burguês (sobretudo), enfim, o equilíbrio sagaz de tantos factores na aparência contraditórios. [...] Este pequeno país, íntimo e confortável, cheio do senso doméstico, estava na encruzilhada de meia dúzia de grandes nações europeias, da cultura e dos negócios. Era o «lugar geométrico» do Ocidente. E as belgas, se não têm o *charme* das francesas, são bonitas e amáveis, e dum desinteresse sentimental a toda prova. Finalmente, encontrou nos cafés belgas o ideal do recolhimento para o solitário que gosta de sentir-se rodeado da multidão. (*Ibidem*: 104-105)

Trata-se, apenas, de uma relação tangencial e não aprofundada, que inclui a cortesia para com os outros e a coabitação pacífica no mesmo espaço — de que é exemplo a sua relação inicial com Madame Heymans, sua hospedeira —, mas que exclui o enraizamento afetivo, concretizado no desenvolvimento de amizades ou noutro tipo de laços afetivos. Inicialmente, a Bélgica tinha-o recebido da mesma forma, sem ressentimento pela sua presença — ou a dos outros imigrantes —, mas também sem desejos de misturar-se com ele. A relação entre ambos era equilibrada, mas, no momento em que é confirmada a existência de um crime, a sociedade fica alarmada e imputa rapidamente a culpa à presença dos imigrantes, começado a mostrar sinais manifestos de fobia em relação aos estrangeiros:

Em todo o caso, a opinião fica sobressaltada: nem é para menos. Os jornais, à falta duma crise ministerial ou duma nova conferência do desarmamento perpétuo e universal, ou mesmo do rearmamento da Alemanha, dão ao «Crime de Woluwee» um relevo alarmante. É horrível, aumenta assustadoramente o número dos crimes, dos assaltos à mão armada. Bruxelas está infestada! [...]

— O país está infestado de estrangeiros. Têm sido a nossa desgraça. Só cá vêm fazer a vida cara.

— A quem a senhora o diz! Uma corja — polacos, judeus, italianos, russos... Ah, esta terra era uma bênção! Agora é deles. Era acabar-lhes com a raça. Rua. Vão roubar prá sua terra!

— Também eu digo. (*Ibidem*: 30-32)

Quando a descrição de Zacarias, um estrangeiro, é publicada como a do possível criminoso, tanto o sistema judiciário como a opinião pública decidiram sumariamente que seria ele o culpado, sem procurar evidências reais que pudessem provar a sua culpabilidade ou inocência. A sua condição de estrangeiro torna-o o alvo perfeito para a cilada construída à sua volta pelos verdadeiros criminosos, uma vez que o crime só vem confirmar o estereótipo que associa os imigrantes a práticas ilícitas ou estilos de vida marginais, e ele tem consciência disso:

«[...] E aqui têm vocês a desgraça de quem se recusa a ler pontualmente os jornais!», gritou fora de si, no escuro do segredo, para uma audiência inexistente. «Agora então é que te apetece lê-los, agora que falam de ti, do teu crime! Tarde de mais, *Monsieur d'Almedâ*! Ah, eu conheço o estribilho — “*Ces étrangers!*” A estas horas tenho contra mim três quartas partes da população». (*Ibidem*: 123)

Apenas Rigaux, o ajudante do comissário Petitjean, tem dúvidas sobre a veracidade das «provas» que são apresentadas, por deslindarem o caso com demasiada facilidade:

— [...] Em seu entender, esse espanhol ou português existe. Era o amante da Piorkowska, e sobre isso não tem dúvida nenhuma. Fez a conquista dela, onde, quando e como, ninguém sabe nem viu. Fascinou-a na esperança de se safar duma situação económica precária, segundo nos deixa a entender o belo Janssens. Convenceu-a a deixar o marido, a divorciar-se, a extorquir-lhe dinheiro com «exigências». Ela procura um advogado e, perante as objecções deste, exaspera-se. O ibero insiste, ela não tem mais sossego, grita, ameaça romper com tudo e partir. Dessas cenas nem mesmo o criado particular deu fé... Depois, um belo dia, não podendo aguentar mais a situação, tresloucada, ela abala de casa com meia dúzia de jóias e uns tristes milhares de francos, para juntar-se ao amante. Hã? Aqui começa o último acto: há quem a veja sob um nome suposto numa casa de hóspedes manhosa; no dia seguinte, avistam-na a passear na companhia dum homem exótico, no parque onde horas depois aparece estrangulada e roubada: foi o amante que, despeitado, a liquidou. Nada mais simples. Todos os sinais que possuímos — pelas testemunhas do parque, pelo Janssens, pelo viúvo — parecem condizer. Logo, só resta encontrar o homem e prendê-lo. Não é assim, meu comissário?

— Exactamente — diz Petitjean, regalado com a clareza das coisas. — Nada mais simples nem mais lógico para quem tem a *minha* experiência.

— Sim, a lógica, a simplicidade da novela policial. Quer que eu lhe fale com franqueza? A mim, a simplicidade das coisas põe-me na retranca. No seu lugar, chefe, eu prevenia-me contra tanta clareza. Tenho a impressão de que nos temos deixado levar à deriva, cegos de luz... (*Ibidem*: 73-74)

Apesar de fazer parte dele, o ajudante questiona a fiabilidade e os procedimentos do sistema judicial, que procura fechar o caso rapidamente por questões políticas. Assim, «Rigaux é o verdadeiro elemento de investigação da polícia. De aparência fleumática e discreta, interpreta pistas, indícios e tudo questiona na busca da verdade e não na procura de uma acusação rápida e a todos conveniente» (Silva, 2010: 104). Ele precisa de evidências palpáveis, que não se baseiem unicamente na palavra dos envolvidos no caso que, tanto quanto ele sabe, poderiam ter cometido o crime ou estar a encobrir o verdadeiro responsável — como é mais tarde confirmado —, mas entende que, se ele próprio não as procura, mais ninguém o fará.

A história de Andriy é introduzida, em *O Apocalipse dos Trabalhadores*, através de uma analepse que nos relata a sua saída da Ucrânia para Portugal e o efeito que esta teve nos seus pais. Desde o início, Andriy é apresentado sob o signo da ambivalência: por um lado, é um rapaz forte, trabalhador incansável e digno, mas, por detrás da máscara de mecânica insensibilidade que tenta preservar, oculta-se um jovem frágil, emotivo e preocupado, profundamente marcado pelas experiências que viveu na Ucrânia e pela sua injusta condição atual que em nada se parece com a vida que imaginou ter em Portugal.

Devido às dificuldades impostas pela barreira da língua, durante o primeiro ano, foi-lhe muito difícil estabelecer qualquer relação significativa no seio da sociedade de acolhimento, pois «o que as pessoas lhe diziam, e diziam umas às outras sobre si, não lhe era minimamente inteligível» (Mãe, 2013: 60). A descrição do início da sua vida em Portugal mostra-nos que, para os portugueses, não havia conflitualidade em relação aos estrangeiros, mas somente indiferença pela sua presença:

depois de esperar umas horas por que mikhalkov voltasse das obras e o recebesse, saiu pelos cafés à procura de emprego. levava um papel com a palavra trabalho escrita em português e o seu nome. ninguém em bragança parecia dar ouvidos, mais do que apreciar o ar perdido com que olhava para as coisas. (*Ibidem*: 59)

Nesta situação, Andriy viu como única solução seguir o conselho do Mikhalkov e «passou também o seu ano calado à força de beber demasiado e adormecer quente de álcool» (*Ibidem*: 59). Trabalhava numa pizzaria, onde rapidamente aprendeu os nomes dos

ingredientes e a «reagir aos piropos mais ou menos explícitos da patroa, da filha da patroa, de algumas clientes, de alguns clientes» (*Ibidem*: 87), mas «depois de feito o trabalho regressava para casa» (*Ibidem*: 88), o que o privava de qualquer interação com o «outro». Assim, a sua relação inicial com a sociedade portuguesa apresentava uma dupla dimensão: por um lado, existia fascínio unilateral por parte daqueles que admiravam os seus atributos físicos, mas, por outro, não havia nenhum tipo de relacionamento mais profundo que fosse para além disso. Por isto, poderíamos dizer que, genericamente, a sua relação com a sociedade evidenciava um grau zero de conflitualidade, mas também um grau zero de confraternização.

À medida que o romance avança, vamos conhecendo Andriy e a sua história, e conseguimos desocultar a sua personalidade. Entendemos que o seu desejo de converter-se numa máquina de trabalho é um reflexo do desespero que o acompanha por não receber notícias dos pais e da solidão que sente por não poder partilhar a sua angústia. Entendemos que a barreira da língua não lhe permite partilhar os seus sentimentos de forma efetiva com Quitéria, mas que esse não é o único obstáculo, pois também os não consegue partilhar com os seus companheiros de casa, com quem, contudo, compartilha a língua. Entendemos que a sua alma é mais velha do que o seu corpo e que, por esse motivo, não consegue relacionar-se tão facilmente.

Como vemos, por diferentes motivos, inicialmente tanto Andriy como Zacarias levavam vidas isoladas. No caso de Zacarias, tratava-se de uma escolha pessoal; no de Andriy, de uma condição imposta pela falta de recursos que lhe permitissem alterar a situação. Foi a necessidade de comunicação e comunhão com o «outro» que ambos experienciaram que os levou a, mais tarde, procurar construir pontes afetivas com outras personagens através de processos também distintos.

As imagens dos protagonistas de *A Floresta em Bremerhaven* são substancialmente diferentes. Manuel e a esposa são apresentados como um casal simpático que desfruta da companhia dos outros, especialmente a da narradora que veem como um «outro» que lhes desperta interesse. Desde a sua chegada, ambos os hospedeiros se mostraram muito abertos e dispostos a dar-lhe a conhecer o seu passado, antes e durante o período de emigração. Por outro lado, também são representados como duas pessoas muito trabalhadoras e de condição modesta, que não conseguem habituar-se ao conforto ostensivo da casa que habitam, por se sentirem desadequados ao espaço:

— [...] Gosta da minha cozinha? Gosta desta cor? Pintou-a o meu marido a semana passada. [...] Apesar de tanta mobília inda é a cozinha de que gosto mais. Não é só ser alegre e ter muitos armários. É que gosto, sinto-me bem nela. A gente não fomos acostumados a essas cadeiras com tantas cardas. (Gonçalves, 1992: 16-17)

— [...] Não lhe contei que também lhes ficámos com a mobília? Que isto, nós até temos vergonha quando nos entram na casa à procura de quarto e nos vêem tanta mobília. Foi por essa razão que dividimos a sala grande, a da entrada, e lhe pusemos aquele cortinado. Por trás arrecadámos mais móveis do que a senhora vê pela casa toda. Estão ali arrumados. (*Ibidem*: 29)

— Porque não te deixaste ficar na nossa casinha? [...] Arranjasse-la! Não comprasses esta casa! Tínhamos algum preciso duma casa tão grande? Uma casa com tanta mobília! (*Ibidem*: 123)

É nos espaços mais humildes e onde realizam os trabalhos diários, como a cozinha ou a horta, que se sentem mais confortáveis, porque foram aqueles que ocuparam no passado, quando trabalhavam para os antigos donos da casa. A esposa de Manuel dedica-se às tarefas da casa, toma conta da filha e atende os hóspedes, enquanto Manuel trabalha como pedreiro, trata da horta e faz os recados do dia. As tarefas desempenhadas pelo casal são estruturantes do seu quotidiano, especialmente do da mulher, cuja identidade parece estar indissoluvelmente ligada a essas atividades. A mulher aparece quase sempre a desempenhar o seu papel de dona de casa, a limpar, a cozinhar, ou a realizar qualquer tarefa doméstica:

— [...] Depois de arrumar a louça deu-me uma melura! É deste tempo, fica a gente sem acção. Lavei a roupa toda e fui ainda apanhar erva para os coelhos. (*Ibidem*: 39)

— A senhora chegou mesmo à hora, não se deixou atrasar na praia! Cheira-lhe bem esta sopinha de lapas? Tem coentros, tem. A senhora já me tinha dito que gostava. Vamos ver se também gosta do meu coelho! (*Ibidem*: 53)

— Nossa Senhora! Meio-dia e a senhora ainda na cama! A senhora não foi à praia? [...] Abri a porta, vinha agora arrumá-lo. (*Ibidem*: 71)

Manuel vai trabalhar todos os dias para as obras, desde as sete ou oito da manhã até às seis da tarde, mas é dos poucos que voltam logo a casa (cf. *Ibidem*: 23). Assim, com exceção dos dias em que vai ouvir as notícias ao café, o seu quotidiano é dominado pelo trabalho, tal como acontecia na Alemanha, e decorre basicamente entre as obras e a casa.

Enquanto se encontravam na Alemanha, pouco se integraram na sociedade de acolhimento, provavelmente por falta de tempo livre para investir em relacionamentos que

o permitissem. Por este motivo, o contacto do casal com os alemães esteve restringido àqueles que trabalhavam com eles na fábrica. Houve, assim, um grau médio de confraternização, através de uma relação de coabitação, cortesia e até amizade, sendo que os alemães aceitavam os colegas imigrantes da mesma forma que aceitariam colegas alemães:

— [...] São pessoas preparadas na escola, de boas maneiras, dão lidação, sim, boa convivência. Tive lá bons colegas, não diferenciavam os estrangeiros da sua raça. (*Ibidem*: 80)

No que respeita ao relacionamento com a comunidade de imigrantes — integrada por portugueses, jugoslavos, espanhóis, gregos, chineses e russos, entre outros —, este era bastante mais próximo. Nas palavras de Manuel, «— [...] Dava, dava-se a gente bem, homens e mulheres [...] era tudo camaradagem» (*Ibidem*: 78, 81).

Contudo, nem todos os imigrantes são representados da mesma forma. Em *Uma Aventura Inquietante*, tanto Madame Piorkowska como o Senhor Piorkowski são estrangeiros, mas estas personagens não são representadas como tal. A sua naturalidade é referida no romance — são ambos polacos —, mas a sociedade não os percebe como «outros» da mesma maneira que percebe Zacarias. Este facto pode dever-se à confluência de dois fatores: por um lado, a posição social que ocupa o casal é mais elevada do que aquela que detém Zacarias — apesar de ele ter uma posição confortável, nada comparável àquela que têm os migrantes dos outros romances — e, tal como foi mencionado na primeira parte deste trabalho, os estrangeiros que ocupam estratos sociais mais elevados são percebidos de maneira mais positiva pelas sociedades de acolhimento; por outro lado, o casal parece ter-se integrado na sociedade belga, tendo um maior nível de interação com os autóctones. Com base nas informações que encontramos no romance, poderíamos dizer que entre o casal e o país de acolhimento existe um grau médio de confraternização, que não se resume apenas à cortesia e à coabitação, mas chega até à amizade que estes mantêm com outros. Encontra-se evidência disto mesmo quando a opinião pública acentua as repercussões negativas da presença dos imigrantes, referindo-se, apenas, ao criminoso, esquecendo que tanto a vítima como o seu marido — que, mais tarde, descobrimos ser o autor do crime — são estrangeiros, um ponto em comum unicamente referido por Zacarias durante a instrução contraditória: «Somos ambos estrangeiros, *métèques*, segundo ouço chamarem-me» (Miguéis, 1989: 141). A vitimização de Madame Piorkowska e do seu marido faz com que a sociedade olhe para eles com simpatia, estreitando os laços

previamente existentes. No entanto, o ponto de vista da sociedade e a imagem que esta tem deles vai evoluindo, à medida que vão sendo publicadas informações sobre a investigação. No início, ambos eram vistos como vítimas, uma por ter sido assassinada e o outro por ter ficado viúvo, com uma menina para criar. A primeira mudança ocorre quando é revelado que a vítima tinha desaparecido dois dias antes e as pessoas começam a questionar:

por que razão desapareceu ela do lar *dois dias* — e não algumas horas apenas — antes de ser assassinada?...

Uma corrente de interesse e piedade se avoluma a favor do negociante e da menina — «as verdadeiras vítimas do crime». Há já quem suspeite, no triste fim da Piorkowska, o justo castigo de um acto leviano. Para que havia de ela «abandonar» o esposo e a filha? (*Ibidem*: 35-36)

Mais uma vez, a opinião pública convence-se de que conhece a verdade dos acontecimentos e condena a morta por ter saído de casa e culpa-a pelo acontecido: «É bem feito! [...] Não saísse de sua casa. Negócios não querem saias. Ficasse a cuidar do esposo e da filhinha. Foi castigo do Céu!» (*Ibidem*: 36). A imagem de Madame Piorkowska passa, assim, a ser a de uma mulher dissoluta que preferiu fugir com o amante a tomar conta da filha, a quem abandonou sem pensar no que lhe poderia acontecer, enquanto a imagem do Conde Piorkowski permanece como a de uma vítima, por ter sido traído e abandonado pela mulher; nas palavras de Rigaux: «— O viúvo e a pequena ficaram logo envolvidos na simpatia da opinião, que tem uma grande influência nestas coisas. Quem é que ia agora suspeitar de um velho rico, doente, e traído?» (*Ibidem*: 255). No entanto, Madame Piorkowska recupera o papel de vítima junto da filha quando a verdade dos acontecimentos é descoberta, enquanto o Conde é colocado do lado dos criminosos:

— [...] Que vai ser da menina, coitadinha, sem mãe, o pai um assassino...

— [...] A pobre da Piorkowska morreu em vão. Quanto ao pai, tem-se portado com uma verdugo na mó de baixo: torpe, envelhecido, acabrunhado. [...] Cossaco de alma, cevou na mulher o seu velho ódio aos judeus. (*Ibidem*: 259)

O excerto corresponde ao diálogo entre Claire Heymans e Rigaux, mas de certeza transmitirá a opinião pública, que acabará por colocar Zacarias no papel do «herói do dia» (*Ibidem*: 246).



### 2.3.3 O Outro e o trabalho

O estrangeiro é aquele que trabalha. Enquanto os nativos do mundo civilizado, dos países adiantados, acham o labor vulgar e assumem os ares aristocráticos da desenvoltura e do capricho (quando podem...), você reconhecerá o estrangeiro pelo facto de que ele *ainda* considera o trabalho como um valor.

(Kristeva, 1994: 25)

Com apenas vinte e três anos, Andriy tinha abandonado a Ucrânia para buscar uma vida melhor em Portugal, o «país das flores» (Mãe, 2013: 89,165), onde acreditava que haveria muito trabalho e poderia ficar rico, como sonhavam os seus pais. Jovem e com a consciência de que emigrar significa trabalhar e fazer sacrifícios, Andriy encaixa-se no perfil dos indivíduos que têm emigrado ao longo da história,<sup>17</sup> com uma pequena diferença: quem ele deixou na Ucrânia não foram a sua esposa e/ou os filhos, mas os seus pais que, todos os dias, lutavam por sobreviver à loucura que os acompanhava. O seu pai, Sasha, tinha ficado em estado de paranoia desde a noite em que julgara ter assassinado um homem, vinte anos atrás, e desde então nunca mais tinha voltado a ser o mesmo. Quando Andriy era criança, o pai avisava-o antes de ir à escola: «se te perguntarem o nome, inventa, se te quiserem seguir até casa, foge, se te oferecerem algo, deita fora. eles vão matar-nos. eles querem matar-nos, andriy, meu querido filho, não os deixes fazerem-te mal» (*Ibidem*: 57). A tensa calma que reinava na casa dos pais do Andriy era frequentemente interrompida pelos ataques de pânico de Sasha, que iam deixando Ekaterina cada vez mais exausta e desesperada. Assim cresceu Andriy, entre os ataques do pai e o medo da fome, até que um dia decidiu partir da Ucrânia, porque queria ter a oportunidade de ser feliz e para isso

precisava de criar melhores condições de vida, fugir à miséria da ucrânia, mas fora-se embora sobretudo pela sua própria sanidade, sonhando ser um jovem minimamente normal, ocupado com a sobrevivência a partir de uma fome menos louca, uma fome física e nunca mental. o andriy dizia-lhe [à Ekaterina], aqui vamos ter sempre uma fome mental. somos um país esfaimado dentro da cabeça. a grande fome ucraniana não acabou. eu quero comer. eu quero comer. (*Ibidem*: 86)

---

<sup>17</sup>Como vimos na primeira parte deste trabalho, o emigrante é geralmente um jovem, do sexo masculino, que viaja só e deixa o seu país de origem por necessidades económicas. Ele sai da sua terra com a promessa de ajudar os familiares que ficaram para que eles também possam viver uma vida digna, ou até juntarem-se a ele mais tarde. Por vezes, o emigrante deixa-se levar pelos sonhos e, num completo abandono da realidade, promete voltar rico.

Com pouco dinheiro e uma mala cheia de sonhos, Andriy tinha partido para Portugal, deixando Korosten, a cidade onde tinha crescido, e os seus pais, Sasha e Ekaterina, com a promessa de voltar um dia e de ir enviando dinheiro sempre que possível. Mas Ekaterina não guardava «esperança nenhuma de voltar a ver o seu filho» (*Ibidem*: 46), ela sabia que não seria tão fácil tornar esses sonhos realidade e que o trabalho e as dificuldades acompanhariam o seu caminho a partir desse momento. A verdade é que, como afirma Valter Hugo Mãe numa entrevista que deu à revista Ípsilon em 2008, a propósito da publicação de *O Apocalipse dos Trabalhadores*, a ideia de que Andriy «vem para Portugal para voltar mais tarde para a Ucrânia rico [é] uma das ideias mais perversas do livro» (*apud* Coutinho, 2008: s/p) pois,

na realidade, Andriy não está bem. Nem irá voltar rico. Valter Hugo Mãe explica o seu ponto de vista, recorrendo às recordações de infância. Lembra-se de ver os tios imigrantes chegarem “com carrões e construir casarões”. “E de repente pensamos nestes ucranianos que andam aqui nas obras, regressando ao seu país com carrões e construindo umas casas para a neve e pensamos assim: ‘não estou a ver estes ucranianos a saírem de Portugal com dinheiro, se conseguirem um bilhete de comboio para chegar a Madrid já vai ser uma alegria’”. (Barbosa, 2008: s/p)

Contrariamente ao que acontece em países economicamente mais desenvolvidos como a Alemanha (o destino escolhido pelas personagens de *A Floresta em Bremerhaven*), em Portugal os trabalhadores não qualificados não têm um ordenado suficientemente alto para poderem dar-se ao luxo de poupar. No caso de Andriy, até porque ele emigrou só, a possibilidade de juntar algum dinheiro tornava-se ainda menor, pelo menos quando comparamos a sua situação com o caso de Manuel e da sua esposa. Ele só conseguiria enviar um pouco de dinheiro aos pais se partilhasse os gastos relativos à habitação com outros imigrantes, o que implicaria, então, não viver de forma confortável.

No seu primeiro dia em Portugal, Andriy «saiu pelos cafés à procura de emprego. levava um papel com a palavra trabalho escrita em português e o seu nome» (Mãe, 2013: 59). Teve a sorte de o contratarem numa pizzeria, onde foi aprendendo algumas palavras em português, mas cedo se apercebeu de que «trezentos euros ao mês não o salvariam da morte num país como Portugal» (*Ibidem*: 88). Ao fim de seis meses, acabou por resignar-se a ir trabalhar «nas obras, como todos os outros [imigrantes do leste], a cansar-se e a apressar-se consoante a impiedosa direcção de um português mal disposto» (*Ibidem*: 60), já que de outra forma não poderia cumprir a sua promessa. Ivan, um dos imigrantes com

quem partilhava o apartamento, levou-o com ele à obra grande onde trabalhava, pois ali havia muito que fazer, «coisas de braços, porque os portugueses já não se queriam matar a fazer nada» (*Ibidem*: 60) e explicou-lhe que o trabalho seria difícil: «as mãos ficam ásperas, [...] e não podes descansar o suficiente» (*Ibidem*: 88). A verdade é que, inicialmente, Andriy não queria trabalhar na construção civil, não porque este não fosse um trabalho digno, mas porque ele tinha a ilusão de poder realizar um trabalho mais lucrativo, que lhe permitisse atingir mais rapidamente os seus objetivos. Ao aperceber-se da impossibilidade de tornar realidade essa ilusão, Andriy faz a primeira concessão, uma troca de valores, e põe o dever e a necessidade antes do desejo, os outros antes de si próprio. Apesar de ele não se aperceber imediatamente disso, foi ao aceitar este trabalho que começou a sua metamorfose numa máquina de trabalho, pois teve que optar por dar mais importância à sua capacidade física do que às suas emoções ou capacidades mentais. Ao perder a ilusão de conseguir atingir os seus objetivos através de um trabalho que ele considerasse menos desagradável, Andriy perdeu uma parte da sua alma jovem e sonhadora e começou a envelhecer rapidamente. Do excerto apresentado, é importante ainda destacar como a imagem do português mal disposto que lhe daria ordens nas obras se contrapõe àquela do país paradisíaco publicitado nos países da Europa do Leste, onde haveria gente simpática e sonhadora, «um povo delicado» (*Ibidem*: 87) e hospitaleiro<sup>18</sup> que trataria bem de Andriy.

Apesar de ter sido incentivada por motivos semelhantes, a aventura migratória de Manuel e da sua esposa foi bastante diferente da de Andriy, especialmente porque eles contavam com a vantagem de terem emigrado numa época e para um lugar onde não era o sonho o que lhes sugeria a hipótese de uma melhoria de vida, mas sim os próprios factos. Enquanto o jovem ucraniano chegou a Portugal sem nada (apenas tinha o contacto do Mikhalkov, que o receberia no apartamento de duas habitações que partilhava com outros quatro homens), quando as personagens de *A Floresta em Bremerhaven* saíram de Portugal já tinham um contrato de trabalho, que uns familiares lhes tinham arranjado. Apesar de se tratar de um trabalho não qualificado numa fábrica de peixe congelado, o pouco dinheiro ganho e poupado na Alemanha traduziu-se, no regresso, em dinheiro suficiente para adquirir uma casa grande no Alentejo. Isto foi possível porque os salários que recebiam lá

---

<sup>18</sup>Era esta imagem que tinham Sasha e Ekaterina sobre os portugueses, a qual complementa aquela que era perpetuada pelos imagotipos criados sobre eles através da ficção e da propaganda turística nos países do Leste europeu (vd. 1.5.4 Como os portugueses são vistos no estrangeiro).

eram muito superiores aos que alguma vez poderiam receber em Portugal e porque, ao trabalharem os dois, tinham mais facilidade em cobrir as despesas, principalmente as relacionadas com a habitação. Por isso, Manuel viu em Bremerhaven a possibilidade de conseguir o que aqui nunca poderia ter: «— [...] Porque é que eu fui para a Alemanha? Porque é que eu abalei da nossa terra e deixei a filha de vinte e oito meses entregue aos outros? Por me ver tão arrastado, sem fé de me ver um dia com uma casa minha» (Gonçalves, 1989: 66). A possibilidade de possuir uma casa na terra natal foi para eles, e para muitos portugueses, o maior incentivo para decidir emigrar e pagar o alto preço de estar longe do lar e da família, num espaço tão diferente do seu:

— [...] Que naquelas terras há muito frio e a gente estranha. Estranhámos tudo! Cheguei em Novembro e não vi sol! Não vi sol em Dezembro, em Janeiro, em Fevereiro, em Março. Só vi sol em Abril! O dia cinzento, sempre cinzento. Logo ali achei grande diferença. (*Ibidem*: 41)

Uma das questões que distinguem Manuel e a sua esposa de outros emigrantes é o facto de terem partido juntos,<sup>19</sup> o que lhes permitiu partilhar toda a aventura, tanto as dificuldades como as alegrias. A companhia do outro certamente terá diminuído o sentimento de solidão comumente experienciado pelos emigrantes, permitindo-lhes ultrapassar as dificuldades impostas pelo trabalho e pela sua condição de estrangeiros. Neste contexto, a «condição de estrangeiros» engloba todas as dificuldades enfrentadas por eles, como as saudades de quem ficou (neste caso, a filha pequena de ambos, Mena) e do que tinham (o sol que não viram durante meses), as condições de vida que não são as mais confortáveis (uma casa fria, a falta de meios de transporte durante o inverno) e a necessidade de adaptar-se a um novo espaço, um novo clima e uma nova língua, entre outras. Por outro lado, o trabalho que lhes estava destinado implicava que realizassem atividades às quais não estavam habituados, como a manipulação de peixe congelado e de gelo (cf. *Ibidem*: 41), o que não permitia um trabalho a temperaturas confortáveis em nenhuma altura do ano. No excerto seguinte encontramos a confissão da mulher de Manuel sobre a dificuldade inerente à aprendizagem do seu novo trabalho:

---

<sup>19</sup>Ao longo da história das migrações, tem sido mais frequente que os homens empreendam sós a viagem de emigração, deixando as mulheres e os filhos no país de origem, enquanto eles preparam a nova habitação e criam condições para que as famílias se lhes possam juntar.

— [...] Cortava peixe limpo, quer dizer, já sem escamas e sem tripa. Era só para tirar uma espinha do meio e também a dos lados, das barrigas. Tínhamos uma controladeira, uma alemã, que ia ver se tínhamos feito o trabalho bem, e se não fazíamos o trabalho ao agrado dela, ganhávamos menos. Deitei lá muita lágrima. Eu e todas, que ao princípio não sabíamos fazer aquele trabalho. A controladeira não era boa, não perdoava, tinha mesmo que ser assim, era o emprego que lhe pertencia. (*Ibidem*: 42-43)

Mas certamente ela já teria passado por maiores dificuldades na sua terra natal, pelo que desistir nunca se lhe afiguraria uma opção, nem nos seus pensamentos mais íntimos. O esforço por conseguir melhorar e aperfeiçoar a sua técnica tornar-se-ia o seu grande objetivo e cuidaria de cada passo até conseguir atingir a perfeição.

Diferentemente das personagens migrantes de Olga Gonçalves e de Valter Hugo Mãe, Zacarias não abandonou o seu país de origem para fugir à fome nem para tentar conseguir manter uma vida digna. Ele, um

burguês, tranquilo, acomodado, amador um pouco diletante e egoísta de boa música, de pintura e acolhedoras mulheres [, em fim,] um Fradique Mendes modesto a quem o seu criador faz passar pelo Congo, como Eça expedira o seu Gonçalo Mendes Ramires para Moçambique, antes de o devolver à Civilização (Lourenço, 2001: 49),

emigrou em busca do conforto que só uma cidade como Bruxelas lhe poderia oferecer. Na década de 1930, ainda eram poucos os emigrantes portugueses que escolhiam destinos europeus, porque as melhores oportunidades de enriquecimento se encontravam do outro lado do Oceano Atlântico<sup>20</sup> e, não sendo essa a sua intenção, a Bélgica apresentava-se-lhe como um lugar sossegado onde poderia viver a vida que tinha idealizado. No entanto, as dificuldades financeiras impostas pela crise fariam com que ele perdesse o dinheiro ganho ao longo da sua vida e se encontrasse na posição de pedir emprego, «de chapéu na mão, como essas coisas se conseguem, a conhecidos e relações comerciais do bom tempo» (Miguéis, 1989: 108). Certamente, depois de ter tido a experiência de poder viver desafogadamente, com a certeza de que estava a fazer uma pequena fortuna que lhe permitiria continuar a permitir-se alguns luxos, ver-se nessa situação terá sido difícil para ele. Durante algum tempo trabalhou para a Tampico Fuel Company, mas esta faliu pouco depois e ele ficou novamente na rua (cf. *Ibidem*: 109-110). Sem mais opções,

---

<sup>20</sup>Principalmente no Brasil, que recebia mais de metade dos emigrantes portugueses.

tentou dar lições de português com escasso resultado [...]. As traduções comerciais davam-lhe para o café. Corria dúzias de escritórios, todos os dias via caras novas, e aos serões, curvado em cima da portátil, martelava o texto de reclamos e cartas-circulares sobre enxertos glandulares, ortopedia, hormonas virilizantes e cintos radiomagnéticos. Era um negócio que prosperava com a crise. (*Ibidem*: 110)

Estes trabalhos não eram agradáveis para Zacarias, que não se sentia confortável ao realizá-los, porque «aqueles cintos radiomagnéticos simbolizavam aos olhos dele as misérias duma parte da humanidade, envolta ainda nas faixas do mistério e da credence primitiva, presa de dores que só na mistificação, no logro e no charlatanismo encontravam consolo» (*Ibidem*: 110). A isto somava o facto de que o dinheiro que recebia não era o suficiente para manter o estilo de vida a que se tinha habituado nos anos de bonança, mas Zacarias preferia continuar na Bélgica passando dificuldades à possibilidade de voltar a Portugal exibindo o anátema da ruína, porque dessa forma os seus conhecidos saberiam que ele tinha fracassado. Neste aspeto, Zacarias atua como o emigrante comum, aquele que é capaz de suportar adversidades e viver nas piores condições (apesar de o seu caso não ser tão extremo) em terra estrangeira, mas não aceita essa realidade ao falar com os seus familiares e amigos; Zacarias é aquele que prefere sofrer em silêncio longe de casa a ser visto na miséria pelos seus.

Apesar de não ter realizado trabalhos tão pesados como Andriy, Manuel e a sua esposa, acompanhava-o a frustração por não conseguir melhorar a sua situação e por ter que participar num esquema que achava pouco honesto. Zacarias «não é [mais] o “brasileiro” nem o “americano” torna-viagem bem sucedido, enriquecido, mas sim o [...] fracassado, humilhado e cilindrado pelos mecanismos da sociedade» (Gago, 2012: 120). Ao longo da sua vida ele vê os dois lados da moeda: o do emigrante que retorna com riquezas de terras alheias e o do emigrante que fica sem nada e é maltratado e rejeitado pela sociedade de acolhimento, por não gozar de uma posição económica e social elevada.

Uma das características que Julia Kristeva atribui ao emigrante é o facto de este ver o trabalho «como se *fosse ele* a terra eleita, a única fonte de sucesso possível e, sobretudo, a qualidade pessoal inalterável e intransferível, mas transportável para além das fronteiras das propriedades» (Kristeva, 1994: 25). Esta caracterização pode aplicar-se perfeitamente aos três migrantes que conduzem a nossa análise, uma vez que todos eles veem o trabalho como a única possibilidade de ultrapassarem as suas dificuldades, quaisquer que estas sejam.

Esta relação com o trabalho como «terra eleita» e «qualidade transportável» é mais visível nas personagens de *A Floresta em Bremerhaven*, que não conhecem outra forma de viver, pois desde pequenos viram-se na necessidade e na obrigação de laborar para conseguir segurar o seu sustento:

[Manuel:] — [...] E eu, por mim, sou analfabeto, entregaram-me a foice aos sete anos para eu ceifar. [...] Olhe que desde os sete anos que tenho sido estaforado pelos lavradores! Foi só trabalhar para diante, como um bordão sempre atrás de mim. [...] E inda lhe digo que para a gente ir ao trabalho, para a gente não falhar, tinham mais gosto em que passássemos fome de forma a comparecermos mais vezes. (Gonçalves, 1991: 57-58)

[Mulher:] — [...] Eu? Trabalhei de criança aqui, no Porto Covo, e ia trabalhar aí nos montes dos lavradores. Trabalhava no campo. A mondar. [...] Também andei na ceifa, que depois de seco [o trigo] a gente ceifa-o. Depois semeei milho atrás dos bois. (*Ibidem*: 16-17)

As memórias da infância — sobretudo as de Manuel — são assombradas pela exploração laboral e pela carência (de bens materiais, alimentos, educação, entre outros) em que cresceram, como resultado da pobreza extrema. Talvez seja por isso que para eles o trabalho na Alemanha, apesar das horas extraordinárias, não representou um esforço maior do que aquele que andava associado ao trabalho que faziam em Portugal — era apenas diferente.

Apesar de terem visto o seu tempo de ócio significativamente reduzido na Alemanha, porque, para além de trabalharem as oito horas diárias regulamentares, Manuel «fazia mais horas, e às vezes ficava até à uma da manhã a fazer a limpeza da fábrica porque os alemães não lhes interessava fazer mais horas, que o emigrante é que estava sempre a trabalhar para ganhar mais algum» (*Ibidem*: 45), eles não veem essa situação como resultado da exploração laboral. Tanto para Manuel como para a sua mulher, o facto de trabalharem melhor ou mais do que os outros (os alemães que não têm interesse nem necessidade de o fazer) representa um motivo de orgulho, sendo este evidente na afirmação da mulher: «— [...] Que o Manuel era raro que o deixassem de fora, sabiam que ele era homem de trabalho, diziam-lhe para ficar muitas vezes!» (*Ibidem*: 46). Desta forma, o Manuel e a sua esposa encarnam o imigrante descrito por Kristeva, aquele que «não está ali para perder o seu tempo. Batalhador, audaz ou espertalhão, segundo as suas capacidades e circunstâncias, ele amealha todos os trabalhos e esforça-se por se sobressair nos mais difíceis» (Kristeva, 1994: 26). Esse orgulho por conseguirem sobressair nas atividades

laborais é ainda evidente quando a esposa de Manuel explica como era compensada pelo seu esforço:

— [...] Ganhávamos quatro marcos e oitenta fénis à hora, e tínhamos uma percentagem se apresentássemos o trabalho bem feito, se não encontravam espinhas. À percentagem chamavam-lhe eles o *akkord*! Estava a gente sempre a ver se ganhava o *akkord*! No fim da semana tinha cento e tal marcos de percentagem a juntar ao meu ordenado. Era mais um conto de réis! (Gonçalves, 1991: 43)

E porque já tinham passado por piores situações no próprio país, apesar de todas as dificuldades que passaram na Alemanha, o tempo passado lá é visto como um tempo libertador, graças à estabilidade laboral:

— [...] foram três anos de uma vida livre. Sim, livre, sem preocupações. Nascia o sol e a gente já sabia onde ia ganhar o pão. Eu ia para a fábrica, entregava a trabalhar, tinha o meu lugar certo para me apresentar. (*Ibidem*: 75)

Esta liberdade resultava da falta de preocupações económicas, pois o dinheiro que ganhava a mulher era suficiente para cobrirem as suas necessidades e podiam guardar o ordenado do Manuel para o futuro regresso. Daí que, apesar das dificuldades impostas pela língua e o clima, ambos atribuísssem um valor mais positivo à experiência de trabalho na Alemanha do que àquela passada em Portugal, pois «— [...] era mau lá, mas em Portugal o que a gente fazia? Toda a vida a trabalhar e os ganhos nunca foram nenhuns» (*Ibidem*: 46).

Depois de terem regressado a Portugal, mesmo gozando de uma situação económica mais confortável, as personagens criadas por Olga Gonçalves têm dificuldades em separar-se do trabalho, especialmente a mulher, cuja identidade está indissoluvelmente ligada às atividades domésticas. Não só é quase sempre mostrada a desempenhar o papel de dona de casa, mas também o seu próprio discurso gira à volta dele, colocando-a no lugar da servidão. Isto torna-se evidente em dois momentos: o primeiro é quando a personagem afirma sentir-se mais confortável na cozinha, porque «o seu espaço na casa, mesmo depois de adquiri-la, ainda é o espaço do trabalho. A fronteira cultural em que se instala é também uma fronteira de classe, daí a inadequação que sente ao habitar a morada em que trabalhou» (Jorge, 2009: 49); o segundo é quando conta a última visita que fez aos antigos proprietários da casa, os seus padrinhos de casamento:



— [...] Até ao dia de hoje, vamos lá a casa e somos tratados como pessoas de família. Ainda agora, há dois meses, vieram buscar-me de carro e levaram-me para casa deles quinze dias — sim, como pessoa de família. Tinham uma senhora que vive lá com eles muito doente, e estavam sem criada. Era eu que ia à praça e lhes fazia a comida. Tudo quanto eu fizesse, estava tudo bem! Gostam muito do comer que eu faço! (Gonçalves, 1991: 30)

Neste excerto, como afirma Jorge, é evidente que «o lugar ocupado por ela nessa relação ainda é um lugar de obediência e servidão. Apesar da quebra do vínculo contratual, a ela cabe, mais uma vez, servir, seja na visão dos antigos proprietários da casa, seja na sua própria» (Jorge, 2009: 49). Embora ela afirme ser tratada como parte da família, é claro que nunca chegará a ser vista por eles como uma igual, especialmente porque ela própria não consegue assumir esse papel.

Apesar de não ter lidado com a necessidade de trabalhar desde criança como Manuel e a sua esposa, o trabalho também se tornou a «terra eleita» de Andriy, a partir do momento em que percebeu que Portugal não era o «país das flores» com que tinha sonhado e que este era o seu único meio de sobrevivência. Após uma tentativa falhada de partilhar a sua preocupação pela ausência de notícias dos pais com Quitéria (a sua única ligação à sociedade portuguesa), este decidira que, para poder continuar a sobreviver, teria de apagar qualquer vestígio de humanidade que lhe restasse e converter-se numa máquina de trabalho, forte e metálica:

se pudesse, esquecia-se de ser emotivo, gostava de acreditar que a vida podia existir apenas como para uma máquina de trabalho perfeita, incumbida de uma tarefa muito definida, com erro reduzido e já previsto, e com isso atender ao mais certo objectivo, enviar algum dinheiro para a família na ucrânia, e nem pensar muito nisso nem nunca dramatizar a questão. [...] retirar daí a felicidade das máquinas, uma espécie de contínuo funcionamento sem grandes avarias ou interrupções. a felicidade das máquinas, para não sentir senão através do alcance constante de cada meta, sempre tão definida e cumprida quanto seria esperar de si. (Mãe, 2013: 52)

O desejo de tornar-se numa máquina de trabalho sem emoções pode explicar-se através da afirmação de Kristeva: «Já que ele não tem nada, já que não é nada, pode sacrificar tudo. E o sacrifício começa pelo trabalho: único bem exportável sem alfândega. Valor, refúgio universal em estado errante» (Kristeva, 1994: 26). Andriy já tinha perdido tudo quando podia, estava só em Portugal, sem ninguém que compreendesse a sua dor ou o consolasse. A atividade laboral tornou-se, assim, num refúgio, um valor que lhe permitiria atingir os seus objetivos sem importar onde ou com quem estivesse e ao qual dedicaria todo o seu

tempo e energias, porque já não tinha nada mais, nem sequer os sonhos que tinha trazido da Ucrânia.

A metáfora da máquina de trabalho em que Andriy imagina transformar-se a partir desse momento encontra-se ligada à visão do «homem de ouro»,<sup>21</sup> metáfora da riqueza. Quando Andriy pensava estar prestes a atingir o seu objetivo,

o homem de ouro passou lentamente e sentou-se diante dos olhos do andriy. parecia estar mais perto do que a primeira vez. estava mais perto, sim. o rapaz encarou-o sem tanta surpresa, mas perscrutando-o, tentando perceber qualquer sinal de onde vinha, do que lhe poderia querer dizer. [...] o homem de ouro vinha pelo andriy, porque ninguém percebia aquilo, porque só o que a sua cabeça inventava. o rapaz olhava para diante e era como um filme projectado em tela, vindo dos seus olhos para as traves tombadas no chão, de onde o homem de ouro ficava a observá-lo, quieto, sem ensejo de conversa, apenas a exposição do brilho intenso da riqueza da metalização do corpo com o mais nobre dos metais. (Mãe, 2013: 89-90)

Andriy tentava convencer-se de que, através do trabalho, poderia encontrar a felicidade das máquinas, aquela que o libertaria da tristeza e da solidão que sentia. Sem preocupações nem emoções pela ausência de notícias dos pais, que receava estarem mortos, ele poderia dedicar-se a trabalhar e a juntar dinheiro para atingir os seus objetivos. Para ele, cada pedra, cada bocado de areia que carregava era a metáfora de um pouco de dinheiro que ia amontoando, aproximando-se cada vez mais das suas metas. No fundo, ele desejava que o trabalho lhe conferisse esse sentimento de liberdade expresso pelo Manuel e que o ajudasse a encontrar «o futuro coberto de ouro, já muito mais fácil de existir» (*Ibidem*: 91) que encontraram os emigrantes dos outros romances. Contudo, Andriy não encontraria esse futuro tão cedo. A máquina colapsaria um domingo à tarde porque ele, tal como os emigrantes de Ferreira de Castro

Trabalharam tanto que se esqueceram de si próprios; e no dia em que se lembraram de que existiam, viram-se miseráveis como quando havia chegado; mais miseráveis ainda porque já não tinham a ilusão. Estavam enfermos, sugados, envelhecidos, e só lhes restava implorar da morte um adiantamento. (Castro, 1935: 254)

---

<sup>21</sup>O «homem de ouro» era «um mealheiro muito bonito que o sasha comprara para o andriy e onde, de vez em quando, punham uma moeda. Não era dinheiro que fizesse rico o seu dono, era só uma forma de incentivar o andriy para o cuidado com as coisas, ensinando-lhe a pensar no futuro, a precaver-se, porque o futuro podia ser um bicho criado pelo passado leviano que alguém tivesse» (Mãe, 2013: 146). Nele, punham uma moeda sempre que podiam, mesmo enquanto o filho estava ausente, para sentir que ainda tomavam conta dele.

Juntamente com as ilusões, Andriy perdeu as forças e começou a «trabalhar muito menos, carregando as coisas mais a custo e sem ânimo para lutar pelo dinheiro como outrora» (Mãe, 2013: 124). O «homem de ouro», agora funcionando como uma consciência, ou talvez um eco das palavras que a mãe lhe diria, se pudesse, disse-lhe que tinha que esforçar-se muito mais para poder garantir o seu sustento a longo prazo, mas Andriy estava tão ferido que apenas conseguia ver-se só, sem ninguém que se preocupasse com ele (*Ibidem*: 124). A verdade era que mais do que o dinheiro que pudesse ganhar a trabalhar, mesmo que este o tornasse rico, Andriy desejava voltar a sentir o calor de uma família, mas a sua tinha-o abandonado para sempre.

Em várias ocasiões, Zacarias afirma ser um homem de bem, honesto e trabalhador. Apesar de não sabermos tantos pormenores sobre a sua vida laboral como sobre a dos outros migrantes, sabemos que ele conseguiu reunir algumas economias, fruto do seu trabalho, as quais lhe permitiam manter um nível de vida confortável até que uma crise financeira colocou dificuldades no seu caminho. Apesar de todos os tropeços e de ter vivido em abundância, Zacarias sempre viu o trabalho como a única forma de ultrapassar as dificuldades que se lhe apresentavam e este era a sua maior (ou, talvez, única) ligação à sociedade de acolhimento. Daí que, descontando Claire Heymans, as únicas pessoas que podiam testemunhar em sua defesa na audiência de instrução contraditória fossem (ex-) colegas de trabalho. Depois de conseguir provar a sua inocência, o tribunal civil atribuiu-lhe uma indemnização de trinta e quatro mil francos «pelos prejuízos morais e materiais a que a falsa acusação dera lugar» (Miguéis, 1989: 262). Se bem o seu primeiro impulso foi o de planificar uma viagem para a sua lua-de-mel com Claire Heymans, acabou por decidir investir o dinheiro num negócio, que seria desenvolvido por ambos:

«Encontramos a casa ideal, nem de encomenda: um pequeno bangalô com ar de casa de família, em Boitsfort, a dois passos das corridas de cavalos, entre as árvores do bosque. Clientela segura na estação, sítio ideal para os jantarinhos de Estio, debaixo das ramarias... E três ou quatro aposentos para os noivos em busca de refúgio... Uma beleza! [...] Já arranjamos uma garota com boa perna para o serviço das mesas e criada para os quartos e dar uma ajuda. A Claire ocupa-se da caixa. Eu percebo o meu bocado de culinária, no meu celibato sempre me ocupei disso». (*Ibidem*: 266-267)

Assim, a atividade laboral que Zacarias passou a desempenhar nesse espaço serviria como veículo para finalmente completar a sua integração na sociedade belga, dando lugar à criação de uma nova identidade.

Como podemos ver, uma das características comuns entre as personagens migrantes de José Rodrigues Miguéis, Olga Gonçalves e Valter Hugo Mãe é que todas atribuem ao trabalho um valor que vai mais além do valor económico, pois «ainda que o valor atribuído a este trabalho seja variável, é a partir dele que o imigrante se situa no mundo e ergue os pilares que sustentam o seu viver em um espaço intervalar» (Jorge, 2009: 50).

### 2.3.4 Na Terra Prometida

Quem sai do seu país para vir para Portugal, ou para qualquer sítio, não imagina o que o espera realmente.

(Tréfaut, 2004)

As palavras proferidas por um imigrante russo no documentário de Sérgio Tréfaut, *Lisboetas*, condensam lapidariamente as experiências dos nossos migrantes. Ao saírem do seu país de origem, todos eles iam em busca de uma vida imaginada, de uma terra prometida que dificilmente encontrariam. Uns mais cedo do que outros, todos descobririam que os seus sonhos não se tornariam realidade tão facilmente como teriam desejado e que ser migrante é, com frequência, confrontar-se com uma paradoxal não-pertença, tanto à sociedade que se deixou, como àquela que se demanda, visto que o «outro» é sempre alvo de desconfiança.

Como amplamente demonstram as representações ficcionais do migrante, as dificuldades começam com uma viagem em condições precárias para a terra prometida. Foi esse o caso de Andriy, que não tinha recursos suficientes para fazer a viagem mais direta da Ucrânia para Portugal e assim se viu obrigado a fazer mudanças de transportes e esperar. Mas foi, sobretudo, o caso de Manuel e da mulher, que viajaram para Alemanha num comboio cheio de emigrantes de diversas nacionalidades que, como eles, acalentavam a esperança de encontrar uma vida melhor. As imagens da viagem de comboio permitida pelo bilhete do emigrante são remissivas das travessias de barco retratadas por Ferreira de Castro, em *Emigrantes* (1928), ou por Rodrigues Miguéis, em *Gente da Terceira Classe* (1962).<sup>22</sup> Durante a viagem de Manuel e da sua mulher para a Alemanha, o desconforto resultante do espaço reduzido, partilhado com outros emigrantes, era agravado pela falta de

---

<sup>22</sup>De acordo com Dora Nunes Gago, nas viagens de navio presentes nas narrativas de Ferreira de Castro e José Rodrigues Miguéis, encontramos a imagem a pobreza e da morte, «espelhando a desumanidade das condições vividas naquela[s] viagem[s]» (Gago, 2012: 104-105)

uma alimentação adequada. Foi graças aos alimentos preparados pela mulher que ambos conseguiram aguentar a longa jornada, pois, como ela explica:

— [...] Bem, nós comíamos, levámos um farnel cá de casa. Peixe frito, carne no molho, linguiça frita com ovos. Levámos pão, levámos vinho, levámos fruta. A fruta que arranjámos em Lisboa, perto da estação de Santa Apolónia. Assim que lá chegámos deram-nos sandes de papos-secos com queijo e fiambre, dentro duns sacos plásticos, e meio litro de vinho a cada pessoa. Na fronteira de Espanha é que fizemos bicha, de manhã, para irmos buscar café com leite, e davam também dois bolinhos e uns quadrados de queijo, aquele queijo *Zeca*, não sei se conhece, eu não gostei nada. Não deram outro comer ao emigrante por essa viagem fora. O que seria de nós sem o nosso farnel, que eu não me lembro se nos deram mais alguma coisa até à Alemanha. Mas se deram, foi assim, sempre o mesmo café com leite tirado dumas máquinas, sempre o mesmo comer seco. (*Ibidem*: 18)

Para ambos, o espaço do comboio representa o primeiro cenário de encontro com o «outro» e, conseqüentemente, aquele onde ocorreu o primeiro choque cultural:

— [...] O que é que eu lá vi? Ora! Jugoslávios, húngrios, espanhóis, franceses, ingleses, americanos, japoneses — não te lembras, mulher, com os olhos inchados, com mais carne em cima dos olhos?! — e turcos. Ai os turcos, uns porcos, tanto comiam batata crua, como comiam carne de gazela, uma carne preta que eu não sei o que era aquilo, mas remelgavam os olhos quando vissem a gente comendo carne de porco! O porco era o deus deles, diziam, disseram-mo muitas vezes! (Gonçalves, 1991:19)

As características físicas dos japoneses, muito diferentes das dos europeus que viajavam com eles, são dos primeiros traços acentuados por Manuel, porquanto consubstanciam, à primeira vista, a diferença mais flagrante. As diferenças culturais refletidas nas práticas alimentares e religiosas — nomeadamente no caso dos emigrantes turcos — são, em função do seu estreito horizonte de referência, incompreensíveis, visto nunca se ter antes confrontado com uma tão evidente alteridade cultural. Manuel crescera numa sociedade rural, sob o jugo da ditadura e forçado a suportar a mais profunda pobreza. Se alimentar-se tinha representado uma dificuldade para ele desde muito cedo, o acesso à educação ou a informações sobre outras culturas estava, desde logo, totalmente fora do seu alcance. Por isso, a incapacidade de compreender ou aceitar diferenças culturais justifica a criação de *imagotipos*<sup>23</sup> que, por vezes, constituíam obstáculos à relação convivial com outros emigrantes. O caso mais evidente é o dos espanhóis, que Manuel cataloga, desde o início, como indesejáveis:

---

<sup>23</sup> A designação de *imagotipo*, proposta por Manfred Fischer, é utilizada preferentemente no âmbito do estudo da imagem literária, em substituição da designação *estereótipo*, utilizada pela sociologia (cf. Simões, 2011a: 37).

— [...] ainda houve um momento que se amontou no comboio uma maldita de uma espanhola gorda. Estávamos descuidados, pôs-se a dizer frio! frio!, a encolher-se toda, mas a fazer-se comprida para malas que iam por cima de nós. Veja lá, éramos oito na secção da carruagem, cada um com três ou quatro malas. Tinha ou não tinha ela sítio pra onde olhar? Não, ela não roubou, que a gente correu-a. A sala era para oito, não para nove, e nós bem víamos o que ela queria. Pois claro, notámos que era ladra, o que ela estava era à espera que a gente se deixasse dormir. Antes da gente se deixar dormir, tivemos que a pôr fora. (*Ibidem*: 20)

Os primeiros encontros com os espanhóis, ainda no comboio, seriam determinantes para a posterior consolidação de uma imagem desqualificante e depreciativa. O desenvolvimento de uma atitude de repulsa, com nítidos contornos de xenofobia, em relação à comunidade hispânica torna-se evidente quando a personagem se lhe refere, com recurso a um léxico explicitamente depreciativo:

— [...] havia um bandido de um espanhol que era mestre, que em vez de nos ajudar, ainda nos encravava mais, porque muitas das vezes entendia o que a gente estava querendo dizer e ainda mais nos deixava enrolar. Cães que eram os espanhóis todos! E também as espanholas! Má camaradagem no trabalho! Falsos! Eram manhosos para os colegas, eram. Em três anos que lá estive a trabalhar, queria-me com as raças todas menos com a espanhola. (*Ibidem*: 19)

— [...] O pior era a companhia dos espanhóis, que do trabalho eu gostei. (*Ibidem*: 79)

Esta imagem dos espanhóis encontra-se também presente no discurso do Arlindo, que defende, com repúdio veemente:

— Os espanhóis? Raça marafada! Gostar dos espanhóis, eu? Nunca. Nem espanhóis, nem espanholas. Ordinárias! Se me lembro, lá no fabrico, aquelas grandes baboseiras! Falam mal, são porcas de língua. De manhã, a primeira oração delas era logo essa. Raça malvada! (*Ibidem*: 90)

No entanto, a esposa de Manuel não partilha de uma imagem análoga dos espanhóis, presumivelmente por ter tido uma experiência de convívio diferente da do marido. Quando a narradora a inquire sobre a convivência na fábrica, ela afirma: «— [...] havia, havia boa camaradagem. Jugoslavas, portuguesas, espanholas, turcas, gente de todas as raças. Dois mestres alemães. Foram, para mim foram bons. Quando abalámos, no meu turno, todos choraram» (*Ibidem*: 43). Neste sentido, a sua experiência no estrangeiro, pelo menos ao nível de socialização no espaço de trabalho, aparenta ter sido mais pacífica do que a do Manuel.

O primeiro contacto entre o «eu» e o «outro» representa, regra geral, um choque para ambos. As diferenças são tão intransponíveis que parece impossível algum dia poder

chegar a um consenso que permita a integração do recém-chegado. Contudo, a passagem do tempo impõe que as diferenças expostas nesse primeiro contacto se desvançam e o que antes parecia irremediavelmente estranho começa a tornar-se familiar. A sociedade, que parecia constituída por uma massa informe de estranhos, começa a revelar a presença de sujeitos individuais. Quando Andriy chegou a Portugal, não conseguia entender nada do que os portugueses lhe diziam, nem conseguia neles reconhecer pessoas:

o andriy já havia pensado que o melhor de ter entrado em Portugal estaria nessa transgressão fácil das alianças nacionais, para se colocar acima das convenções sociais que, para ele, não precisariam de significar nada. Era dizer que as mulheres lhe pareciam como iguais, sem vínculos a outros homens, apenas estariam diante dele como um corpo a usar. (Mãe, 2013: 53)

Como se encontrava fora do seu espaço, as convenções sociais que lhe tinham sido inculcadas perderam importância, e a distinção entre homens e mulheres, que implicava um tratamento social distinto, deixou de existir. Todos se assemelhavam a objetos, criaturas reificadas que utilizaria ou ultrapassaria para conseguir alcançar os seus objetivos e satisfazer as suas necessidades. Assim, a sociedade portuguesa parecia-lhe toda igual, constituída por indivíduos sem rosto, sem nenhuma hierarquia para além daquela estabelecida pelos vínculos laborais ou pela posição económica. Trata-se de uma sociedade à qual se sabia ser irremediavelmente excêntrico. Quando vista de longe, ele destacar-se-á naquela paisagem uniforme, pois, como sustenta Kristeva,

Primeiramente, a sua singularidade impressiona: esses olhos, esses lábios, essas faces, essa pele diferente das outras o destacam e lembram que ali existe *alguém* [...] Seja ela perturbada ou alegre, a expressão do estrangeiro assinala que ele está “a mais”. (Kristeva, 1994: 11)

Seria, sobretudo, essa expressão que o estigmatizaria para sempre numa sociedade tão diversa da sua. Contudo, não é apenas o facto de se sentir fora de lugar que faz com que ele seja visto como um estranho pelos outros. A dificuldade de comunicar numa língua tão diferente da sua coloca-o, desde logo, à margem das relações sociais, pois o jovem ucraniano não consegue exprimir-se corretamente nem encontrar palavras que possam traduzir as suas ideias e sentimentos. O impacto da barreira linguística torna-se manifesto quando Andriy tenta explicar a Quitéria a sua preocupação por não ter recebido notícias dos pais:

eu não estar feliz, meu pai mais doente e minha mãe com maldade na ucrânia. eu pensa nisso sempre e não tem pensar outra coisa. a quitéria não seria dotada das melhores maneiras, como até ela percebia, e questões de dinheiro accionavam em si uma reacção violenta que, para defesa do seu mundinho contido, assustava quem ela julgava pedir-lhe financiamento. e respondeu, não penses que te vou pagar pelos serviços, não sou mulher de pagar por sexo e não entrarias na minha casa se te tivesses apresentado como uma puta e ele recuou. os olhos vidraram-se, humedeceram levemente e perceberam a distância de anos luz a que estava daquela mulher e o quanto ingénuo por lhe ter falado dos seus problemas. (Mãe, 2013: 48).

Como se deduz deste excerto, a expressão vacilante da Andriy é agravada pela ausência da vontade da recetora de entender o que ele tenta transmitir, deixando-se levar por suposições. Ao intuir o desprezo da mulher, desistirá de partilhar os seus sentimentos com os outros, mesmo com aqueles que falavam a sua própria língua, sabendo que também eles não o entenderiam.<sup>24</sup> «Assim, entre duas línguas, o seu elemento é o silêncio. De tanto falarmos de tantas maneiras, igualmente banais, igualmente aproximativas, não falamos mais» (Kristeva, 1994: 23). Por ter sido magoado dessa forma por Quitéria, Andriy apercebeu-se de que estava completamente só, numa terra estranha, e decidiu apagar quaisquer vestígios de humanidade que nele subsistissem, para poder dedicar-se maquinalmente a trabalhar e alcançar os seus objetivos, pois «nenhum obstáculo o retém e todos os sofrimentos, todos os insultos, todas as rejeições lhe são indiferentes na busca desse território invisível e prometido, desse país que não existe, mas que ele traz no seu sonho e que deve realmente ser chamado de além» (*Ibidem*: 13).

Porém, como sublinha Julia Kristeva, «a indiferença é a carapaça do estrangeiro: insensível, distante no fundo ele parece fora do alcance das agressões que, contudo, sente com a vulnerabilidade de uma medusa» (*Ibidem*: 15). Quando a máquina avaria e a carapaça deixa de ser suficiente para o proteger, o seu voto de silêncio deixa de fazer sentido e, num esforço tímido de aproximação, procura fazer-se entender por Quitéria, que agora se mostrava mais recetiva. Com a ajuda de Maria da Graça, esta tinha-se apercebido de que o tratamento que dispensara a Andriy não tinha sido o mais correto, pois ele não tinha, como ela «por vantagem a sorte de não ter saído do seu próprio país e falar de berço a língua de toda a gente com quem se cruzava no quotidiano simples que vivia» (Mãe,

---

<sup>24</sup>No caso dos companheiros de habitação, com quem partilhava a língua, a barreira que dificultava a comunicação entre eles era a imposta pelos dos papéis de género, que exigiam que ele «[...] empedernisse verdadeiramente, muito masculino, um corpo bruto, por mais belo e claro que parecesse, preparado para abrir caminho na ferocidade de um país alheio [...]» (Mãe, 2013: 52). As vidas e as preocupações deles eram muito diferentes das suas e, por isso, eles não compreenderiam que ele se deixasse afetar tão intensamente pela injusta situação em que se encontrava.



2013: 53-54). Uma vez que esta compreendeu que «o andriy vinha de longe e, incapaz de falar bom português, acabava por lhes parecer substancialmente mais inapto do que seria, como se fosse sempre cómico, mesmo quando necessitado de ser sério» (*Ibidem*: 49), não foi difícil imaginar-se na sua situação.

Kristeva sublinha que «os amigos do estrangeiro, excetuando as boas almas que se sentem obrigadas a fazer o bem, somente poderiam ser aqueles que se sentem estrangeiros de si mesmos» (Kristeva, 1994: 30). Se pensarmos na situação de Quitéria e Maria da Graça e na forma como elas se relacionam com a própria vida, facilmente se compreenderá que elas sintam empatia por Andriy, ainda que em planos distintos, visto ambas serem também estrangeiras de si mesmas. Ambas sonharam já ser outras e evadir-se da sua condição: condessas, cozinheiras da televisão, senhoras respeitadas pela sociedade ou mulheres de uma cidade grande como o Porto. Qualquer uma destas identidades fantasiadas lhes permitiria ter uma vida diferente, na qual não seriam vítimas do ostracismo, do desprezo ou da indiferença da sociedade, que as condena, em virtude da sua precariedade económica, ao papel de «outro».<sup>25</sup> Ambas entendem, portanto, o que é ver-se na obrigação de trabalhar para viver e ser constantemente «alvo da estereotipia preconceituosa da sociedade, [até tal ponto] que elas próprias [a] vão interiorizando, considerando-se incultas e burras» (Simões, 2011b: 231).<sup>26</sup> Por terem conquistado essa compreensão, conseguem pôr-se no lugar do «outro» e entender que «falar uma língua que não é a nossa, que ainda mal dominamos, obriga-nos a parecermos tontas, muito menos inteligentes do que na verdade somos» (Mãe, 2013: 49). Para além disso, também sabiam que não seria fácil para Andriy, «um miúdo, mesmo que daquele tamanho, viver sozinho, tão longe da família, e a carregar areia e cimento o dia inteiro» (*Ibidem*: 100), pois ambas tinham passado por situações semelhantes. Ao empatizar com a situação do imigrante ucraniano e interessar-se em encontrar uma forma de o ajudar, Quitéria deu o primeiro

---

<sup>25</sup>Maria João Simões explica, referindo-se a Maria da Graça, que «o facto de pertencer à classe das empregadas domésticas leva-a enfrentar o *ostracismo*, o *desprezo*, a *indiferença* e até o ódio dos “outros” em termos sociais. Embora tenha a amizade da quitéria, falta-lhe a *cortesia* do marido, do seu patrão (devido à relação ambígua entre ambos), do russo mikalkov e até de andriy» (Simões, 2011b: 230-231).

<sup>26</sup>É prova disto a resposta da Maria da Graça à agente Quental, quando esta a interroga acerca da sua relação com o senhor Ferreira: «pense lá melhor, eu sou só uma mulher-a-dias, não tenho cultura para lhe ensinar coisas tão importantes, pense duas vezes se quer que lhe responda» (Mãe, 2013: 115).

passo para que a sua relação evoluísse da simples cortesia<sup>27</sup> para uma amizade e, mais tarde, para o enamoramento.

Com o decurso do tempo, a imagem que Andriy tinha construído da sociedade portuguesa foi-se metamorfoseando inevitavelmente, porque

ganham relevância os rostos das pessoas portuguesas. já não seriam todos tão semelhantes, vinte centímetros abaixo do seu queixo. alguns começavam a fazer sentido como universos de luz, independentemente da pele mais escura, o cabelo preto, os olhos quase tristes e tão latinos. (Mãe, 2013: 53)

Desses «universos de luz», Quitéria era, sem dúvida, o que assumira maior nitidez, porque, apesar das dificuldades de comunicação, ela representava o seu elo de ligação à sociedade e à cultura portuguesas. A imagem ficcionalmente construída desta mulher acusa uma evolução diegética que segue de perto a metamorfose da sua relação com o imigrante. Inicialmente, Andriy não tinha grandes dúvidas quanto à ideia de Mikhalkov sobre

a facilidade das gordas portuguesas, atacadas de pequenez e redondas formas, e como haveriam elas de não sucumbir aos homens de leste, aperfeiçoados ainda pelo trabalho duro que, nos primeiros anos, lhes conferia a definição dos músculos e lhes morenava os rostos. (*Ibidem*: 53)

Quitéria não era, para ele, essencialmente diferente das outras portuguesas que se encontravam com os seus colegas. Depois de ter sido vítima do seu desprezo, por pensar que ele lhe pediria dinheiro em troca do sexo, a imagem da mulher sofre uma alteração que a torna, aos olhos de Andriy, ainda mais negativa, levando-o a pensar que ela seria apenas uma

reles empregada doméstica [...] uma doméstica estúpida que não tem consciência do que é lutar pela vida quando tudo o que resta é exactamente o estar vivo, e não ter mesmo mais nada. depois repensava, era uma estúpida e puta. porque sabia que ela recebia outros rapazes e não estava preocupada com conversas, era para o que iam lá os homens, cama e só. com isso, talvez se devesse sentir menos ofendido, depois de a ter desprezado e considerado indigna da sua companhia. (*Ibidem*: 53)

No entanto, esta imagem, que assinala um grau médio de conflitualidade entre ambos, marcado pela rejeição do «outro», haveria de evoluir de forma imprevista para uma

---

<sup>27</sup> Até esse momento, a sua relação tinha sido apenas de natureza erótica. Para ambos, o outro era apenas um corpo que proporcionava prazer, como se de um bem material se tratasse. Depois da recusa de Quitéria em saber mais do amante, Andriy encarava os seus encontros como «um abastecimento. estaria ali para o sexo, como a recolha de uma satisfação necessária, ou até a toma de um medicamento, e mais nada» (Mãe, 2013: 69).

figuração bastante mais eufórica. Andriy cedo se aperceberia de que «as mulheres portuguesas [...] eram todas diferentes, ao contrário do que achava o amigo» (*Ibidem*: 77) e Quitéria trabalharia para ganhar a sua confiança, para que pudesse sentir-se seguro a seu lado, respondendo a um impulso que conjugava o instinto maternal de proteger aquele jovem frágil com a atração erótica que tinha desenvolvido por ele. Com vagar laborioso, ela construiria um novo refúgio para o jovem ucraniano, onde poderia aceitar, a um tempo, a sua profunda preocupação pelos pais e o amor que sentia por ela. Quitéria tornara-se, assim, na sua razão para sobreviver.

A nova imagem de Quitéria representa, então, a inversão do imagotipo que define todas as outras portuguesas, metonicamente emblematizadas em Maria da Graça:

o andriy falava pouco, parecia ver na maria da graça o padrão estabelecido pelo mikhalkov. observou-a a comer de mais, sem juízo, a pôr-se ainda mais gorda para ser ainda mais desprezada pelos homens de leste. (*Ibidem*: 158)

Na sua ótica, ela confirmava o imagotipo partilhado pelos seus companheiros, tanto pelas suas atitudes, como pela relação com Mikhalkov e a ausência da delicadeza que ele encontrava em Quitéria, que conseguia ver como «uma mulher encantadora em todas as regiões e línguas do mundo» (*Ibidem*: 54). Para Andriy, ao contrário de Maria da Graça, Quitéria não era como «as mulheres portuguesas gordas, muito baixas, escuras em demasia e pondo-se mais escuras com roupas tristes e apagadas» (*Ibidem*: 139). Embora, muito provavelmente, Quitéria não se afastasse deste paradigma físico, Andriy já não a via dessa forma. A partilha, mas sobretudo a vontade do Andriy de partilhar a sua vida com Quitéria, permitiu-lhe vislumbrar a mulher para além dos imagotipos, reconhecendo-a como ser singular. Ao admitirem ambos os sentimentos que tinham pelo outro, não só deram o passo definitivo para a total integração de cada um no espaço do outro, mas desconstruíram igualmente a lógica de separatismo cultural que tinha regulado o seu comportamento.

A experiência de Manuel e da esposa é, de certa forma, contrária à de Andriy, porque ambos sofreram mais privações e humilhações no próprio país, às mãos daqueles que falavam a sua própria língua, do que no estrangeiro, como bem observa Silvio Renato Jorge:

Na Alemanha, seu trabalho é dignamente remunerado, mas, para isto, há a necessidade de romper os vínculos com a sua comunidade, rompimento este levado ao extremo quando, no encontro de duas línguas — obrigado a habitar novas sonoridades e uma nova lógica, entrecortadas pela memória da fala materna —, sujeita-se ao silêncio. Em síntese, substitui a língua muda pelos braços, o dizer pelo fazer, acentuando a sua marginalidade. Em Portugal, por sua vez, a experiência do isolamento se reduplica. De início, antes da viagem, experimenta toda sorte de privações, sendo muitas vezes humilhado por aqueles que falam a sua língua, mas erguem sobre ela uma barreira económica intransponível. Mais tarde, ao retornar, conhece a reserva de quem, incapaz de aceitar as diferenças olha com desconfiança aquele que rompera os “vedados términos”, demonstrando não pertencer a qualquer lugar. (Jorge, 2009: 50-51)

Tal como Andriy, Manuel acaba por sujeitar-se ao silêncio e dedicar-se ao trabalho enquanto permanece no estrangeiro, mas a sua experiência é diferente, porquanto ele vê nessa situação uma vantagem quando a compara com o tempo passado em Portugal: «O que sei dizer é que passei já tantos martírios, mas não consegui ajuntar um tostão na nossa terra, ao passo que na Alemanha, dando a minha língua muda e os meus braços, consegui juntar dinheiro para comprar esta casa» (Gonçalves, 1991: 21). Assim, a marginalização vivida em Bremerhaven, se bem que indelével, surge como menos dolorosa do que a vivida no Alentejo, durante a sua juventude. Se, na Alemanha, a barreira linguística não permitia que fosse de outra forma, a diferença económica que em Portugal explicava a sua subalternidade poderia, a seu ver, ter sido ultrapassada apenas com boa vontade por parte dos seus exploradores.

Mais tarde, ao regressarem da Alemanha, voltam a ser alvo de desprezo por parte de alguns dos seus conterrâneos, porque estes se mostram incapazes de entender a sua nova situação. A emigração permitiu a Manuel e à esposa conquistar uma situação de desafogo económico, pois «agora, em virtude não só do seu atual poder aquisitivo, mas também das modificações ocorridas no quadro político do país, assumem a posse da casa [que antigamente pertencera aos seus patrões]» (Jorge, 2009: 48). No entanto, esta promoção social não é bem vista por todos, como pode inferir-se no discurso da banhista que a narradora encontra na praia:

— [...] Ah, pois, esta gente aqui aluga quartos, aluga. Ainda veio a tempo. Dentro de dias já não há nada livre. E já reparou nos carros com matrícula francesa à porta deles? Já reparou? A maior parte foi para fora, fizeram dinheiro, compraram casas. Não há que ter pena deles, qualquer dia têm mais do que nós. (Gonçalves, 1991: 34)

Revela-se, portanto, problemático aceitar a mobilidade social daqueles que eram vistos como socialmente inferiores, antes de terem deixado Portugal. Para a banhista, a ordem

natural da sociedade era aquela que permitia apenas a alguns afortunados, como ela própria, o legítimo acesso ao luxo. O creme francês, tão apreciado por ela, é, a este título, simbolicamente revelador. Como acentua Sílvio Renato Jorge,

não sendo capaz de assumir uma posição crítica diante do seu enquadramento em um modelo de comportamento imposto pela sociedade, acaba por desconfiar de tudo aquilo que, não correspondendo à sua visão do mundo, aponta para uma nova contextualização da sociedade portuguesa. (Jorge, 2009: 67)

Por esse motivo, apesar de apreciar excessivamente todos os bens de consumo que vêm do estrangeiro, num deslumbramento próximo da *mania*,<sup>28</sup> esta mulher «acaba por dar vazão também à reprodução de valores nos quais o *outro* é sempre visto com desconfiança» (*Ibidem*: 66).

Outra das questões que dificultam a re-integração destes ex-emigrantes na sociedade portuguesa é o facto de eles, apesar de usufruírem de um maior poder aquisitivo após o regresso do estrangeiro, continuarem a trabalhar como antes de partirem e serem mal vistos por isso:

— Pois! Se a gente trabalha é porque trabalhamos, somos uns gorpelhas, somos uns gulosos. [...] Vou para a obra e dizem-me: «Foste para o estrangeiro, mas inda não ficaste cheio!» Dia em que fique em casa, atiram-me: «Este foi ao estrangeiro, é um grande lorde, não tem preciso trabalhar!» Uma pessoa não sabe como é que há-de viver! (Gonçalves, 1991: 87)

Com efeito, a sociedade de origem não entende já a posição que agora ocupam na hierarquia social e imputa-lhes a culpa de transgredirem uma ordem entendida como natural, de acordo com a qual seria impossível que um casal como o Manuel e a esposa, que enfrentaram tão severas dificuldades económicas, se tornassem proprietários de uma casa confortável como a que conseguiram adquirir. Quem não sabe nem imagina as dificuldades por que passaram na Alemanha vê neles os novos «brasileiros» que enriqueceram no estrangeiro e voltaram abastados a Portugal, ávidos de ostentar luxos e confortos, visto nunca terem revelado as adversidades que tiveram que enfrentar fora da terra natal. O julgamento sumário a que são sujeitos pela sua comunidade deriva quer do facto de todos pensarem que querem continuar a enriquecer à custa dos portugueses, quer da convicção de que, por se sentirem superiores a eles, já não querem trabalhar. Assim,

---

<sup>28</sup>A *mania* é uma das quatro atitudes fundamentais em relação ao estrangeiro, distinguidas por Daniel-Henri Pageaux, que implica que o estrangeiro seja invariavelmente visto como superior (cf. Pageaux, Daniel-Henri *apud* Mendes, 2000: 98)

apesar de terem conseguido melhorar a sua qualidade de vida, continuam a ser marginalizados e a viver em permanente solidão social.

A propósito da solidão do estrangeiro, Julia Kristeva assegura que

Ninguém melhor do que o estrangeiro conhece a paixão da solidão: ele acredita tê-la escolhido para gozar ou tê-la suportado para padecer. Assim ele define num forte sentimento de indiferença que, por ser algumas vezes embriagador, encontra-se inevitavelmente sem cúmplice. Este é o seu paradoxo: o estrangeiro quer estar sozinho, porém cercado de cúmplices. (Kristeva, 1994: 20)

Esta afirmação aplica-se exemplarmente à situação de Zacarias que decidira viver num retiro plácido, longe do ruído social, convencido de que assim seria mais feliz e conseguiria evitar os problemas. Ironicamente, o seu estilo de vida seria o ideal para convertê-lo no suspeito principal do assassinio de Madame Piorkowska, dado não ter forma de provar a sua inocência. Ora, como lembra Eduardo Lourenço, «a primeira característica do *estrangeiro* a braços com a lei do novo país, é a de ser visado como *suspeito*» (Lourenço, 2001: 49). Esta asserção pode ser confirmada em várias ocasiões, ao longo do romance, onde encontramos

uma xenofobia latente nas palavras, nos gestos, nas atitudes, nos pensamentos e no juízo de valor sobre o outro, de imediato olhado como culpado, sendo julgado sem julgamento, porque é avaliado pelo cidadão que se sente traído numa hospitalidade dada com reservas e, por vezes, com má vontade. (Silva, 2010: 90)

Por isso, quando o comissário Petitjean recebe a chamada da estação onde Zacarias tinha entregado a carteira de Madame Piorkowska, na qual o oficial Buys lhe fornece os dados do suspeito, vemos como a sua reação indicia a importância de que se reveste o facto de se tratar de um estrangeiro:

— Esta é de... *A carteira da Piorkowska!*? Agora mesmo? E ele deu o nome, o endereço?... O quê? Avenida Michel-Ange... Santo nome de Deus! CENTO E TRÊS! Deite-lhe já a mão... [...] Extraordinário! E o nome? Ah, *português*? Diga, repita lá... (Dê-me aí um lápis, Rigaux). Soletre. D'-A-L-M-E-I-D-A, Zacharie... (Miguéis, 1989: 76)

Com efeito, mais importante do que o seu nome é o facto de se tratar de um estrangeiro; nem a nacionalidade específica é relevante, contanto que não se trate de um belga, pois, nas palavras do Janssens: «um estrangeiro, espanhol ou português, para o caso pouco importa» (*Ibidem*: 63). O itálico na palavra «português» assinala uma rutura na tonalidade do discurso, dando ênfase ao termo que adquire maior relevância sémica. Zacarias «não

tem direito a identidade, nem mesmo ao som do seu nome» (Lourenço, 2001: 51), que acaba por ser utilizado numa versão afrancesada. O facto de se tratar de um português, ou antes, de um estrangeiro, facilita as tarefas de investigação do comissário, porque este se encaixa perfeitamente no perfil do criminoso que tinham traçado as testemunhas.<sup>29</sup> Desta forma, o comissário Petitjean e o juiz DeSmet agarram-se a Zacarias «como a uma tábua de salvação, e não têm olhos nem ouvidos para mais nada» (Miguéis, 1989: 152), porque a sua culpabilidade resolveria o caso rapidamente, deixando a sociedade satisfeita,

pois o estrangeiro, perseguido como um invasor, desperta no nativo um paixão sepulta: a de matar o *outro*, inicialmente temido ou desprezado, depois promovido da categoria de dejetos ao estatuto de perseguidor poderoso, contra o qual um “nós” se solidifica para se vingar. (Kristeva, 1994: 27)

Esta *fobia* em relação aos estrangeiros, acicatada pelo crime de Woluwee, é evidente no discurso atribuído à opinião pública — representada pelos jornais e a rádio —, que via o seu putativo autor como «um vampiro, um falido, um debochado, um *métèque*» (Miguéis, 1989: 148), e nas acusações de uma multidão anónima que, numa espécie de coro trágico comunitário, não hesita em condená-lo:

— Assassino! Estrangeiro! Métèque!  
— À forca! À forca!  
— Abaixo os estrangeiros! (*Ibidem*: 135)

Como explica Maria Manuela da Silva, esta reacção é o reflexo de

uma sociedade do após guerra que se sente espartilhada entre a angústia de uma guerra já vivida e a possibilidade de vivência de uma outra, atribuindo ao próprio conflito à escala mundial a responsabilidade por tudo que de mau se vive, se pensa ou se faz, como se o antes fosse a vivência de um paraíso já irremediavelmente perdido, o agora[,] a nostalgia, a consciencialização e a vivência das consequências nefastas desse conflito que acabara por matar a vida e a inocência.[...] Esta sociedade, profundamente nostálgica de um passado já perdido, aterrorizada com um presente diferente e em mutação constante e receosa de um futuro incerto, em crise económica evidente e insolúvel por uma classe política incapaz e narcisista, desenvolve um ódio aos estrangeiros, a todos aqueles que partilham o mesmo chão belga, como se estes fossem, juntamente com a guerra e o cinema, uma má influência para a sociedade, para a comunidade belga, sendo a causa de todos os males económicos e sociais. (Silva, 2010: 89, 90)

---

<sup>29</sup>De acordo com as testemunhas, tratava-se de um homem «— Moreno... rosto forte... sobre o redondo, com um pequeno bigode preto. [...] Aspecto um quase nada exótico, tipo meridional... Certo exagero de atitudes, ênfase de expressão, de gestos» (Miguéis, 1989: 53), que poderia ser sul-africano, espanhol ou grego, segundo apontava o seu «acento estrangeiro, duro» (*Ibidem*. 55).

Por estes motivos, Zacarias vê-se na situação de ser tido como culpado até pelo seu próprio advogado defensor, Maître Vanvliet, que, em vez de procurar provar a inocência do seu cliente, insiste que este confesse a sua culpa. Desta forma, pela primeira vez desde que chegou a Bruxelas, Zacarias «reparou que estava sempre em terra alheia, sentiu-se exilado, órfão, comovido» (Miguéis, 1989: 83). Durante a audiência de instrução contraditória, no decurso da qual algumas testemunhas abonatórias poderiam apresentar o seu depoimento em defesa de Zacarias, torna-se ainda mais flagrante o seu desamparo e insignificância social:

Seguiram-se o guarda-livros da Tampico, o caixa do banco, um ex-membro da gerência da SEC, uma secretária do Cercle Polyglotte, um empregado do Instituto Dr. Wise, um criado de mesa do Restaurant Slave. E que sabiam, que diziam eles de Zacarias? Era activo... Era honesto... Tivera bastante de seu... Traduzia com fidelidade... Procurava lições de português... Nunca o tinham visto acompanhado de mulheres... Almoçava no Slave e dava gorjetas modestas... (Perdão! No dia do achado pusera vinte francos na bandeja, para os da balalaica”) Ora, futilidades! Nada disso provava que ele *não tinha* assassinado a amante, e tudo reforçava a imagem do homem esquivo e dissimulado que o Janssens pintara dele. (*Ibidem*: 147)

As testemunhas que vão depor a seu favor pouco ou nada têm a dizer sobre aquele homem reservado e solitário. De todas elas, a mais eloquente é Claire Heymans, que, não só durante a audiência, mas também em outras ocasiões, não se abstém de exprimir a sua opinião benévola sobre o português:

— Monsieur d’Almêda é um cavalheiro, um homem de bem. Muito sossegado, não há nada a censurar-lhe. Nunca recebe visitas, não deixa uma ponta de cigarro pelo chão, nunca aqui meteu mulheres. E é um homem asseado: basta ver em que estado deixa os lençóis e as toalhas, como se não tivessem servido. Ninguém o ouve, a não ser quando toca a grafonola... Anda nas pontas dos pés, trabalha sempre metido no quarto, é raro descer à cozinha para pedir seja o que for... Vê-se logo que é uma pessoa de educação. Não é por ele estar aqui presente, mas nunca tive cá em casa um hóspede tão bom. Tomaram muitos belgas! E têm passado por cá tantos... Um cavalheiro! (*Ibidem*: 133)

Neste excerto, Madame Heymans contrapõe a imagem de homem de bem, trabalhador, asseado e bem-educado, que associa a Zacarias, à de muitos belgas que manifestam atitudes menos desejáveis. Desta forma, demonstra ser a única que realmente acredita na sua inocência e passa a «representa[r] a esperança de Zacarias — a esperança do reconhecimento da inocência, da libertação e da partilha de um futuro» (Silva, 2010: 99), que ele começa a desejar. Apesar de serem escassas as informações que sobre ela nos faculta a diegese, porque «a primeira pessoa, ou a perspectiva narrativa de onisciência



limitada utilizada em toda a obra de Miguéis, possibilita apenas ao leitor as mulheres através do olhar dos narradores masculinos ou protagonistas masculinos» (Duarte, 2001: 130), é inequívoco que ela desempenha um papel axial na narrativa, uma vez que

É esta mulher que lhe proporciona a verdadeira libertação de uma existência solitária, isolada nas suas idiossincrasias e lhe abre a possibilidade de partilha de vida, de sonhos, de sentimentos e, sobretudo, lhe prova, de forma silenciosa e incisiva, a necessidade benéfica da boa opinião do outro, da confiança do outro, do amor do outro. (Silva, 2010: 99-100)

Até se ver preso na solidão do «segredo»,<sup>30</sup> o espírito misógino de Zacarias nunca tinha dado atenção às suas palavras, à forma generosa como ela lhe oferecia a sua simpatia e a sua companhia que ele, de resto, nunca aceitara:

Soaram-lhe aos ouvidos as palavras de Madame Heymans: «O senhor d'Almêda nunca sai à noite. Fazia-lhe bem dar um giro, tomar ar, ir até um café. Sempre sozinho no seu quarto!» Nunca ligara muita atenção a essas e outras expressões de simpatia. Madame Heymans era só — ele não sabia, nem lhe dera nunca para indagar, se solteira, viúva ou divorciada — e quando saía era sempre sozinha. Queria ela sugerir que poderiam ir juntos a um cinema, a um café? E ele tão estúpido que nunca o percebera, no seu egoísmo, não seria melhor dizer timidez de solitário? Ela era bastante nova, magra é certo, mas com uns olhos pardos cheios de bondade e jovialidade. Belguinha activa, asseada, independente. Naquela casa não havia um homem... Diabo, porque é que só agora ele se punha a pensar nisso? Na cadeia, longe dela, trancado e sem esperança? Então não querem lá ver! (Miguéis, 1989: 124)

Deste modo, Zacarias apercebe-se de que, se ele não se tivesse isolado da forma que o fez, se tivesse reparado nas insinuações da Madame Heymans e a tivesse levado com ele ao cinema no dia do crime, não se encontraria em tão terrível situação, pois, pelo menos, teria um alibi.

A interação positiva com a sociedade de acolhimento ou, pelo menos, um movimento de aproximação nesse sentido, revela-se essencial para que o estrangeiro possa conquistar a simpatia e solidariedade daqueles que estão à sua volta. Ao contrário de Zacarias, que tinha optado por manter-se em reclusão, os Piorkowski tinham procurado formas de integrar-se na sociedade belga, tanto através de relações profissionais e de negócios, como pelo estabelecimento de uma rede de relações sociais. Por este motivo, nenhum deles surgia aos olhos do «outro» com contornos tão sombrios e esquivos como Zacarias, beneficiando imediatamente da simpatia da opinião pública e do sistema judicial,

---

<sup>30</sup> «O segredo era um cubículo baixo e estreito, sem luz, um autêntico armário, onde um homem não podia ter-se em pé nem passear, nem, quando deitado, estender as pernas à vontade [...]» (Miguéis, 1989: 97), que parecia um espaço de tortura da Idade Média que ninguém esperaria encontrar num país civilizado como a Bélgica, numa época como a década de 1930.

que os veem como vítimas. Apesar de se sentir incomodado pelo luxo de Antuérpia, pela posição social do Conde Piorkowski e pelo facto de este ser imigrante, como podemos ver no excerto seguinte, o comissário Petitjean nunca teve em relação a ele a mesma atitude que assumiu para com Zacarias e, nem por um instante, colocou a possibilidade de que este se encontrasse implicado no crime:

Petitjean sente-se pouco à vontade. Não gosta de Antuérpia, do seu luxo transbordante, o orgulho milionário, das aspirações separatistas, do ar cosmopolita. Ele é um *wallon* de alma e coração, filho adoptivo de Bruxelas, cuja ligeireza e simplicidade o encantaram sempre. E depois, fiel às suas origens camponesas, nem as honras do cargo o reconciliaram com o luxo e as maneiras dos poderosos: detesta entrar em salões, pôr a casaca, ir à Corte e, quando por obrigação vai, fica dois dias com a tripa desarranjada. É exactamente assim que ele se sente neste momento, em casa do rico negociante, para mais um estrangeiro, emigrado polaco, aristocrata. (*Ibidem*: 46)

A xenofobia do comissário, apesar de se manifestar quando visita a casa dos Piorkowski, apenas é dirigida a Zacarias, alvo dos seus maus-tratos e insultos. O comissário Petitjean, tal como o resto da sociedade, tinha mais facilidade em culpabilizar um estrangeiro que se mantinha à margem da sociedade de acolhimento do que um que nela se tinha pefeitamente integrado. Por outro lado, a posição económica de Zacarias não era tão privilegiada como a do polaco e da vítima, pelo que este era mais rapidamente associado ao crime do que o conde ou qualquer um dos seus ajudantes. Por este motivo, todas as provas por eles apresentadas, ou melhor, apenas mencionadas, que ligariam Zacarias ao assassinio de Madame Piorkowska, são aceites sem sequer colocar em dúvida a sua veracidade. Deste modo, Zacarias é vítima do preconceito de uma sociedade à qual falta o sentido coesivo de uma verdadeira pátria,<sup>31</sup> que decide unir-se contra aquele que pensava ser o criminoso, e de um sistema judicial corrupto, dirigido por indivíduos que apenas procuram dar à sociedade o que ela pede, para continuar a desfrutar dos benefícios

---

<sup>31</sup>Revela-se interessante o discurso do enfermeiro da prisão, ex-sargento e antigo combatente: «— Ah, meu caro senhor! Não existe uma pátria belga! Nós somos valões — isto é, franceses; ou flamengos, quer dizer, holandeses ou alemães de segundo grau... Vivemos juntos, numa espécie de acordo sensato de meninos bem comportados, mas não temos a noção de uma pátria. A pátria para nós é um mercado. Como no tempo de Júlio César, o belga de hoje é ainda um gaulês, membro da sua tribo ou do seu burgo. Vivemos no território nacional como em país estrangeiro. [...] Bruxelas não é uma cidade, é um mito: um aglomerado de burgos independentes, que foram crescendo juntos, cada um com o seu pequeno Hôtel de Ville, o seu orgulho e o seu espírito de clã. País pequeno, gente grande, alma pequena!» (Miguéis, 1989: 208-209). Aceitando como verdadeira a sua afirmação, na ausência de sentimento patriótico, o repúdio social dos estrangeiros (que, na verdade, seriam eles mesmos) não seria senão o resultado do medo e da paranoia despertados pelo crime e do sentimento de traição por parte daqueles que chegaram mais tarde e quebraram o acordo silencioso que mantinha a paz no país.

de fazer parte do sistema. Tudo culmina numa audiência contraditória irrisória,<sup>32</sup> que, se não fosse pelo empenho do Zacarias em descobrir a verdade a tudo o custo, teria como epílogo a sua culpabilização e encarceramento. Assim, parece-nos lícito apontar duas conclusões essenciais do romance: a primeira é a de que «não se é *estrangeiro* inocentemente quando os outros assim nos vêem e nós a eles» (Lourenço, 2001: 50); a segunda, que uns estrangeiros são mais iguais do que outros.

Em *O Apocalipse dos Trabalhadores*, também encontramos, em relação aos estrangeiros, esse tratamento diverso, designadamente quando pensamos nas personagens de Andriy e Augusto, o marido da Maria da Graça. Desde que chega a Portugal, Andriy é vítima da rejeição da sociedade de Bragança, tal como todos os outros imigrantes do Leste que moram com ele. Apesar de não sabermos ao certo as dificuldades por que teriam passado, as conversas que mantêm com Andriy permitem-nos deduzir que também eles foram sujeitos a um idêntico ostracismo social. Durante o seu primeiro ano em Portugal, Mikhalkov teria sido marginalizado por não conseguir falar a língua portuguesa. Sem poder comunicar com ninguém, este homem teria passado o seu primeiro ano na mais absoluta solidão, isolado do mundo que o rodeava, não por uma escolha comodista, como Zacarias, mas porque as suas condições não lhe permitiam qualquer modo de existência alternativo. Por já ter vivido uma análoga experiência, aconselhou Andriy:

no primeiro ano, à custa de não se poder falar, o melhor era beber a cada noite o suficiente para deixar de pensar nisso. não pensas, não falas, não queres falar. e o andriy passou também o seu ano calado à força e beber demasiado e adormecer quente de álcool. é importante perder a lucidez para não existir qualquer necessidade de se ser entendido, repetiu o mikhalkov. (Mãe, 2013: 59)

A bebida proporcionava, assim, uma efémera possibilidade de evasão, permitindo-lhes sobreviver sem comunicarem com o outro ou sem sentirem a necessidade imperativa de se exprimirem, enquanto não sabiam suficiente português para conseguirem fazer-se entender. Poderia pensar-se que esta estratégia os impediria de cultivar relacionamentos durante os primeiros meses da sua estadia em Portugal, mas o comentário de Ivan esclarece que essa nunca seria uma possibilidade, porque os nativos não teriam o interesse ou a paciência para tentar comunicar com eles. Isso mesmo pode ser comprovado quando Ivan

---

<sup>32</sup>Na audiência contraditória, foram aceites como provas do suposto relacionamento de Zacarias com Madame Piorkowska um retrato e uma carta de amor ausentes e, ainda, a confirmação (sem termo de comparação) do conde Piorkowski de que a letra de Zacarias era a mesma da carta.

faculta algumas indicações a Andriy acerca do trabalho na construção civil: «as mãos ficam ásperas, explicava o Ivan, e não podes descansar o suficiente, mas tens a vantagem de não entenderes o que dizem, porque eu sei que só dizem mal de ti» (*Ibidem*: 88). Para Ivan, que Andriy não conseguisse entender a língua portuguesa era uma vantagem, porquanto evitaria ser afetado pelas palavras dos trabalhadores portugueses que não aceitariam pacificamente a presença de colegas estrangeiros. Provavelmente, veriam os estrangeiros como uma ameaça, porque pensariam como Augusto:

fui ver as obras, dizia, estão cada vez mais cheias de homens de leste, desesperados e dispostos a carregar com os camiões aos ombros para sobreviverem. os de leste, continuava ele, são uns resistentes que nos hão-de lixar a vida a todos. porque são mais espertos, mais fortes e estão desesperados. (*Ibidem*: 18)

A xenofobia de Augusto, especialmente dirigida aos imigrantes provenientes do Leste europeu, pressagia, por metonímia, a atitude discriminatória da sociedade portuguesa alargada que, por reconhecer a superioridade dos imigrantes em alguns domínios (como o da sua capacidade para o trabalho), os percebe como uma ameaça para a ordem social e para a sua segurança laboral.

Que Augusto seja xenófobo constitui um paradoxo, já que ele próprio é, em certa medida, emigrante. Não só o seu trabalho implica que passe a maior parte do seu tempo no estrangeiro, mas também que, quando regressa ao fim de seis meses, se assemelhe a um emigrante que retorna ao seu país depois de muitos anos:

ele perguntava, como estão as coisas aqui. e ela respondia, tudo igual. e ele olhava para as casas e para as ruas e percebia que um vizinho tinha agora flores maiores no jardim, ou que haviam pintado um muro ao fundo, e isso bastava-lhe para ter aquele sentimento muito característico do emigrante, como se voltasse à sua terra após vinte anos de ausência. era uma tolice grande, porque em seis meses não mudava muita coisa, e o que mudava tinha mais que ver com deixar de ser inverno e passar a ser verão. mas aquela nostalgia tola talvez fosse o único motivo que levasse aquele homem a não tomar a atitude da glória. voltava para essas pequenas diferenças que lhe pareciam enormes e para poder tagarelar aqui e acolá sobre toneladas de peixes e mulheres esquisitas de outros países, a ver se punha os ouvidos de boca aberta. (*Ibidem*: 180)

Augusto gosta de ser emigrante, viver aventuras no estrangeiro e voltar para contá-las àqueles que ficaram. Por esse motivo, melhor do que ninguém, seria previsível que entendesse a presença de outros estrangeiros que, como ele, demandam em outras terras o que não podem encontrar na sua.

A ideia de que surjam laços de solidariedade entre os imigrantes que, a despeito das suas proveniências diferentes, coabitam num país estranho, parece lógica. Porém, frequentemente encontramos situações de conflito e antagonismo, motivadas pelo choque cultural que, para muitos, implica a convivência forçada com o «outro». Esta questão encontra-se ficcionalmente ilustrada em *A Floresta em Bremerhaven*, onde, ainda mais do que nos outros romances, se torna evidente que nem todos os estrangeiros são iguais, nem mesmo entre si. O caso mais flagrante é o dos espanhóis que, como já foi apontado, despertam sentimentos fóbicos em Manuel e Arlindo, desde o primeiro encontro. Contudo, nos relatos destes ex-emigrantes, surgem imagens de estrangeiros de outras nacionalidades que instigam sentimentos distintos. É o caso das mulheres russas e chinesas, cujo imagotipo surge contraposto ao da mulher espanhola, agreste e incivilizada :

— A Rússia, sim, mulher de admirar. Alta, corpo bem feito, bonita a mulher Rússia. A Rússia e a chinesa. Que a chinesa também gostava, não te dizia eu isto, ó Rosa. A chinesa tem simpatia, é dada, não responde mal. Era, era a Rússia e a chinesa. Não era sempre o que falávamos, Rosa?.

(Gonçalves, 1991: 91)

Estas mulheres despertaram o fascínio dos portugueses, homens e mulheres, pelas suas atitudes delicadas, seriedade e educação irrepreensível. A imagem da mulher é corroborada pela do homem russo, também retratado por Arlindo com benevolência, por ser humilde, organizado e atencioso para com os seus colegas de trabalho:

— [...] Eu andei nos barcos alemães, andei na pesca do bacalhau e da sardinha-arenca e foi nesse tempo que cheguei a estar em barcos russos. A gente encontrava-se. Comíamos e bebíamos e cantávamos, que eles gostam de cantar. Melhor não podia ser! Sim, senhora, tudo ali felizes, tudo a falar uns com os outros. Os capitães dos barcos falavam com a gente, comiam com a gente. A comida igual, toda igual, o que come um marinheiro, come um oficial. Chegou a hora do trabalho, cada qual tem o seu lugar, que a respeito de ordem, isso é com eles. Que em classe de povo para estimar a gente, melhor não pode ser. [...] Em classe pescatória não há outra como a dos russos. Digo isto em qualquer parte, sim senhora, defendo o russo. Defendo-o. Os russos aguentaram, trabalharam, tiraram deles próprios tudo o que puderam.

(*Ibidem*: 92-93)

Por outro lado, são apresentadas as imagens dos emigrantes jugoslavos, que causam uma profunda impressão em Manuel, Arlindo e Rosa, por se comportarem de uma forma tão diferente dos portugueses, no que respeita às relações matrimoniais:

[Manuel] — [...] Fora dos fabricos cada mulher tinha o seu franchão, quando não eram dois, ou mais. Para esse intento eles não guerreavam, ela não pertencia a nenhum, era de quem lhe apetecia. As jugoslávias é que eram espaventadas! São parecidas com as portuguesas, mas bem feitas de corpo. Mulher alta, mulher enxuta. Sim, magra, mas não descarnada. Na mesa da balança onde eu trabalhava, trabalhavam três à volta comigo! Uma delas era casada. Alta, fermosa de cara, uma mulher limpa. Séria, sim, séria. Respeitava o homem. Trabalhou os três anos comigo. Veja lá a senhora que se chamava Nada! Era o nome dela! Que ele havia lá cada nome! Quanto às mais, às escondidas dos mestres era uma brincadeira pegada. Posso contar-lhe agora que estamos sozinhos. Cheguei a ter seis de roda de mim. Uma beijava-me nas orelhas, outra no tatuço, era aonde calhava, grande reinação! Era um baile mandado! Conquanto que o mestre não visse, era apalpão nas curvas e aonde a mão chegasse! Mas elas queriam-se assim, queriam-se assim tratadas. Diziam-nos mal dos alemães, que eles tinham poucas bebidas na raiz, e nós não queríamos ficar mal como portugueses! (*Ibidem*: 78)

[Arlindo] — Ora! Alguém viu os homens delas importarem-se? É assim, minha senhora, uma jugoslávia diz ao homem amanhã vou dormir com aquele, e para ele é igual. É igual que ele não ouve, é como não saber de nada. Quem percebe aqueles homens? Por mim, não os entendo. Não é assim, mulher, não era isto o que a gente lá falava?

[Rosa] — Era. Malditas mulheres! (*Ibidem*: 91)

O que surpreende os portugueses não é apenas a liberdade com que estas mulheres exprimem a sua sexualidade, mas também o modo como os maridos a encaram, pois

na sociedade portuguesa retratada no romance, não apenas cabe à mulher um lugar secundário no desenvolvimento da sua sexualidade — é o homem quem determina o seu destino e as suas opções —, como também lhe é negado o acesso ao próprio questionamento deste lugar. (Jorge, 2009: 64)

Assim, nesses casais reconhecem os portugueses uma desoncertante inversão dos papéis de género — as mulheres determinam o seu destino e os homens não questionam as suas escolhas —, resultante de uma releitura heterodoxa dos papéis tradicionais. Por esse motivo, é esta a imagem que mais explicitamente colide com as expectativas culturais dos portugueses e aquela que prevalece na sua memória, apesar de também terem conhecido outras jugoslavas, como Nada, que não agia da mesma forma que as outras e em relação à qual Manuel exprime respeito e admiração.

### 2.3.5 Entre dois mundos: a inter-identidade migrante

Sempre em outro lugar, o estrangeiro não é de parte alguma.

(Kristeva, 1994: 18)

Stuart Hall afirma que, na Pós-Modernidade, a identidade «torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam» (Hall, 1987 *apud* Hall, 2005: 13). Vivemos contemporaneamente a era das comunicações e das migrações, dois fenómenos que permitem que «o sujeito assum[a] identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente» (*Ibidem*: 13). Assim, circulando em diferentes palcos geoculturais, assumimos identidades mais restritivas ou alargadas, regionais, nacionais, ou até continentais;

[as] nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas, em função de elementos nacionais, culturais, de género, de classe social, de posição política e religiosa, enfim, das várias identificações que formam o sujeito mosaico da nossa era. (Figueiredo & Noronha, 2006: s/p)

Desta forma, os indivíduos vão redefinindo as suas identidades, em função do contexto em que se desenvolvem, o que as torna históricas e não biológicas (cf. Hall, 2005: 13). Este fenómeno revela-se particularmente interessante no caso dos migrantes, porque, apesar de muitas vezes rejeitarem a cultura da sociedade de acolhimento, num momento inicial, a passagem do tempo acaba por impor o surgimento de identidades híbridas, relegando-os, para sempre, para um espaço intervalar ou um entrelugar. Este espaço, que, no contexto do encontro colonial, é designado por Homi Bhabha como «terceiro espaço», não se refere meramente a um contexto onde duas culturas entram em contacto. Trata-se, antes, de um novo espaço, no qual emergem identidades sincréticas que reúnem traços de ambas as culturas:

for me the importance of hybridity is not to be able to trace two original moments from which the third emerges, rather hybridity to me is the ‘third space’ which enables other positions to emerge. This third space displaces the histories that constitute it, and sets up new structures of authority, new political initiatives, which are inadequately understood through received wisdom. (*apud* Rutherford, 1990: 211)

Esses novos conhecimentos, adquiridos no terceiro espaço, são os que garantem o distanciamento necessário ao seu habitante, permitindo-lhe o questionamento da sua identidade anterior, de uma forma que antes não seria possível.

Assim, de acordo com a teoria de Bhabha, a criação de uma nova identidade transcorre sempre de um processo de hibridação, uma vez que

the identification is a process of identifying with and through another object, an object of otherness, at which point the agency of identification — the subject — is itself always ambivalent, because of the intervention of that otherness. But the importance of hybridity is that it bears the traces of those feelings and practices which form it, just like a translation, so that hybridity puts together the traces of certain other meanings or discourses. (*apud Ibidem*: 211)

Encontrando-se em permanente diálogo transcultural com diversos outros, a identidade do sujeito não pode, portanto, ser encarada como estática e resulta sempre de um processo de permanente negociação.

No caso dos ex-emigrantes retratados em *A Floresta em Bremerhaven*, observa-se que a identidade de cada um se metamorfoseia incessantemente. Neste sentido, Silvio Renato Jorge explica que, enquanto Manuel se situa no mundo através de temas políticos e da reflexão acerca da sociedade, a mulher encontra na casa e nos pormenores do quotidiano o ponto de partida para compreender a realidade circundante e situar-se nela (cf. Jorge, 2009: 62). Através do discurso de Manuel, pode perceber-se como o distanciamento da pátria, através da experiência da emigração, lhe permite questionar e denunciar as injustiças vividas no passado, sem que isso signifique, aos seus olhos, uma traição da sua identidade portuguesa. Ele sabe, pelo contrário, que tem o direito e o dever de fazer essas denúncias, para que os outros possam conhecer o outro lado da história, assumindo assim a sua identidade ambivalente. Por isso, quando a mulher sugere que oculte da hóspede alguns pormenores do relato, ele reclama o seu direito à voz:

— [...] Cala-te, mulher! Eu não tenho vergonha de contar isto, eu não me importa, toda a gente pode ouvir! Não tenho medo! Agora já se pode falar alto! A senhora pergunte, pode perguntar que eu respondo, tenho quem me oiça. (Gonçalves, 1991: 58)

Na realidade, se ele não enunciar a sua história, ninguém a vai contar por ele e é urgente que a sua narrativa seja ouvida. A identidade portuguesa de Manuel é uma identidade ferida, não tanto pelo tempo passado no exterior, mas bastante mais pelas experiências vividas na própria terra, que sempre o marginalizou e nunca o fez sentir-se parte dela. Este



ressentimento em relação a uma pátria madrasta torna-se evidente quando evoca a sua infância:

— [...] Tantas vezes que vim cá em criança! Às vezes, nem a minha mãe sabia de mim até que chegava à casa com as mãos cheias de chirões secos pra fazermos o lume. Era a lenha do pobre. Se era boa? Era boa, era, porque não tínhamos outra, mas fazia muito fumo e levava tempo a arder. [...] Não podíamos ir buscar lenha à mata porque os lavradores corriam com a gente. Dizia o Caetano que Portugal era nosso! Nada lhe encontrei de meu a ir buscar acendalhas para fazer lume e ser sempre corrido. (*Ibidem*: 62)

A ausência desse sentimento de pertença explica que a personagem nunca apresente a pátria como o espaço ideal, de contornos idílicos, e se assuma como crítica contundente do presente e do passado, indagando a causa das injustiças de que foi alvo. É ainda essa ausência que faz com que, apesar de saber as dificuldades com que se confrontará no estrangeiro, Manuel deseje ainda voltar a emigrar, desta vez para o Canadá, em busca da liberdade que não consegue encontrar em Portugal.

No entanto, o seu distanciamento da cultura portuguesa não é absoluto, uma vez que assume como seus valores e tradições da sociedade portuguesa, religando-o a essa identidade primordial. Estes valores encontram-se plasmados no seu entendimento dos papéis de género, tornado explícito através de alguns traços do seu comportamento e do seu discurso acerca dos outros, nomeadamente sobre as mulheres. Assim, Manuel condena, por exemplo, o excesso de liberdade das mulheres estrangeiras, que fumam e assumem frontalmente a sua sexualidade, como acontece com as jugoslavas. É o típico homem lusitano conservador que fala sobre a mulher do Daniel<sup>33</sup> e a condena por ter deixado o marido, concordando com a afirmação do Arlindo: «— [...] Como se um português se afizesse a isso!» (*Ibidem*: 89), na qual, como bem nota Sílvia Renato Jorge, a associação entre o nacionalismo e o mito da masculinidade reforça «a hipótese de que a configuração tradicional da identidade portuguesa escora-se em valores não apenas imperialistas, mas também na afirmação sexista do masculino em detrimento do feminino» (Jorge, 2009: 65). É exatamente por isso que para ele é natural que um homem esteja com outras mulheres «só duas ou três vezes, que é só para enxovalhar, só para enxovalhar» (Gonçalves, 1991: 81), mas afirma que «uma mulher há-de ser só dum homem. E tem tempo. É quando se casar» (*Ibidem*: 81).

---

<sup>33</sup> A mulher do Daniel também é uma figura anónima, como acontece com a esposa de Manuel. No seu caso, o anonimato enfatiza a sua marginalização e condenação inapelável, por ser considerada desavergonhada e traidora.

Como foi referido anteriormente, a identidade de esposa de Manuel encontra-se intimamente ligada às tarefas domésticas que preenchem o seu quotidiano, confinando-se ela própria ao espaço tradicionalmente atribuído à mulher. Por isso, são os detalhes do dia-a-dia que catalisam a sua rememoração e servem como ponto de referência para que possa estabelecer o seu lugar no mundo. É através deles que relata a sua experiência de emigração, agora que está em Portugal, e foi através deles que manteve viva a cultura portuguesa enquanto se encontrava na Alemanha, assim preenchendo o vazio deixado pela terra ausente. As saudades da terra que se deixou, seja ela Portugal ou a Alemanha, apresentam-se, assim, através das memórias fragmentárias de um passado insistentemente evocado. Em Bremerhaven, sentia a falta dos coentros e, por isso, plantaram-nos na horta. Em Porto Covo, não há lojas grandes, como as que visitava na Alemanha, onde podia encontrar tudo. Em Bremerhaven, visitava a floresta, por não ter outro espaço onde passar o tempo livre, mas sentia sempre saudades do mar. Em Portugal, vive perto do mar, mas recorda a floresta com nostalgia. Esta situação pode sintetizar-se nas palavras extraídas do ensaio *Maneira de Ser do Emigrante Português*, de Adalino Cabral: «É natural que o emigrante nem pode estar lá, no torrão, nem cá, na terra acolhedora, simultaneamente. Precisa de estar na terra nova, mas precisa da sua nativa também» (Cabral, 2004: 1).

Inversamente ao que se verifica com Manuel, a fragmentação da identidade da mulher parece fortalecer os laços afetivos com Portugal (cf. Jorge, 2009: 56), espaço ao qual efetivamente ela pertence. Sílvia Renato Jorge salienta ainda o facto de que, nela, «as imagens trazidas da Alemanha não recuperam a sensação de liberdade apontada pelo marido, a não ser quando se refere à floresta» (*Ibidem*: 57), como podemos verificar no seguinte excerto: «— [...] Olhe que talvez pudesse fazer versos à floresta, à mata da estação, quando lá íamos ao domingo, em Bremerhaven. Era a coisa melhor que lá tínhamos, que o resto era só frio, só negro, só trabalho» (Gonçalves, 1991: 137). Desta maneira, apesar de poder encontrar alguns aspetos positivos na vida da Alemanha, são os negativos que sobressaem, levando-a a solicitar o regresso a Portugal, onde deseja permanecer e criar a sua filha, para que esta tenha uma infância mais próxima da tradição portuguesa.

Apesar das dificuldades passadas em Portugal, encontrando-se Manuel na Alemanha, a sua mulher e os seus amigos procuravam qualquer ligação com a pátria, sobretudo através da língua portuguesa: «— [...] Estávamos sempre a ver se apanhávamos

alguma coisinha em português, quando ouvíssemos uma voz portuguesa a falar era um contentamento!» (*Ibidem*: 79). A língua funciona com um elo de ligação entre os indivíduos e a sociedade, porque esta lhes permite partilhar as suas memórias e criar laços intersubjetivos. Enquanto se encontravam na Alemanha, procuravam manter o contacto com a cultura portuguesa através da língua. Após o regresso a Portugal, é a língua alemã que desempenha o papel de persistente traço de união entre eles e a terra estrangeira, insinuando, pela contaminação do seu discurso, as suas interidentidades. Esta mescla linguística torna-se, sobretudo, evidente no caso do Manuel, que continua a utilizar o termo *Frau* para referir-se à sua mulher.

Em *Uma Aventura Inquietante*, encontramos um caso diferente, oposto apenas na aparência, em que o protagonista escolhe permanecer na terra alheia. Zacarias escolhe a Bélgica para estabelecer-se, por identificar-se com o estilo de vida da burguesia de Bruxelas, mas, ao longo da diegese, encontramos diversas demonstrações de que a sua identidade, apesar de cindida, é principalmente portuguesa. Esta identidade aparece frequentemente tematizada através das evocações de um «eu» coletivo, através das quais Zacarias reivindica o seu lugar na cultura portuguesa: «— [...] Nós, portugueses, temos imenso em comum com os russos, a confusão mental, por exemplo, embora, *hélas*, sem Dostoievski!» (Miguéis, 1989: 88-89). É através deste ângulo português que procura definir-se e exprimir as suas emoções, dando lugar a um «eu» híbrido que é individual, mas procura sentimentos coletivos, evocando figuras da literatura e a cultura portuguesas, como por exemplo:

Tinha vivido a seu modo, homem de negócios por necessidade, no fundo um pequeno Fradique, o seu modelo bem-amado. (*Ibidem*: 101)

«Morrer, mas devagar!» Sentiu-se acuado, quase heróico, sebastico. (*Ibidem*: 138)

Estas referências culturais, que reforçam a presença do orgulho de ser português vislumbrado no capítulo introdutório, também se encontram presentes no seu discurso, que, apesar de ser proferido num francês exemplar, é contaminado por expressões que fazem parte da língua portuguesa:

«Meti-me numa camisa de onze varas». (*Ibidem*: 121)

«É de fazer chorar as pedras da calçada». (*Ibidem*: 122)

— Acrescentarei apenas que tudo isto é uma história da carochinha. (*Ibidem*: 142)

«Justos céus!», murmurou Zacarias. (*Ibidem*: 143)

— Obrigado, querida madame. E tenha fé, que a verdade há-de saber-se um dia. Lá dizem na minha parvónia: «Até ao lavar dos cestos é vindima!». (*Ibidem*: 149)

Estas expressões constituem, como justamente assinala Eduardo Lourenço, deslizos na narrativa de Rodrigues Miguéis, «mas são também pedaços de pátria no bico da caneta, marcas de exílio às avessas delimitando-lhe “fisicamente” os limites da ficção» (Lourenço, 2001: 52). Esse exílio não é apenas o do autor, mas também o da personagem que, apesar de ter escolhido permanecer em terras belgas, é, ainda e sempre, o emigrante descrito por Adalino Cabral, que nunca quis deixar de ser português (cf. Cabral, 2004: 3). É aquele que, mais tarde, procurará preservar e partilhar esses pedaços de pátria com os outros, através da comida portuguesa que serve no seu café, pois ele tem consciência que «a sobrevivência da cultura em terras alheias depende por completo na vontade do coração português» (*Ibidem*: 2).

Porém, apesar das experiências adversas vividas em solo belga, o apego de Zacarias à pátria não é suficiente para fazê-lo voltar a Portugal. Aliás, já no passado não tinha sido motivação bastante para fazê-lo ficar. Os anos passados em África tinham-no já afastado da terra natal e, por isso, quando regressara a Lisboa «com a secreta alegria de sentir-se “estrangeiro na própria terra natal”» (Miguéis, 1989: 104), assume para sempre uma identidade mista que lhe permitia amar a pátria (apenas) à distância.

Adalino Cabral explica que

O emigrante é produto do seu ambiente — ou, melhor, dos seus ambientes — como todos — e embora possa não apreciar tudo da sua própria vida passada pré-emigratória — por motivos absolutamente justificáveis — ainda continua a gostar muito. E é precisamente esse «muito» que lhe ajuda a viver mais tranquilamente num ambiente mais seguro e pacífico. (Cabral, 2004: 6)

Apesar de ter vivido uma infância traumática na Ucrânia, Andriy preserva carinhosamente as memórias familiares e são elas que lhe dão alento para continuar a lutar por sobreviver em Portugal. A sua identidade começa a sofrer alterações desde o início da sua experiência como imigrante. O facto de enfrentar só um mundo tão diferente do seu, vendo-se na

necessidade de abandonar os valores que lhe foram inculcados desde cedo, para conseguir sobreviver, desequilibra a sua relação com o mundo.

A sua identidade surge, assim, cindida entre um antes e um depois da migração, tempos estes que, por vezes, coabitam em relação tensa e conflitual. Ou seja, Andriy ucraniano, sensível, bem-educado e secretamente culto que se apaixona pela Quitéria, apesar das diferenças de idade e cultura, coexiste com aquele outro que trocou muitos dos seus valores no impiedoso *struggle for life* em Portugal, o que se transformou numa máquina de trabalho para alcançar o homem de ouro, apagando todos os vestígios do seu «eu» ucraniano. Estas duas identidades dão lugar a uma terceira, diferente, a do Andriy que entende que o amor pode ser motivo suficiente para viver e que, mesmo que regresse à Ucrânia, nunca poderá viver ali da mesma forma, por saber antecipadamente que «o regresso, tantas vezes impossível, encontra-se impregnado de riscos, já que o país que se encontra nunca é o mesmo que se deixou» (Gago, 2012: 120). A inter-identidade de Andriy implanta-se nesse terceiro espaço que permite a comunicação efetiva entre ele e Quitéria, porque, nesse hiato transcultural, nem ela é portuguesa nem ele é ucraniano. São apenas pessoas.

Como vemos, as identidades dos migrantes são sempre fragmentadas, obrigando-os a viver num espaço intervalar, independentemente de se encontrarem na sua terra natal ou no estrangeiro, porque o contacto com o «outro», quem quer que ele seja, através da rejeição ou da exclusão, vai transformar indelevelmente a sua ontologia. Desta forma, torna-se evidente que aquela se altera com a passagem do tempo, pois, como afirma Stuart Hall, «a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia» (Hall, 2005: 13).



## Conclusão

As obras que integram o *corpus* da nossa dissertação configuram apenas uma amostra do universo de obras que trata o tema das migrações, tanto de forma central como de forma transversal. Ao selecionarmos obras que apresentam características tão diferentes, no que respeita à sua inscrição periodológica e à sua filiação genológica, procurámos evidenciar o modo como o tema das migrações tem atravessado a literatura portuguesa ao longo da sua história. Assim, uma das questões que desde logo reclamou a nossa atenção prende-se com o facto de, através de processos diversificados, os autores estudados produzirem uma espécie de desafio da tradição romanesca, criando textos que, de certa forma, refletem as alterações sofridas pelo contexto histórico-literário em que se inscrevem. Por outro lado, ao colocarem o foco de atenção sobre personagens de realidades marginais, verificamos que os autores procuram contar as histórias que nunca foram contadas, de forma a darem a conhecer o outro lado da épica migratória, onde os heróis sofrem de exclusão e maus tratos por parte daqueles que não aceitam a sua presença. Por isso, as histórias relatadas não são necessariamente histórias felizes, são histórias que mostram como, em qualquer época e em qualquer parte do mundo, o estrangeiro é visto com desconfiança.

Assim, na sequência da análise imagológica dos textos que integraram o nosso *corpus*, podemos neste momento final deduzir algumas conclusões acerca do modo como os estrangeiros são representados nestas obras e sobre a forma como estes se integram, ou não, nas sociedades de acolhimento. A primeira conclusão que apresentamos é a de que todos os estrangeiros são vistos com desconfiança, porque dão origem a uma alteração na ordem social, a qual muitas vezes resulta incompreensível para os nativos. Tanto no caso dos que regressam à terra natal, como Manuel e a sua mulher (personagens do romance de Olga Gonçalves), como no daqueles que chegam a uma terra alheia, como Zacarias (*Uma Aventura Inquietante*) e Andriy (*O Apocalipse dos Trabalhadores*), a presença do estrangeiro implica uma mudança no funcionamento da sociedade de acolhimento e na hierarquia social da mesma. Seja porque os cidadãos nativos não entendem a posição do estrangeiro na sociedade, seja porque este levanta uma série de questões relativamente aos padrões pré-estabelecidos, o estrangeiro tem sido sempre associado aos estereótipos existentes, numa tentativa de qualificar a sua presença e de tentar classificar o que é desconhecido.

Uma segunda conclusão aponta para o facto de os estrangeiros serem frequentemente representados no seu papel de trabalhadores incansáveis. Apesar de guardarem relações diferentes com o trabalho, é através dele que os estrangeiros representados nas obras procuram a liberdade, seja ela figurativa ou real. Deste modo, se Andriy procura alcançar o estatuto de «homem de ouro», e se Manuel e a sua mulher constroem o seu quotidiano através do trabalho, esperando através dele alcançar a liberdade propiciada pelo conforto económico, é também através do trabalho (não remunerado como atividade profissional) que o Zacarias consegue descobrir a verdade e recuperar a sua liberdade. Se bem que o trabalho em causa se encontra mais ligado às identidades de Manuel, da sua esposa e de Andriy, não podemos esquecer que Zacarias também conquistou a sua posição social através do trabalho e que, enquanto preso, viu nele o único meio de alcançar a liberdade.

Em terceiro lugar, concluímos que a interação do estrangeiro com a sociedade é de vital importância para a sua integração, frequentemente instabilizada pela distância linguística, porque o próprio estrangeiro decide isolar-se ou porque a sociedade o exclui. Em face do exposto, vemos como em *Uma Aventura Inquietante* e em *O Apocalipse dos Trabalhadores* a integração de Zacarias e de Andriy, nas sociedades belga e portuguesa, respetivamente, só acontece através da relação amorosa que ambos estabelecem com uma mulher nativa, pois elas representam o seu maior, ou talvez único, elo de ligação com a cultura do país onde vivem.

Em quarto lugar, cremos ser digna de realce a forma como a interação dos estrangeiros com a cultura do país de acolhimento dá lugar a interidentidades que conjugam elementos de ambas culturas no mesmo indivíduo. Como vimos, em graus e de formas diferentes, os estrangeiros que encontramos nas obras em análise vivem num espaço intervalar, ou num terceiro espaço, no qual já não são aquilo que eram quando abandonaram o seu país de origem. Isto é sobretudo visível em Manuel e na sua mulher, pois, apesar de terem voltado à sua terra natal, já não conseguem ver o mundo e a sua cultura da mesma forma e passam a questionar e a comparar constantemente as realidades que viveram.

Finalmente, concluímos que a marginalização é mais dolorosa quando a recompensa que o estrangeiro obtém não é suficiente. No caso de Manuel e da sua esposa, como eles tinham sido marginalizados durante toda a vida, sem conseguirem obter



nenhuma recompensa, o facto de terem sido marginalizados enquanto imigrantes, na Alemanha, onde conseguiram obter o dinheiro que em Portugal nunca conseguiriam, apresenta-se como menos doloroso do que o passado de marginalização na própria terra. No caso de Andriy, a maior dificuldade de viver na margem é a solidão e ser levado a comprovar que os seus esforços não são recompensados de nenhuma maneira; ele continua a esforçar-se por trabalhar mais, mas não consegue obter mais dinheiro para enviar aos pais, nem consegue sequer ter notícias deles.

Desta forma, compreendemos que a experiência migratória não é tão fácil e harmoniosa como muitos imaginam. Ela sempre foi, e continuará a ser, um caminho cheio de obstáculos para aqueles que decidem empreender a aventura de abandonar o seu próprio país. Muitos decidem ir atrás dos mitos da terra prometida, mas poucos os conseguem encontrar. A verdade é que o caminho do migrante, seja ele real ou ficcional, nunca será fácil, porque ele, quando parte, nunca imagina o que realmente o espera do outro lado.



# Bibliografia

## 1. Bibliografia ativa

### 1.1. *Corpus principal*

GONÇALVES, Olga (1992 [1975]). *A Floresta em Bremerhaven*. 4ª edição. Lisboa: Editorial Caminho.

MÃE, Valter Hugo (2013 [2008]). *O Apocalipse dos Trabalhadores*. 5ª edição. Carnaxide: Editora Objectiva.

MIGUÉIS, José Rodrigues (1989 [1958]). *Uma Aventura Inquietante*. 6ª edição. Lisboa: Editorial Estampa.

### 1.2. *Outras obras*

CASTRO, Ferreira de (1935). *Emigrantes*. Lisboa: Guimarães & C.<sup>a</sup>

## 2. Bibliografia crítica sobre os autores estudados

BARBOSA, Andreia A. (2008). «Assim... de quatro em quatro anos eu mudo» [Entrevista a Valter Hugo Mãe]. *Semanário Labor*. 16 de Outubro de 2008. Disponível em: <http://www.labor.pt/noticia.asp?idedicao=151&idseccao=1536&id=7265&action=noticia>  
Data de consulta: 20 de outubro de 2015.

BESSE, Maria Graciete (2000). *Os Limites da Alteridade na Ficção de Olga Gonçalves*. Porto: Campo das Letras.

COUTINHO, Isabel (2008). «Entrevista de valter hugo mãe (com as linhas desaparecidas)». *Revista Ípsilon*. 1 de Agosto de 2008. Disponível em: <http://blogues.publico.pt/ciberescritas/2008/08/01/entrevista-de-valter-hugo-mae-com-as-linhas-desaparecidas/> Data de consulta: 10 de outubro de 2015.

DUARTE, Maria Angelina (2001). «José Rodrigues Miguéis e as suas Mulheres». In ALMEIDA, Onésimo Teotónio (coord.). *José Rodrigues Miguéis: Lisboa em Manhattan*. Lisboa: Editorial Estampa, pp. 129-140.

FILIPPE, Rafael Gomes (2001). «A Odisseia da Personagem na Ficção de Miguéis». In ALMEIDA, Onésimo Teotónio (coord.). *José Rodrigues Miguéis: Lisboa em Manhattan*. Lisboa: Editorial Estampa, pp. 163-182.

GAGO, Dora Nunes (2012). «Escre(vi)ver a Diáspora: Retratos da Emigração em Ferreira de Castro e José Rodrigues Miguéis». *InterDISCIPLINARY Journal of Diaspora Studies*. Vol. 1. pp. 101-122.

KAYMAN, Martin A. (2001). «Policial». In *Biblos: Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*. Vol. IV. Lisboa: Verbo, pp. 306-319.

JORGE, Silvio Renato (2009). *Sobre Mulheres e Estrangeiros: Alguns Romances de Olga Gonçalves*. Niterói: Editora da UFF.

LOURENÇO, Eduardo (2001). «As Marcas do Exílio no Discurso de Rodrigues Miguéis». In ALMEIDA, Onésimo Teotónio (coord.). *José Rodrigues Miguéis: Lisboa em Manhattan*. Lisboa: Editorial Estampa, pp. 45-56.

LUCAS, Isabel (2008). «Acho que um dia destes vou morrer de amor». [Entrevista a Valter Hugo Mãe]. *Diário de Notícias*. 31 de Julho. Disponível em: [http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=995884](http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=995884) Data de consulta: 13 de outubro de 2015.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de (1986). «As Mulheres Emigrantes e o Tempo em *A Floresta em Bremerhaven* de Olga Gonçalves». *Análise Social*. Vol. XXII (92-93). 3º-4º, pp. 579-597.

MARQUES, Carlos Manuel (2009). «*Deus, Pátria e Família*» na *Literatura da Pós-Modernidade: Uma Abordagem de o nosso reino de Valter Hugo Mãe*. Lisboa: Universidade Aberta (Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares).

MOURÃO-FERREIRA, David (2001). «Avatares do Narrador na Ficção de José Rodrigues Miguéis». In ALMEIDA, Onésimo Teotónio (coord.). *José Rodrigues Miguéis: Lisboa em Manhattan*. Lisboa: Editorial Estampa, pp. 69-80.

SANTOS, MARIA NAZARÉ GOMES DOS (1996). «Gonçalves, Olga». In Machado, Álvaro Manuel (org.). *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, p. 228.

SILVA, Maria Manuela da (2010). *A Construção do Romance em José Rodrigues Miguéis: A Pluralidade dos Mecanismos Processuais de Escrita*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Tese de Doutoramento em Literaturas e Culturas Românicas).

SIMÕES, Maria João (2011b). «Imagologia Literária: Temas e Imagotipos em Lídia Jorge e Valter Hugo Mãe». In SIMÕES, Maria João (coord.). *Imagotipos Literários: Processos de (Des)Configuração na Imagologia Literária*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, pp. 215-243.

### 3. Bibliografia geral

- ANDERSON, Grace M. & DAVIS, J. Campbell (1990). «Portuguese Immigrant Women in Canada». In HIGGS, David (ed.). (1990). *Portuguese Migration in Global Perspective*. Toronto: Multicultural History Society of Ontario. pp. 136-144.
- BAPTISTA, Maria Manuel (2004). «Estereotipia e Representação Social – Uma Abordagem Psico-Sociológica». In BARKER, Anthony David (coord.). *O Poder e a Persistência dos Estereótipos / The Power and Persistence of Stereotyping*. Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 103-116.
- BRETTEL, Caroline (1990). «Leaving, Remaining, and Returning, Some Thoughts on the Multifaceted Portuguese Migratory System». In HIGGS, David (ed.). (1990). *Portuguese Migration in Global Perspective*. Toronto: Multicultural History Society of Ontario, pp. 61-80.
- CABRAL, Adalino (2004). *Maneira de Ser do Emigrante Português*. Boston. 6 f. [texto inédito policopiado].
- CIESZYŃSKA, Beata Elżbieta (2010). «O(s) Mito(s) da Península Ibérica na Polónia e em Outros Países do Antigo “Bloco de Leste”». In FRANCO, José Eduardo; PINHEIRO, Teresa & CIESZYŃSKA, Beata Elżbieta (coords.). *Europa de Leste e Portugal: Realidades, Relações e Representações*. Lisboa: Esfera do Caos Editores, pp. 51-66.
- COSTA, Alexandre (2010). *A Criação da Categoria de Imigrantes em Portugal na Revista Visão: Jornalistas entre Estereótipos e Audiências*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa: ACIDI.
- FIGUEIREDO, Eurídice & NORONHA, Jovita Maria Gerheim (2006). «Identidade nacional e identidade cultural». *Revista Psicanálise & Barroco*. Ano 5, Nº 9, s/p. Disponível em: <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/portugues/revista/leitura.asp?CodObra=102&CodRev=9> Data de consulta: 05 de outubro de 2015.
- GARCIA, José Luís (2000). «Epílogo». In GARCIA, José Luís (org.). *Portugal Migrante: Emigrantes e Imigrados, Dois Estudos Introdutórios*. Oeiras: Celta Editora, pp. 109-112.
- HALL, Stuart (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A.
- HOUAISS, António; VILLAR, Mauro de Salles & FRANCO, Francisco de Mello (dirs.) (2003). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates.
- HUTCHEON, Linda (1991). *Poética do Pós-Modernismo: História, Teoria, Ficção*. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora.

JERÓNIMO, Helena Mateus; ROVISCO, Maria Luís; ALMEIDA, Cristina Matos & LOPES, José Carvalho (2000). «Parte I | A Emigração Portuguesa: Uma Breve Introdução». In GARCIA, José Luís (org.). *Portugal Migrante: Emigrantes e Imigrados, Dois Estudos Introdutórios*. Oeiras: Celta Editora, pp. 11-63.

KALEWSKA, Anna (2010). «O Imaginário Português na Polónia: O Estereótipo de um Português na Polónia ou as Ideias que Formamos nas Nossas Cabeças, Muito Longe dos Perigos da Vida». In FRANCO, José Eduardo; PINHEIRO, Teresa & CIESZYŃSKA, Beata Elżbieta (coords.). *Europa de Leste e Portugal: Realidades, Relações e Representações*. Lisboa: Esfera do Caos Editores, pp. 83-92.

KRISTEVA, Julia (1994). *Estrangeiros para Nós Mesmos*. Trad. de Maria Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

MENDES, Ana Paula Coutinho (2000). «Imagologia Literária: Contornos Históricos e Princípios Metodológicos». In OUTEIRINHO, Maria de Fátima & MARTELO, Rosa Maria (orgs.). *Cadernos de Literatura Comparada – I*. Publicação do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras do Porto. Porto: Granito Editores e Livreiros, pp. 93-100.

PIRES, Daniel (1986). *Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do Século XX*. Lisboa: Contexto Editora.

ROSA, Victor Pereira da & TRIGO, Salvato (1990). «Islands in a Segregated Land: the Portuguese in South Africa». In HIGGS, David (ed.). *Portuguese Migration in Global Perspective*. Toronto: Multicultural History Society of Ontario, pp. 182-189.

ROUSSINOVA, Olga (2010). «Portugal na RuNet: O Espaço das Descrições e o Espaço do Olhar». In FRANCO, José Eduardo; PINHEIRO, Teresa & CIESZYŃSKA, Beata Elżbieta (coords.). *Europa de Leste e Portugal: Realidades, Relações e Representações*. Lisboa: Esfera do Caos Editores, pp. 105-116.

ROVISCO, Maria Luís (2000). «Onde começa a diferença?». In GARCIA, José Luís (org.). *Portugal Migrante: Emigrantes e Imigrados, Dois Estudos Introdutórios*. Oeiras: Celta Editora, pp. 65-74.

RUTHERFORD, Jonathan (1990). «The Third Space. Interview with Homi Bhabha». In RUTHERFORD, Jonathan. *Identity: Community, Culture, Difference*. London: Lawrence and Wishart, pp. 207-221.

SILVA, Pedro Alcântara da (2000). «Imigração, “Minorias Étnicas” e Comunidade Cigana». In GARCIA, José Luís (org.). *Portugal Migrante: Emigrantes e Imigrados, Dois Estudos Introdutórios*. Oeiras: Celta Editora, pp. 75-108.

SIMÕES, Maria João (2011a). «Cruzamentos Teóricos da Imagologia Literária: Imagotipos e Imaginário». In SIMÕES, Maria João (c.). *Imagotipos Literários: Processos de*

*(Des)Configuração na Imagologia Literária*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, pp. 9-51.